

KATHERINE YORK

1 Par Imperfeito





K A T H E R I N E Y O R K

Par Imperfeito

**Par Imperfeito @ 2020. Todos os direitos reservados.
Obra protegida pela Lei 9.610 de 1998 (Lei de Direitos Autorais)**

É proibida a reprodução gratuita ou comercial dessa obra sem a autorização da autora. É proibida a reprodução parcial da obra, mesmo que de forma gratuita, sem os devidos créditos. Par Imperfeito é uma obra de ficção, qualquer semelhança com pessoas ou fatos reais é mera coincidência.

Plágio é **CRIME**.

Capa: Larissa Chagas
Revisão: Claudia Naine

Sinopse

Allegra Hunt cruzou o país para se sentir mais livre sem pais, irmãos, tios e primos tentando dizer o que ela poderia ou não fazer. Brandon Blake queria sair da sombra da família, deixar de ser o homem certo com o terno correto, cabelo milimetricamente perfeito e o emprego ideal. O empresário joga tudo para o alto por algo só seu, bem longe de Chicago.

O destino sempre encontra um jeito.

Quando Brandon conhece Allegra, ela se torna sua nova obsessão, mas eles se perdem em uma confusão de identidade. Anos depois, o casal volta a se encontrar para uma segunda chance, agora como eles mesmos. O mais velho dos Blake se torna o chefe da filha mais nova de Jason Hunt e depois seu amigo, mas como o milionário vai reagir ao saber que ela mentiu sobre quem realmente era?

“Par Imperfeito” é um livro derivado das séries “Dos Sonhos” e “Irmãos Hunt”, que traz personagens das histórias anteriores e a famosa "lenda dos Blake". O spin-off pode ser lido separadamente.

[Capítulo 1](#)
[Capítulo 2](#)
[Capítulo 3](#)
[Capítulo 4](#)
[Capítulo 5](#)
[Capítulo 6](#)
[Capítulo 7](#)
[Capítulo 8](#)
[Capítulo 9](#)
[Capítulo 10](#)
[Capítulo 11](#)
[Capítulo 12](#)
[Capítulo 13](#)
[Capítulo 14](#)
[Capítulo 15](#)
[Capítulo 16](#)
[Capítulo 17](#)
[Capítulo 18](#)
[Capítulo 19](#)
[Capítulo 20](#)
[Capítulo 21](#)
[Capítulo 22](#)
[Capítulo 23](#)
[Epílogo](#)

Capítulo 1

Allegra
Seis anos antes



Existem aqueles pequenos momentos em que as pessoas acham que ninguém está vendo. O instante em que se perde toda a proteção social, de tentar se portar bem em vez do que realmente se quer. Gosto de vê-los quando envolvem amor, caminho... quando acontecem entre minha mãe e meu pai, amo ainda mais. Eu invejo, realmente invejo, esse nível de devoção, como se, no momento que trocassem olhares, estivessem sozinhos no mundo.

Algumas pessoas têm medo do meu pai. Ele sempre pareceu duro, zangado, sério demais. O tamanho e as tatuagens não ajudam. Jason Hunt estava perto dos 60 e continuava afiado e amedrontador. Lizzie, minha mãe, suavizava esse seu lado. Crescendo ao redor desse amor, não sentia nada disso. Meus pais eram suaves, ternos, entre eles e conosco.

Enquanto os observo, escondida pelas paredes da cozinha, me emociono. É minha última manhã na nossa casa e estou animada e assustada pela perspectiva das próximas semanas. Era oficialmente a última a sair do ninho, de uma Los Angeles que eu amava odiar, com parentes por todos os lados. Nós éramos uma família enorme, doze adultos, dez filhos, sem contar os amigos próximos. Quando fomos crescendo, nós nos espalhamos por aí.

Alice, a prima mais velha e filha dos tios Logan e Emma, se tornou uma diretora importante na Hunt Enterprise, uma cabeça inteligente e centralizadora que dava orgulho para meu pai e meus tios. Ela e Nolan se conheceram nos primeiros anos dela na empresa e foi amor à primeira farpa. Liv se tornou assistente social. Ela dizia que a visita à Coreia com os pais mudou sua perspectiva sobre suas origens e queria dar algum conforto para as crianças do sistema. Às vezes, ela ficava zangada, outras, adorava o que

fazia, mas se sentia bem no final do dia. Ela e David tinham acabado de se casar e viviam uma lua de mel enjoada de assistir.

Mandy se encantou com rochas desde pequena e terminou se especializando em geologia. Vivia na Virgínia com a esposa Evelyn, se dedicando a estudos topográficos no USGS e passava a vida tentando nos convencer que acampar ao ar livre era incrível e revigorante. James, o filho mais novo de meus tios Matt e Sarah, estudava em Berkeley e estava de malas prontas para ir para Wharton, na Pensilvânia, no próximo verão. James era a pessoa mais próxima de mim, e eu sentiria muito sua distância. Éramos como unha e carne, como gêmeos implicantes.

Minha prima Anna tinha seguido carreira como seus pais, meus tios Blair e Jack, e trabalhava no cinema. Ela agora estava na Broadway, dançando e cantando sua alma em uma nova adaptação de *Funny Girl* — que nós todos fomos ver algumas vezes. Rose não gostava tanto da exposição e se tornou uma roteirista, já participando de grupos de algumas séries da Netflix. Meu último primo, do ramo da família das celebridades e filho dos tios Victoria e Liam, era Dylan, com seus cabelos cacheados sempre um pouco longos demais e ruivos como os da mãe, chamava atenção por sua arte. Ele tinha se tornado artista plástico e desde os 14 anos expunha em algumas galerias pelo país. Era muito raro vê-lo fora de casa, onde ele passava os dias enfurnado em seu estúdio.

Trevor e Noah, meus irmãos, eram conhecidos pela imprensa como os dois solteiros milionários mais desejados. Eles só riam e brincavam sobre seus músculos — é sério, Trevor e Noah eram construídos de músculos e tamanho. Aos 16 anos, Trevor já tinha passado o tamanho de papai. Noah seguiu o irmão e ambos tinham ombros enormes e músculos delineados por ternos feitos sob medida. Trevor cursou direito em Yale e se apegou à área que tio Logan criou na empresa. Já Noah estudou administração, também em Yale e era o braço direito de meu pai. Entre Alice, Trevor, Noah e em alguns anos James, o futuro da Hunt Enterprise estava decidido.

Enquanto isso, eu me sentia uma batata.

Uma doce, amada e sempre acolhida batata. Não tinha 10% do charme e da personalidade dos Hunt.

Era a mais nova e vendo todos eles conquistarem o mundo, ficava com vontade e inveja. Às vezes me sentia um pouco acuada com a família. Minhas primas, primos e irmãos eram maravilhosos, musculosos, com sorrisos brilhantes. Eu tinha um sério grau de miopia. Era também um pouco acima

do meu peso, mas minha mãe sempre me lembrava de que um sangue latino com muitas coxas e bunda passava por minhas veias.

— Tudo bem, Allegra? – Ouço a voz da minha mãe e me viro para vê-la – está aí parada há algum tempo.

Minhas bochechas ficam vermelhas de vergonha e eu sorrio, sendo pega. Os braços do meu pai estão ao redor dos da minha mãe e ele me sorri encorajador.

— Tudo bem... É só diferente. Tenho medo do que está por vir. É minha última manhã – respondo, ajeitando meus óculos ao meu rosto.

— Você está começando sua vida, minha filha. Deveria estar ansiosa, nervosa e tudo o mais – minha mãe fala e se aproxima de mim, me puxando para seus braços. É tão bom abraçá-la.

— Eu sei... mas amanhã já não vou ter vocês dois pelos cantos, a família entrando e saindo da minha vida. Tudo muda em um instante.

— A vida muda para todo mundo, Alle. Você precisa tomar as rédeas dela. Medo é bom, mas sabe o que é melhor? Enfrentar de peito aberto. Você tem o privilégio de ter sua família por perto para te pegar e acolher se algo acontecer – meu pai sorri amoroso. Suas palavras são sempre tão sábias, ele é sempre tão doce.

— Vou sentir tanto a falta de vocês... – falo e sinto o soluço e meus óculos embaçarem. Ambos me abraçam forte e ficamos em silêncio por alguns segundos.

— Em duas semanas você não vai se lembrar de como era morar com seus pais. Eu aposto isso.

— Talvez sinta falta das coisas mais fáceis por aqui. Nos próximos anos serão montanhas de comida congelada.

— Te criei melhor, Alle... – responde minha mãe, me criticando. Ela tinha se tornado uma fanática por comida saudável e alimentos mais gordurosos e açucarados eram uma exceção na nossa casa – Vai precisar da gente ou decidiu por ir dirigindo?

— Vou sozinha. Vocês já foram comigo no dia da apresentação. Agora é só colocar minhas caixas no carro e partir.

— É uma viagem longa até Nova York.

— Vou precisar do meu carro em algum momento. É melhor levá-lo agora, vocês sabem.

— Faz sentido, mas é uma viagem enorme – ela diz – não dirija cansada, por favor.

— Eu sei, mãe... acho que vou parar no caminho algum turismo... Nevada é o próximo estado...

— Não fale sobre isso com sua tia Emma e seu tio Logan.

— O quê!? – pergunto enquanto meu pai dá uma leve risada.

— A última *roadtrip* que eles fizeram por Las Vegas acabaram em Alice e casamento.

— A menos que fique grávida do Espírito Santo, o que vou conseguir é uma dor nas costas de tanto dirigir.

— Não duvide do poder dessa família, Alle. Coisas estranhas acontecem com os Hunt – minha mãe diz rindo – mas não se assuste. Já está tudo arrumado?

— Noah e Trevor devem chegar a qualquer minuto para ajudar a descer as coisas e se despedir.

— Não trate isso como uma despedida enorme, você está indo para Columbia! Todos nós passamos por Nova York ao longo do ano, não vai se livrar da gente – Mamãe diz me apertando mais.

Era verdade. Tinha um sonho de ir para Columbia desde cedo. Gostava do programa de tecnologia e me esforcei para conseguir o currículo perfeito com as notas certas para conseguir a vaga. No instante em que a confirmação veio, imediatamente meus pais entraram no modo de resolver minha mudança e alguns meses nos trouxeram até aqui: o último dia.

Tivemos mais alguns minutos chorosos até que ouvimos a porta. Trevor chegou, nos cumprimentando. Noah veio em seguida. Meu e seus corpos musculosos com 12% de gordura arrumaram as caixas em meu carro. O mistério é como eu conseguiria arrumar tudo quando chegasse em Columbia. Nós tomamos café juntos e parti, deixando Los Angeles para trás.

Eu estava morta no instante em que cheguei a Nova York. No primeiro dia, dormi em um hotel de Utah, no segundo, em Nebraska, no terceiro e achando a ideia de dirigir para Columbia um das piores escolhas que fiz na vida, em Chicago. Minhas costas doíam, minha bunda também. Ouvi mais álbuns do que poderia imaginar e já estava cansada de dirigir. Meus pais começaram a sugerir um voo de avião, mas eu era teimosa: se disse que faria, chegaria.

No final do quarto dia, vi a paisagem de Nova York surgir. Pelo menos o dormitório era mobiliado e poderia ir diretamente para minha cama, onde, pelo meu cansaço, dormiria por umas 20 horas seguidas. Entrei no campus da Columbia indo direto para o Carman Hall, um dos dormitórios dedicados para os estudantes do primeiro ano e que seria minha nova casa.

O que me consolava sobre as horas dirigindo era que tudo estava comigo, mas resolveria isso no dia seguinte. Faria a mudança, mexeria nas caixas, mas hoje, tão tarde e tão cansada, poderia esperar. Era meu dia zero em Nova York.

Me identifiquei na entrada, me mostraram onde ficaria e apenas com uma mochila com minhas coisas mais importantes, subi até o dormitório. Cai na cama em um sono profundo e só na manhã seguinte observei o ambiente ao meu redor. Pequeno, porém arrumado, com uma cama e uma escrivaninha. Um armário vazio e uma estante. Não tinha colega de quarto, graças a Deus. Apesar de todos acharem que dormitórios costumam ser compartilhados, em Columbia existem muitos quartos individuais e como valorizo meu espaço, pedi um deles. Certos mecanismos de defesa de famílias grandes nunca mudam.

No dia seguinte, aconteceriam as instruções e em três dias, as aulas. Se tudo desse certo, em quatro anos sairia com um diploma em tecnologia e alguns bons contatos. Mas, primeiro, precisaria vencer minha timidez, tentando me encontrar nos corredores do prédio e não sabendo como diabos eu ia tirar minhas coisas do carro sem meus irmãos levantadores de peso.

— Está perdida? – ouço uma voz alegre atrás de mim. É uma garota alta e magra com o cabelo e os olhos cor de chocolate. Ela me sorri balançando a cabeça enquanto continua a tagarelar – todos vocês são tímidos e perdidos no primeiro dia. Ainda bem que me achou!

— É... Sou Allegra Hunt.

— Sou Carol Blake, sua monitora de dormitório. Vamos encontrar seu lugar e pedir para alguns dos caras buscarem suas caixas. Você precisa disso, não é?

— Isso seria de grande ajuda. Eu... eu já sei onde é meu alojamento, cheguei ontem à noite. Mas a ajuda com as coisas seria incrível!

— Eu sei... já estive nesse lugar porque Deus sabe que não consigo me livrar das minhas coisas também. Meu quarto está lotado de sapatos e roupas, ainda bem que o prédio tem mais quartos individuais do que os em dupla. Ia fazer alguém sofrer com a minha confusão se tivesse um colega de quarto...

Sorrio e continuo a ouvir Carol falar sozinha como em um grande monólogo. Ela tem tanta energia que facilmente poderia ser vendida em potes. Sem falar mais do que alguns “sim” ou “não” e apontar para lugares, descubro a vida inteira de Carol em poucos minutos enquanto nos aproximamos do meu carro, que está estacionado em frente do dormitório.

Ela era de Chicago, nascida e criada, e estava há um ano em Columbia, estudando psicologia. Filha de uma escritora e de um empresário e com muitos primos. Exatamente como eu. Era fácil de conversar com ela e, depois de muitas horas, poderia considerá-la uma colega de faculdade.

Carol chamou alguns rapazes e duas horas depois, minha mudança estava completa. Ela me passou as orientações e horários e disse que eu não conseguiria me livrar tão fácil dela. Depois desse dia, Carol foi uma constante e não me enganei a seu respeito. Conforme as semanas e meses foram passando, ela foi cada vez mais presente em minha vida, me forçando a sair da minha concha.

Meus pais, irmãos e primos faziam um milhão de videochamadas e não me deixavam me sentir sozinha um minuto sequer.

— Minha família tem uma casa no Upper East Side, é grande e tem uma sauna e uma adega. Vou dar uma festa na semana que vem em comemoração ao meu aniversário, você vai, não? — Carol perguntou entre as aulas quase no fim do semestre, meses depois de a gente se conhecer.

— Preciso voltar para casa, já tenho passagens marcadas. Vou olhar a marcação do meu voo.

— Cheque as datas, Alle. Será uma festa inesquecível, eu prometo.

— Mas...

— Sem mais, Alle. Está na hora de você finalmente viver um pouco.

Capítulo 2

Allegra



Todos os meus alertas sociais vibravam com essa festa. O prédio era grande, antigo, e tinha apartamentos enormes. O da família de Carol tinha dois andares em uma das partes mais altas da construção. Eu tinha terminado por adiar a minha ida para Los Angeles em uma semana, bem em cima do dia de Ação de Graças para estar aqui. Meus irmãos brigaram um pouco, mas inventei sobre um projeto da faculdade que estava me dando trabalho.

Precisava começar a viver um pouco.

Ok... me esforcei com uma boa roupa e uma maquiagem legal. Até mesmo coloquei lentes. Quando entrei no prédio, comecei a ter segundos, terceiros e quartos pensamentos. Cumprimentei o porteiro, – uma profissão um pouco rara em Nova York – tentando ajeitar meus óculos imaginários e ele me explicou qual elevador deveria pegar para chegar até a casa de Carol.

A minha família tem dinheiro, alguns dos meus parentes inclusive moram em mansões, como tia Victoria. Estava acostumada com os ambientes exclusivos e com cara de que só receberia uma pessoa que ganhasse mais do que alguns milhares de dólares por ano. Ainda assim, estes locais me oprimiam. Desde minha escola de elite ao sonho de uma Ivy League, sabia que precisaria lidar com gente irritante que valoriza cifrões em vez de personalidade.

Só minha mãe sabe o quanto tive problemas com a escola. Noah e Trevor pareciam estar em seu local natural de dominância enquanto eu era a irmã gordinha de óculos. Sabia que não tive um mau tempo na escola devido à lenda que eles deixaram para trás. Fui deixada em paz em nome dos irmãos Hunt.

No momento em que abri a porta da casa de Carol, fui transportada para as

festas da escola. A música alta, a gente bêbada por todos os lados. O corredor cheio de pessoas me deu nervoso apenas de olhar. Em cinco segundos, sabia que não iria resistir àquilo tudo. Não era minha coisa, minha vibe. O plano era procurar Carol, conservar alguns minutos, sair e começar a maratonar uma série policial qualquer

O problema era achar Carol.

Caminhei ao redor da grande sala onde pessoas dançavam e me aventurei até a cozinha, dando de cara com uma grande ilha de bebidas. Peguei uma cerveja que não pretendia tomar, e passei a circular pelos ambientes. O copo era importante para que nenhum desconhecido enchesse meu saco sobre não ter alguma bebida comigo. Cada vez que alguém me oferecia algo, mostrava minha cerveja praticamente cheia e era deixada em paz.

Quando voltei para a sala, um dos amigos esportistas de Carol, que me ajudaram com a mudança, se aproximou.

— Oi, Justin! Viu Carol por aí?

— Alle... Carol não falou que você vinha. Algo sobre sua família, certo? Ela já te viu? Ela tinha ido à adega...

— Ela está lá embaixo?

— Sim... cuidado com a porta, ela não está bem colocada.

— Então a espero aqui em cima.

— Besteira, vá até lá. É uma das partes mais legais da casa. Você viu a sauna? – ele perguntou admirado – é um inferno de casa!

— Olhei uma coisa aqui e outra ali. Justin, se a vir primeiro, fale que estou a procurando, ok?

Caminhei até onde Justin apontou, uma sala que parecia uma biblioteca com um conjunto de mesas e cadeiras bem organizadas. Na lateral, uma pequena porta se destacava, a abri e olhei para a escada, percebendo que era uma descida um pouco inclinada. Assim que entrei, a porta fez um barulho alto e só tive tempo de me afastar. Era uma espécie de porta vai e vem, que parecia travada em seu lugar. Empurrei com as mãos, fazendo força, mas ela não me movia. *Ótimo!*

— Merda... – sussurrei para mim mesma. Empurrei por mais um segundo ou dois antes de soltar um gemido revoltado. Não acredito que estou presa aqui e nem sinal de Carol aqui embaixo.

— A porta bateu? – ouvi a voz no meio da escuridão me fazendo uma pergunta. Era uma voz grossa e masculina, desconhecida, e parecia há alguma distância de mim. Qual é o tamanho dessa adega?

— Sim... quem está aí?

— Bran. Estava preso aqui, você entrou e aconteceu o mesmo. Vamos trazer a festa aqui para baixo – ele disse com a voz um pouco sarcástica – alguém sabe que veio para cá?

— Estava procurando Carol.

— Ela com certeza não está aqui.

— Carol deve me procurar a qualquer momento. Uns amigos dela me disseram que ela estava aqui.

— Conhece Carol?

— Estudamos juntas.

— Qual é seu nome mesmo?

— Eu não disse... – caímos no silêncio e respondo rápido, tentando terminar a troca de palavras – meu nome é Al... Anna, meu nome é Anna.

— Anna, a questão é a seguinte: meu telefone não pega aqui embaixo, não quero ligar a luz do celular para não acabar com a bateria. Sente e vamos esperar alguém abrir. Se quiser testar seu celular, pode ter um sinal melhor que o meu. Passei a última meia hora tentando e nada.

Acendo a tela do meu smartphone e me guio na escuridão, encostando-me numa parede e me sentando. A palavra “sem serviço” brilha em sua glória e me levanto procurando algum sinal. Depois de cinco minutos, desisto e me sento novamente porque nenhum canto deste lugar funciona. Ainda não vi em que ponto da adega está Bran. Não me sinto tão oprimida por estar presa aqui embaixo com um desconhecido. Meus alertas mentais gritam por todos os perigos que estou passando, mas tento me acalmar. Tenho 20% de bateria e decido guardar para tentar novamente daqui a pouco assim como faz meu companheiro de “prisão”.

— O mesmo aqui, não consigo ter sinal.

— Sabe qual é o problema da porta?

— Nem ideia. Desci até aqui para pegar um vinho e fiquei preso em uma armadilha mortal. Você?

— Nem mesmo o vinho – respondo – estava procurando por Carol.

— É mesmo, você disse... – ele fala suspirando – quer vinho?

— O quê!? – pergunto confusa.

— Vinho. Tem umas coisas realmente boas aqui embaixo. Como não sei se vamos demorar muito, poderíamos dar ao menos algum prejuízo.

— Eu passo.

— Tudo bem, sobra mais – Bran diz e ouço o sorriso em sua voz, seguido

um barulho de líquido, como se ele estivesse bebendo da garrafa – Quantos anos você tem, Anna?

— Qual é o problema da luz?

— Queimou quando estava aqui embaixo, mas como ia entrar e sair rápido – ele diz rindo – não me respondeu... Quantos anos tem?

— 18 anos, acabo de entrar na universidade.

— Sinto falta dessa época.

— Quantos anos você tem, Bran?

— 27.

— Não é tão velho.

— Velho demais para algumas coisas, como estar achando graça de ficar preso com tanto álcool em um ambiente fechado. Meu fígado já não funciona direito tem uns três anos.

— Realmente um idoso...

— Ora sua... qual é a sua cor favorita?

— O quê?

— Não vamos a lugar algum. Por que não perguntar?

— Roxo. Minha cor favorita é roxa. E a sua?

— Cinza.

— É tão...

— Chato? – ele pergunta e ri – eu sei, mas minha vida é chata.

— Por que acha isso?

— Toda minha rotina, e a expectativa dos pais e quase chegando aos 30. É isso. Talvez me casar com alguém razoável, trabalhar muito e daqui a 20 anos passar meus dias jogando golfe.

— Isso é trágico.

— Eu sei, mas já tem um tempo que tenho dúvidas... mas devo tanto a minha família.

— Eles exigem?

— Dizem que preciso buscar minha felicidade, mas, ao mesmo tempo, não há herdeiros, meu primo não mora na cidade. Meu pai e meu tio montaram tudo do zero, não tenho coragem de acabar com tudo para ir atrás dos meus sonhos.

— Como eles fizeram? – pergunto e ouço-o suspirar do outro lado da adega.

— Como eles fizeram. Eles foram atrás do sonho deles, só não é o meu. Não sei se o que quero é ruim. Pelo menos sei o que não quero.

— E o que você não quer, Bran?

— Ficar. Quero sair, mas me sinto culpado.

— Bran, você não deveria se limitar. Deveria procurar o que é realmente seu. Você pode. Sei que quebrar as expectativas da família é ruim, mas ao mesmo tempo, é sua vida, não a deles.

— Para alguém tão nova, você é bem sábia.

— Minha mãe é maravilhosa e vive insistindo para eu correr atrás do que realmente quero. É assim que vim parar em Nova York. Minha família não é daqui, mas eu queria vir. Tinha tanto medo do que ela fosse falar e então a carta chegou e ela só me disse o quão feliz estava por mim. Foi suficiente. Algo me diz que seus pais farão o mesmo.

— Pode ser... principalmente porque não moro com eles há algum tempo.

— Eles ainda estão juntos?

— Ah, meus pais... eles se amam loucamente e é estranho, porque a maioria dos pais dos meus amigos é divorciados.

— Os meus também, mas gosto de saber que existe esse sentimento, essa coisa que une as pessoas e... — Sinto a umidade brotar em meus olhos e minha respiração ficar difícil — sinto falta deles. Ia para casa hoje, mas Carol me convenceu a dar uma passada aqui.

— Ei, está tudo bem... já vamos sair daqui e você vai vê-los.

— Tem mais de uma hora, Bran. Está escuro, tenho medo.

— Anna... preste atenção em mim... respira... respira... — ele diz, fazendo respiradas fundas entre as palavras e tentando me controlar a partir de seu exemplo. Mas estou um pouco além disso. Eu ouço seu movimento, mas não vê-lo não me ajuda.

— Onde você está...? — falo esticando minha mão às cegas até que ele acende a tela de seu celular e percebo que ele esteve a pouco mais de um metro de mim o tempo todo.

Sigo a luz e vejo suas mãos se projetando na pequena luminosidade. Encaixo meus dedos com os dele, me pegando em um de seus braços e a luz some novamente, nos engolindo na escuridão. Bran me atrai para ele e estou praticamente em seu colo, sendo abraçada com força e encaixando minha cabeça na curva de seu pescoço. Ele não larga minha mão e passa a sua outra ao meu redor, me fazendo sentir protegida.

Bran também me faz sentir outras coisas.

Quando se encostou em mim, foi como se toda a minha pele se esticasse por atenção, sentindo as fagulhas no ar e as borboletas no meu estômago.

Senti-me formigar onde seu corpo tocava o meu e me aproximando mais, como se não quisesse ficar nenhum centímetro separada dele. Sentia o coração de Bran bater contra minhas costelas, acelerado, como se ele estivesse tão afetado quanto eu. De repente, já não sentia a opressão de estar presa na adega. Estava bem onde estava e não queria sair do meu casulo de proteção.

— Está melhor? – Bran pergunta muito próximo do meu ouvido e me sinto arrepiar com sua voz tão grossa e próxima a mim.

— Obrigada por isso.

— Não... Anna... algo está acontecendo aqui.

— Como assim? – pergunto, me virando para ele e sinto que estou a poucos centímetros dele. Tão próxima que sinto o ar quente que sai de sua boca.

— Não sei o que está acontecendo... só... entende? – ele diz com uma risada baixa e sim, entendo apesar da falta de palavras. Estou passando pelo mesmo e não sei explicar como ou porque, só que esta pessoa, que não conheço o rosto, me faz ficar arrepiada, com o coração acelerado, as mãos suando e uma vontade de estar cada vez mais próxima.

— Há uma lenda da minha família – ele fala com a voz rouca – sempre achei mais graça do que levei a sério, mas de repente, ela é tudo que consigo pensar. Anna... que confusão conseguimos ficando presos aqui embaixo.

— O que diz a lenda?

— Que quando alguém especial aparecesse, iria saber no mesmo momento.

— O que... o que você quer dizer com isso? – gaguejo, fazendo uma pergunta e me aproximo mais dele. Estamos juntos em um abraço, um pequeno mundo no meio da escuridão.

— Que vou beijar você... – Bran diz e busca meus lábios no escuro, caindo sob eles lento e de forma sensual.

Sinto sua mão em minha bochecha, me mantendo no lugar. Sua língua me invade, saboreando com cuidado e calma, intenso, tomando tudo o que tinha. Puxando-me para cima, eu estava em seu colo, enquanto dava atenção para meu lábio hipersensível, o mordendo levemente. Senti sua mão na minha lateral como uma carícia leve e me peguei acariciando de volta seus braços. Senti-me audaciosa e separei nossos lábios, dando beijos em seu pescoço e o ouvindo gemer em resposta. Ele estava duro por mim, podia sentir. Uni novamente nossas bocas, aprofundando mais o beijo quando Bran me empurrou levemente, quebrando nosso contato.

— Anna... – ele geme e se separa de mim, me puxando para longe de sua boca – depois continuamos... preciso te tirar daqui. Preciso te ver... preciso que seja... Nós vamos conversar, mas primeiro temos que sair daqui.

Ele me abraçou forte por alguns segundos, esperando nossa respiração se acalmar. Me sinto mole em seus braços e fico confusa. Ele se mexe e me ajeita no chão, se levantando. Bran mexe em seu celular de novo e consigo ver apenas o contorno de seu rosto através da luz da tela. Estava tão confusa e com a cabeça nas nuvens. Fechei os olhos com força, me ajeitando.

Ele tem razão, precisamos sair daqui.

Me levanto, pego o meu celular e caminho novamente de um lado para outro, em busca do sinal.

— CONSEGUI! – Bran grita em algum ponto mais afastado de mim. – A mensagem saiu do meu celular! Carol já vem nos buscar.

Olho para meu celular e de repente vejo uma avalanche de mensagens aparecerem na minha tela. Muitas. O aparelho vibra tanto que o deixo cair no chão. Por alguns segundos fico nervosa sobre o que pode ter acontecido, enquanto abaixo e olho para o aparelho. Não teria tantas mensagens a menos que algo tivesse acontecido. Olho para baixo e vejo as últimas mensagens de Trevor “Venha para casa, vovô teve um infarto e não resistiu”.

Começo a tremer e solto um soluço. PRECISO SAIR DAQUI.

— Baby, você está bem? – ouço Bran falar da outra ponta do ambiente, onde ele encontrou sinal.

Não consigo responder. Sinto meu peito apertar e a dor me toma. Um barulho da escada fica mais alto e a porta se abre. Vejo a luz e não penso. Só corro para fora, para perto da minha família, para Califórnia.

Bran grita, mas não consigo olhar para trás. Não paro nem quando ouço Justin, a pessoa que abriu a porta, chamar meu nome. Corro até minhas pernas doerem e meus pulmões ameaçarem sair do meu peito. Atravesso a cidade em tempo recorde, monto minha mochila e vou para o aeroporto. É o voo mais longo da minha vida, comigo respirando alto e olhando para o alto para evitar chorar na frente de estranhos. Nunca me senti tão sozinha.

Horas depois, abraçada com minha mãe, choro por meu avô, A família está toda lá e cada abraço me enche de força pela despedida. James Larson não dividiu meu sobrenome, mas foi tão importante para mim quanto para meus irmãos e primos. Ele escolheu meu pai e meus tios, se transformou em um pai para eles e o melhor avô que eu poderia pedir. Não queria dizer adeus, era cedo demais para me despedir. Não estava preparada para isso...

Quando as lágrimas se esgotaram e caí sobre minha antiga cama de olhos ressecados, penso na calma que Bran me trouxe no início daquele dia. Daria tudo para estar ali de novo, naquele momento, antes de saber da morte de meu avô e me sentindo tão confortável com ele, comigo mesma.

Bran teria sido o último presente do meu avô? Algo para me fazer confiar mais em mim? Me acalmo pensando em como foi bom, de como me senti e de como gostaria de voltar até ali. Só tenho um problema: não faço ideia de quem ele é ou de como se parece.

Capítulo 3

Brandon



— Brandon, está me ouvindo? – a voz de meu tio Alex entra em minha cabeça, me trazendo de volta.

— Sim, tio. Pode falar.

— Você está distraído, algo aconteceu?

— Está tudo bem, só não dormi bem... Mas o que dizia sobre o contrato? – respondi para o viva-voz, rodando o meu pescoço para os lados, tentando controlar a tensão.

Levantei-me, tentando relaxar minhas costas e ainda ouvindo a voz de meu tio falando sobre a série de contratos que precisamos resolver. *Como vim parar aqui?* Merda... vou me distrair novamente... Começo a fazer anotações e percebo pela milésima vez que não era o que eu queria. Na infância já sabia que meu destino era a Blake Consultoria, a empresa do meu pai e do meu tio. Trabalhávamos com investimentos e grandes volumes de dinheiro e íamos muito bem, o problema é que eu não era feliz, pura e simplesmente.

Meus planos de vida eram estudar negócios e me juntar à empresa familiar. Aos 27, com meu terno, meu cabelo milimetricamente penteado e meu visual impecável, eu parecia um pouco sem alma. Na universidade, conheci Caleb e não era a primeira vez que ele me falava sobre criar um negócio de tecnologia. Ele tinha acabado de me mandar uma mensagem falando sobre isso mais uma vez. Eu deixava de lado e tinha vergonha de onde meus pensamentos estavam indo, mas era sempre levado para a ideia novamente.

Ele estava lá, em Nova York, enquanto eu estava aqui, vendo de longe o que poderia ter sido. Era apenas ele e dois programadores, mas eles não tinham um produto específico e gostaria da minha ajuda. Era tentador e por algumas vezes Caleb sugeriu uma sociedade à distância, para que eu me

mantivesse em Chicago. Não era justo com ele e me fazia refletir sobre fazer a mudança completa e ir morar em Nova York, mas me sentia traindo a família.

— Brandon!? – Tio Alex pergunta de novo – Vamos continuar depois. O que quer que seja, está tirando sua atenção.

— Estou bem... é que Carol mandou uma mensagem – respondi mentindo enquanto olho para a Chicago gelada através da janela do nosso prédio – Ela quer comemorar o aniversário. Vou voar para Nova York amanhã cedo.

— Ela está bem?

— Fazendo provas finais e gastando o dinheiro do papai.

— Sua irmã sempre teve um fraco por compras.

— Eu sei, mas ela tem a cabeça no lugar. Está se dando muito bem em Columbia.

— Todos vocês são muito inteligentes.

— Você e papai sempre parecem mães galinhas orgulhosas quando começam a falar da gente – rio – vou desligar e analisar esses contratos. Carol vai fazer uma festa amanhã e preciso me programar para voar.

— Vai com nosso avião?

— Se não se incomodar. Vou checar se Brie também quer ir. Oliver deve nos encontrar lá.

— Boa viagem para vocês, se cuidem! E tentem tirar minha filha daquela companhia. Oliver precisa se divertir além do ballet.

Despeço-me e mando uma mensagem para Brie, perguntando se quer um carona para a cidade. Nós saímos cedo no dia seguinte e antes do almoço já estávamos na casa no Upper East Side. Oliver conseguiu uma folga da Companhia de Ballet da Cidade de Nova York e nos encontrou lá.

Mamãe era a pessoa que usava mais a casa enorme, e bem a seu humor, fez questão de um palácio confortável. Ela dizia que passou tempo demais em lugares desconfortáveis e caindo aos pedaços e que, enquanto pudesse, viveria em ambientes enormes e bem decorados. Com sua carreira literária, ela conseguia atrair meu pai para cá mais vezes, ao contrário dos meus tios que eram dedicados a Blake Consultoria.

— Carol, estamos em casa!

— Talvez ela ainda esteja dormindo – Oliver diz, sorrindo.

— Eu vou guardar minhas coisas. Quero aproveitar o tempo para descansar, as crianças são bolas de energia – responde minha prima Brie, sumindo nas escadas. Ela é professora e está sempre correndo de um lado

para o outro com os alunos.

— Somos apenas eu e você, Bran – Oliver sorri – vou fazer um lanche, quer?

— Olha quem chegou! – diz Carol da porta – que bom que conseguiram vir mais cedo! Mais tarde vai estar cheio demais.

— Quantas pessoas você convidou, irmãzinha?

— Apenas os íntimos.

— Que são...

— Talvez umas 50... 100 pessoas. Bem pouco – ela responde sorrindo e corre para mim, me abraçando.

— Feliz aniversário, querida!

— Obrigada, irmão! Não esperava ver você aqui. Você se diverte com planilhas, não com pessoas.

— Carol... eu só queria passear um pouco, ver algumas coisas em Nova York.

— Isso é uma surpresa.

— Ah vamos... preciso comer alguma coisa. Você terá sua grande festa e eu preciso de um sanduíche.

Ela me sorri e vamos para a cozinha, onde preparo algo para comer e mando uma mensagem para Caleb, avisando que cheguei à cidade. Vamos nos encontrar amanhã pela manhã e sinto um frio na barriga. Estou mesmo fazendo isso?

Descansei um pouco e quando saí do meu quarto, por volta das 20h, a casa parecia uma confusão de gente. Os 100 amigos íntimos de Carol se contorciam em nossa sala enquanto todos riam e comiam comida ruim. Passo por uma mesa e pego um tubo de batata decidido a pegar algo para beber para sobreviver a essa festa. Brie e Oliver estão rindo em um dos cantos e me acenam no instante em que passo para a adega.

Dou um pequeno empurrão na porta que cede com meu peso e faço uma anotação mental de conseguir alguém para consertar a entrada. A porta está ruim já faz alguns meses, mas como Carol raramente desce aqui, não solicitou um conserto.

— Também quero pegar algumas coisas – diz minha irmã atrás de mim.

— Que eu saiba nos Estados Unidos você só pode beber a partir de 21 anos.

— São pequenos detalhes...

— Aí, Carol... – falo e ela pega algumas garrafas piscando para mim.

— Te vejo lá em cima.

Minha irmã sai e passo algum tempo olhando para as garrafas até que a luz desliga e não consigo ver a um palmo de distância. Que hora de merda para a lâmpada queimar. Subo as escadas e empurro, mas a porta não cede. *Não acredito que estou preso.* Tento novamente, mas a porta de madeira não mexe mais do que um centímetro. Derrotado, pego meu celular para chamar minha irmã ou uma das minhas primas, mas o sinal não me ajuda. Está sem serviço.

Merda, merda, merda. Alguém vai entrar aqui e vai abrir essa porta. É a porra de uma festa, tem bebida aqui embaixo.

Trinta minutos depois, não tenho tanta certeza. Estou suando como um porco e no escuro. Meu celular está perto de desligar e muito longe do sinal. É como se tudo que pudesse dar errado, desse neste momento.

“Merda”, ouço uma voz delicada. A porta abre e fecha rapidamente.

Não! Mais uma pessoa presa aqui.

Ela se chama Anna, ela é simpática, engraçada, e esse algo... Em algum momento pensei que poderia ficar preso com ela aqui embaixo para sempre. *Só posso estar louco.* A lenda da família brilha mais forte do que nunca em minha cabeça quando ouço minha mãe dizer que saberia no instante em que acontecesse. Mas não deveria vê-la? Não deveria vê-la e saber que é ela? Está escuro aqui embaixo, e Anna... merda, conheço seus lábios, seus contornos, mas seus traços não.

Quando acho que isso vai terminar e que finalmente vou conhecer a mulher que roubou meus pensamentos, na última hora, ela corre. Anna foge de mim e apesar de fazer um esforço para ir atrás, a perco no meio da multidão. Quando chego ao topo da escada, não há ninguém.

Anna sumiu da minha vida como surgiu.

Pela primeira vez, em muito tempo, pude ser eu mesmo, sem fingir ser o executivo correto, o homem de família. Ela disse que não deveria me limitar. Não iria fazer mais isso. Era o encorajamento que eu precisava na hora certa. Seria um novo dia para Brandon Blake, um em que ele começaria coisas novas e encontraria Anna. Talvez começar algo...

Procurei por ela durante algum tempo e, no momento em que percebi que Anna já não estava mais na festa, esperei. Se ela estava lá, ao menos minha irmã saberia quem era.

Na manhã seguinte, com uma Carol de ressaca, perguntei sobre sua amiga. Ela não conhecia nenhuma Anna.

— Como assim?

— Não conheço nenhuma Anna. Talvez uma amiga não quisesse dar o nome verdadeiro...

— Pode ser uma opção. Quem é ela? – pergunto esperançoso.

— Como ela é...? Você viu quantas pessoas tinham aqui?

— Eu não sei realmente.

— O quanto você bebeu ontem à noite? – ela me pergunta confusa.

— Tem mais a ver com a adega escura do que outra coisa.

— Que safado... – ela insinua sorrindo.

— Carol! Não é nada disso! – respondo a interrompendo — Nós conversamos... As coisas pareceram se encaixar, entende?

— Não consigo te ajudar. Vou te mostrar as pessoas que sei que estavam aqui. Cheguei a chamar Alle, mas ela não veio. Acho que foi a única das minhas amigas que não apareceu. Pode ser alguma delas fazendo uma piada com você.

— Não sei se ela seria capaz. Aquilo não foi piada...

— Você teve uma impressão forte, não é?

— Algo assim... Faça uma lista para mim.

— Como assim?

— Eu te falei, preciso achar Anna ou qualquer nome que ela tenha.

— Bran, você parece um louco.

— Aconteceu, irmãzinha – respondo simplesmente.

— Não... Não! – ela diz rindo e faz uma cara engraçada.

— Não o quê? – Brie pergunta enquanto vem caminhando com Oliver para a sala.

— Brandon caiu na maldição dos Blake.

— E quem é a sortuda? – Oliver pergunta.

— Não tenho ideia.

— Alguma amiga minha deu um nome falso para ele.

— Pobre criatura, parece que ela não teve o mesmo efeito.

— Brie! Não pise no coração do meu irmão!

— Preciso de uma lista, Carol! Tenho uma reunião de negócios agora, mas, por favor,... faça! – Falo e pego minhas chaves, saindo do apartamento.

Anna nunca aparece. Coloquei o Instagram de minha irmã de cabeça para baixo e ela me mostra um sem fim de fotos. Vídeo a vídeo, ouvindo suas vozes, mas nada encaixava. Nenhuma delas é Anna e começo a achar que ela foi um bom fantasma que me ajudou a tomar decisões. Divido o pensamento

com a lembrança de suas curvas assassinas e sei que ela é de carne e osso.

Outras coisas mudaram naqueles dias. Eu finalmente concordo com Caleb. Vamos ter nossa empresa. Discuto comigo mesmo por alguns dias, mas resolvo tentar. No Dia de Ação de Graças, voô para casa e tenho a conversa mais difícil da minha vida, com meu pai e meu tio. Eles apenas me abraçam e sorriem, dizendo que esperavam por isso. Sinto-me um idiota e agradeço, percebendo que estava sofrendo por antecipação. Minha vida nova estava prestes a começar.

Capítulo 4

Brandon



O tempo passou e tentei racionalizar o que aconteceu naquele dia. O jeito que me senti com Anna faz parte da minha imaginação, tenho certeza. Era a pressão de querer mudar de vida e ela me ajudou nisso. Ninguém se apaixona em minutos por alguém que nem conhece. Estava no meio de uma mudança de cidade, criando um negócio novo e, ainda assim, entrava noite atrás de noite em uma rede social procurando uma voz. Conhecia o nome, os rostos e a voz de todos os amigos de Carol. Anna não estava em lugar algum.

Decidi dar um basta. Iria agradecer para sempre o empurrão que ela me deu, mas deveria seguir em frente. Foi uma das experiências mais bonitas da minha vida, mas durou poucos minutos para virar tudo de cabeça para baixo. *Existiam mais peixes no rio.* Ouvi essa frase tantas vezes de Caleb que sua voz ressoava em meu cérebro cada vez que entrava no Instagram. Um dia ela começou a fazer sentido.

Semanas depois dessa decisão, conheci Stephanie em um bar perto da minha casa no SoHo. Ela era pequena, loira e bonita de se olhar. Não existia a mesma coisa, aquele sentimento louco ao toque e a sensação de certeza, mas era fácil. O sexo era bom, ela era divertida e tinha a cabeça em seu trabalho de relações públicas, não estando sempre dependente de mim e das minhas ações.

Um ano se passou no nosso relacionamento. Aos poucos ela começou a estar nas festas de casa e do trabalho, conhecer meus amigos. A empresa ia bem, era o momento certo, eu tinha a idade correta e queria filhos. Zachary entrou na sociedade e em uma bebedeira para comemorar seu noivado, declarei para ele e Caleb que queria me casar.

Todos diziam que meu coração não estava lá, que estava levando o

relacionamento longe demais, mas eu não entendi de primeira. Era certo, respondia a todos os meus requisitos, fazia parte dos meus planos de vida. Decidi ir contra a opinião dos meus amigos e família e pedi Stephanie em casamento. Em uma noite no Daniel, um restaurante francês no Upper East Side, eu a transformei em minha noiva com um anel dentro de um copo de champagne. Foi o que a mãe dela aconselhou e que Stephanie pareceu gostar.

Ponderei sobre o que estava fazendo cada vez que a via com o brilhante no dedo. Ela falava que me amava, eu segurava a informação para mim, sempre dizendo o quanto gostava de estar com ela ou da nossa relação. Simplesmente não conseguia responder por que faltava algo.

Na manhã do casamento, sabia que algo estava errado. Cavei minha própria cova. Sentia ansiedade, não felicidade. Também era incapaz de parar, tinha virado um capricho. Queria provar que as pessoas estavam erradas e também não ser um idiota. Como terminar um relacionamento a poucas horas da cerimônia?

Meu pai chegou em seu terno bem cortado e o cabelo penteado para trás. Os fios brancos começaram a aparecer entre as mechas loiras em algum instante entre eu sair do colegial e ir para a faculdade. Minha mãe não reclamava e dizia que gostava ainda mais da versão grisalha. Algo sobre o charme e etc. Às vezes eles podiam ser muito melosos um com o outro, principalmente quando achavam que ninguém estava vendo. Era desse jeito que deveria me sentir, não com o aperto no meu peito. Ele me encontrou em uma das salas de espera minutos antes e me disse:

— Eu fiz o mesmo, mas não levei tão longe. Ter a noiva certa, no momento certo. Era um idiota e sua mãe me salvou. Agradeço a cada dia.

— Estou fazendo a coisa certa – respondo, tentando controlar a minha reação interna. Um sorriso sem emoção está preso no meu rosto desde que acordei esta manhã, tentando levar este dia do melhor jeito possível.

— Quando você fizer o certo, vai entender que isso foi o errado, filho – meu pai me fala meio emocionado. Meu sorriso se quebra um pouco e começo a sentir raiva. *Vou me casar daqui dez minutos...*

— Por que não conseguem aceitar Stephanie? Ela é ótima, somos felizes...

— Nós somos sua família, vamos te apoiar para sempre, mas não me sentiria bem de deixar você fazer isso sem falar. Te conheço, filho, sinto suas incertezas em mim. Quando tudo passar e você encontrar o que busca, vai entender que loucura foi essa.

— Está realmente falando sobre divórcio no dia do meu casamento? –

pergunto e o encaro confuso. *Parecia um insulto, pelo amor de Deus* – Assinei o acordo pré-nupcial como me explicaram, aceitei todo tipo de coisa que sugeriram para fazer esse casamento seguro para a empresa e meus negócios. Stephanie não reclamou de nada...

— Ei, Bran. Eu te amo, vou apoiar suas decisões por mais que não acredite nelas.

— Pode estar ao meu lado, apenas? Hoje preciso do apoio da minha família, não de mais discursos sobre o quão errado é o meu casamento – desabafo e sinto o maldito sorriso deixar meu rosto.

— Prove que estamos errados, filho. Seja feliz e esfregue isso na nossa cara – responde meu pai se aproximando e me puxando para um abraço.

Ele e mamãe sempre foram afetuosos entre eles e conosco. Existiam mais abraços do que o desse dia, mas naquele dia foi importante. Precisava da fé das pessoas que me amavam já que não tinha certeza do que estava fazendo. Era um acidente prestes a acontecer. Coloquei minha melhor cara, tentando voltar a cristalizar o sorriso na minha face e caminhei para o salão junto ao meu pai.

Stephanie queria um casamento no Plaza com tudo que ela tinha direito. Foi o que fizemos. Ela encarnou a *Bridezilla* e escolheu cada detalhe da cerimônia, inclusive conseguiu negociar uma data muito antes do que a agenda do local permitia. Existia uma espera de anos, mas Stephanie era uma boa negociadora. Ela me disse a data e eu só precisava estar lá. Do meu terno às minhas meias e sapatos, ela resolveu tudo. Era um alívio para mim.

Nessa época, já éramos mais amigos do que amantes. A calmaria dos primeiros meses foi ficando ainda mais intensa depois que nos casamos. Transávamos uma vez por semana, às vezes uma vez por mês, mas Stephanie era meu conforto no final do dia. Trabalhava o tempo todo, passava horas no escritório e levava coisas para terminar em casa. Ela fazia o mesmo. Sentávamos em nossos computadores e às vezes íamos madrugada adentro sem trocar palavra alguma. Dessa época o que eu mais lembrava era do cheiro dos cremes que ela passava antes de dormir e como fomos, cada vez mais, nos distanciando. De amigos para colegas de quarto.

Com um ano de casamento já não tínhamos nem assuntos em comum. Era cada um para seu lado e só precisávamos mesmo um do outro quando Stephanie tinha um evento no trabalho ou eu era chamado para alguma atividade que precisasse de companhia. Meu ego adorava chegar com ela nos braços e ouvir o quão linda minha esposa era. Mas era sem alma, assim como

meu pai tentou me alertar.

Minha família nunca abraçou a ideia do meu casamento, mas jogaram juntos. Foram em peso para a cerimônia no Plaza, nos convidavam para as datas importantes, até mesmo voaram para Nova York quando Stephanie quis fazer a ação de graças em nossa casa no SoHo. Não falavam abertamente como no dia do meu casamento, mas não eram afetuosos. Miles já estava casado e a diferença gritava para mim. Minha esposa, por outro lado, não parecia notar. Ela era afastada da própria família e as datas especiais eram passadas ao lado dos Blake.

Mais um ano se passou e percebi que não era feliz. Eu via Zachary, meus pais, qualquer casal que andava de mãos dadas em Nova York. Passei a evitar minha casa e isso não era saudável. Em uma tarde, quando Sam foi visitar o marido na Future e percebi sua barriga crescendo, larguei tudo e fui para casa. Eu tinha uma esposa linda, uma foto de nosso casamento muito caro em minha mesa. Mas não me sentia nem com 10% do brilho no olho do meu sócio.

Toda a intimidade que tínhamos se esvaiu aos poucos e talvez não visse minha mulher nua há mais meses do que poderia me importar. Era algo que crescia dentro de mim e não sabia o nome. A primeira vez que me senti assim, falei para minha esposa, agora já sabia melhor. Parecia que ela estava tão presa a mim como eu a ela e Stephanie não entendia que estávamos presos em um casamento falido.

— Stephanie, você é feliz? – perguntei enquanto ela passava alguns cremes pelo corpo antes de deitar para dormir.

— O quê? – ela me olhou confusa sentada na cama e fugiu do meu olhar, ainda fazendo malabarismo com o pote de hidratante nas mãos.

— Este casamento, a gente... nós não somos um casal há algum tempo.

— Sua crise de meia idade está chegando cedo, querido? – ela perguntou rindo.

— Não... é... Você me ama? – perguntei e Stephanie arregalou os olhos.

Ela tinha deixado de falar quando percebeu que eu não respondia. Isso era bom para mim, mas foi quando percebi que ela só não ligava mais. Esse casamento estava prestes a naufragar, me sentia afogando.

— Brandon, que tipo de conversa é essa? Quero dormir, está tarde... – Stephanie falou, se virando para mim e deitando na cama. Ela olhou para seu celular na mesa de cabeceira parecendo irritada.

— Você se arrepende de ter casado? – tentei uma última vez, me deitando

a seu lado. Quando ficou claro que queria uma resposta, ela suspirou, finalmente se virando para mim.

— Preciso dormir. Amanhã tentamos descobrir porque sua cabeça está com essas coisas sem sentido. Vai passar...

Adivinha o quê? Não passou.

Podia culpar minha família e meus amigos por terem me influenciado, Stephanie que não soube dar um basta. No fundo, sabia que eu era o único culpado. Queria tanto ser amado, ter aquilo que escapou das minhas mãos com Anna e que via todo dia em minha família, que abracei algo que não fazia sentido e não quis largar mesmo sabendo que estava indo ladeira abaixo. Toda vez que a palavra divórcio surgia em minha cabeça, sentia como se tivesse perdido um jogo, que meu ego não aguentaria a derrota. Além disso, Stephanie não fez nada de errado. Era mais uma pessoa a se magoar na minha discussão interna, nós só éramos pessoas diferentes e realmente nunca combinamos como casal.

O destino escolheu por mim. Talvez sem o empurrão daquele dia, eu tivesse levado tão longe que acordaria uma manhã com 60 anos e percebido que poderia ter sido diferente. Naquela tarde em que Sam visitou Zachary na Future e decidi largar tudo e sair mais cedo, os dados estavam contra mim – ou a meu favor. Não sabia, e ainda não sei dizer. Em alguns aspectos, foi uma benção, mas em outros, uma maldição, porque acabou com a minha confiança cega nas pessoas.

Quando entrei no nosso apartamento, ouvi gemidos. Lembro-me de ter um sorriso meio safado nos lábios pensando que a minha muito correta, arrumada e intocável esposa estava se masturbando no meio da tarde. Abro a porta do quarto para surpreendê-la, fui surpreendido.

Stephanie estava no meio da cama, de quatro. Um cara desconhecido se afundava nela. Lembro-me de olhar para suas mãos agarrando o lençol, não ver a aliança e ficar confuso por alguns instantes. Não senti muita coisa a não ser raiva. *E pensar que não queria magoar Stephanie com um divórcio.* Ela não teve a mesma consideração. Quando ela gemeu muito alto – mais alto do que jamais ouvi em todos esses anos – e claramente sem reparar que eu estava ali, disse apenas:

— Stephanie, quando terminar, preciso falar com você...

— Brandon..!? – ela falou surpresa e empurrou o pobre homem que me olhava entre assustado e orgulhoso. *Pelo amor de Deus.* Ela corria de um lado para o outro, procurando um roupão para se vestir enquanto eu saí e

sentei na bancada da cozinha. Estava puto, mas me sentia leve. Tinha conseguido meu bilhete para sair dessa situação.

— Não é como você imagina... – ela disse, entrando na cozinha.

— Stephanie... – respondi e suspirei – quero o divórcio.

— Não, espera... não é assim... Brandon, me desculpe...

Houve choro e gritos por parte dela. O homem saiu de algum jeito que não vi enquanto ela me garantia que tinha sido apenas aquela vez e que a culpa era minha por não prestar atenção nela corretamente. Era verdade, mas não era o momento para jogar aquilo na minha cara. Eu nunca a traí e ela continuava sendo uma traidora no final das contas.

Depois de quinze minutos de choro, Stephanie percebeu que era uma guerra perdida e começou a me ameaçar.

—...Seus sócios vão saber que você é um corno, seus clientes saberão que foi traído.

— Stephanie... você é uma relações públicas da classe alta. Seus clientes são pessoas ricas e famosas que precisam de discrição. Espalhar esse tipo de informação por aí não vai terminar com a minha carreira, vai terminar com a sua – ela me encarou surpreendida ao entender o significado do que eu tinha acabado de falar, procurando alguma munição.

— Vou acabar com sua vida, Brandon. Será uma batalha jurídica...

— Você assinou um acordo, Stephanie – respiro sem paciência – o pacto antenupcial deixa bem claro o que é seu e o que é meu. Podemos sair dessa com alguma classe, Stephanie...

— Brandon! – ela diz autoritária, tentando me fazer parar de falar, e é a hora em que decido que já chega.

— Vou para a casa da minha família. Avise-me quando quiser sair do apartamento. Meus advogados vão entrar em contato – me levantei, indo para o quarto e foi isso.

Arrumei uma mala, peguei meu computador e fui para a casa do Upper East Side. Carol foi algumas vezes buscar coisas que eu precisava no apartamento até que Stephanie finalmente deixasse o lugar.

Como ela prometeu, Stephanie tentou uma batalha legal, mas tudo que ela assinou antes do casamento voltou para assombrá-la. Deus salve meu tio Alex e suas habilidades como advogado além de toda a área legal que atende nossa família e propôs cada um dos documentos.

Terminei fazendo um acordo sobre os nossos dois anos de casamento para acelerar o divórcio – contra o conselho de todos os advogados que me

auxiliavam – e Stephanie saiu de Nova York mais rica. Estava tão cansado das negociações que só queria ser um homem livre novamente, mesmo que tivesse que pagar por isso. A última coisa que soube sobre ela é que abriu um escritório de relações públicas em Los Angeles.

Por minha parte, terminei desistindo de ter relacionamentos: certa vez eu me apaixonei por alguém que sumiu minutos depois. Aquele sentimento ainda me assombrava. A lenda dos Blake... ou a maldição. Em seguida, entrei em um casamento insatisfatório em que todos me apontavam o que estava errado, mas me negava a ver a verdade por ego. Era como se tivesse jogado quase quatro anos da minha vida pela janela para terminar no ponto em que comecei: solteiro.

Seria difícil confiar novamente, mas da próxima vez que acontecesse – se acontecesse – me certificaria de estar realmente apaixonado. Não queria aceitar algo pela metade, queria um amor inteiro. E seria perfeito, custe o que custasse.

Capítulo 5

Allegra



Acordo com o alarme do meu celular e ainda gemendo de sono, o desligo. Brigo comigo mesma e antes que possa colocar no modo soneca, abro os olhos, sentindo a luz da tela do telefone me cegar. Tem sido assim pelos últimos dois anos, desde que me formei em Columbia.

Decidi ficar em Nova York, para desespero da minha família, que estava louca para que eu voltasse para Los Angeles. Poderia voltar para casa, principalmente porque trabalho como freelancer, programando de forma remota para algumas empresas, mas eu gostava da cidade. O frio seco, o calor sufocante, as modas culinárias meio duvidosas, o mar de gente de várias nacionalidades. Tinha me rendido a Nova York e a adotado como minha casa.

No começo foi difícil. Eu tinha me adaptado bem a Nova York, mas voltar para Columbia semanas depois da morte do meu avô foi sufocante. Estava saindo para um feriado e em troca disso, enterrei uma pessoa que amava ao lado da minha família. Queria o colo da minha mãe, o abraço do meu pai, mas tinha um futuro para resolver, e por isso voltei para Columbia após o natal.

Noah e Trevor sugeriram transferir minha matrícula para Los Angeles ou até mesmo trancar um semestre e voltar, mas sabia que vovô James não ficaria satisfeito. Ele viveu uma boa vida, cheia de amor e, apesar da tristeza ser algo natural, não poderia abandonar meus sonhos. Nós tínhamos feito planos, ele sabia sobre minha vontade de ir para Columbia. Estar ali também fazia parte das minhas conversas com vovô.

O semestre seguinte passou rápido. Estava cada vez mais ocupada com as aulas e os trabalhos extras que conseguia. Sufoquei-me de coisas, incluindo

um estágio de verão, para evitar pensar. Não tinha tempo para relacionamentos. Às vezes pensava em Bran e na memória doce daquele dia e parecia suficiente para mim. Parecia romântico demais, quase bobo, mas naqueles poucos minutos com ele, me apaixonei. Era como se apenas seus braços fizessem sentido e qualquer outro homem fosse um substituto pálido perto de Bran.

O sentimento começou a mudar quando minhas primas começaram a ter filhos e aos poucos minha vontade de conseguir alguém cresceu. Tentei algumas coisas ao longo dos anos: aplicativos, encontro às cegas, lugares aonde solteiros iam. Quando me formei, aceitei minha derrota e decidi que o destino ia escolher por mim, que talvez morresse virgem ou talvez não. Nunca planejei ficar trancada em uma adega com um desconhecido e veja bem... aqueles minutos ficaram na minha cabeça para sempre. Iria acontecer de novo. Meus pais precisaram de muito mais do que um desencontro para estarem juntos. Com Bran foi... especial. Mas não tinha ideia de quem ele era e se ainda se lembrava de mim. Seria para sempre essa recordação dos meus primeiros dias de Nova York.

Quando deixei os dormitórios, fui dividir o apartamento com Anna e alguns amigos dela do off Broadway. Era o acordo perfeito. Eles passavam os dias em ensaios e as noites em peças e encontros. Acordava no raiar do dia mesmo não querendo, dormia cedo e tinha o apartamento só para mim por horas. Funcionou por dois anos, mas com o passar do tempo, decidi que precisava de mais. Morar sozinha foi o próximo passo.

Encontrei esse pequeno apartamento no Chelsea, com um quarto e uma parede de tijolos e o comprei com a herança de meu avô. A mudança aconteceu faz dois meses, mas poderia ter sido há dois dias. Encaro com desagrado meu apartamento meio vazio. Nem mesmo tenho um sofá.

O trabalho me mantém ocupada e fico sem forças aos finais de semana – quando não estou trabalhando neles. É por isso que tinha adquirido uma rotina ainda na época em que dividia apartamento. Acordava às 6h, xingando meu alarme. Trocava de roupa, corria, fazia algum exercício físico pelas ruas ainda pouco movimentadas. As coisas nunca paravam de acontecer na cidade, mas antes das nove, poucas pessoas se aventuravam pelas ruas do bairro.

Escolhi o Chelsea porque ele é movimentado e perto do distrito financeiro e de empresas de tecnologia. Posso trabalhar em casa, mas vivo nos escritórios conversando com as pessoas sobre os projetos. É desgastante, principalmente para alguém tão tímida quanto eu. Quando quis ir trabalhar

com tecnologia, me imaginava com meu fone durante horas, não as reuniões intermináveis e as séries de ligações de cobrança.

Há algum tempo, coloquei na balança e pedi para algumas pessoas me indicarem empregos fixos. Pelo menos, seria apenas uma equipe cobrando, que entenderia meus prazos e meus métodos, não pessoas diferentes que deveriam ter pequenos ajustes, mas que terminavam em projetos intermináveis.

Troquei minha roupa rapidamente, alimentei Wentworth, meu gato preto preguiçoso – me processem por gostar de Jane Austen – e sai. As corridas têm sido terapêuticas. Terminei por aceitar meu quadril e minhas coxas, apesar de ter reclamações aqui e ali. Gostava de ter músculos e resistir a quilômetros de corrida. Tinha sangue latino nas veias e um biótipo que nunca seria alto e esguio como minhas primas Anna e Rose, por exemplo.

Todo o tempo no apartamento e as horas fora dele, com cliente me estressando, me fizeram decidir que precisava dessa hora apenas para mim. Corria, controlava minha respiração, sentia o vento no meu rosto, ouvia minha música favorita. Era terapêutico. O início foi aterrorizante, eu corria e caminhava, sofrendo por cada quilometro. Fui melhorando aos poucos e cada passo me deixava mais orgulhosa de mim mesma.

Estava chegando ao apartamento depois de uma dessas corridas matinais, desesperada por um banho, quando meu celular começou a tocar. “Carol” brilhou na tela em toda a sua glória e sorri. Nós perdemos um pouco de contato quando ela saiu da faculdade e voltou para Chicago, mas fazia questão de falar comigo pelo menos a cada par de semanas. Na última vez, choraminguei sobre querer um trabalho fixo e não aguentar meus clientes. Senti-me meio egoísta quando Carol falou sobre seus pacientes do hospital e como ela se sentia desafiada cada dia.

— Olá, você! São Que horas são por aí? Muito cedo, não Carol?

— Um pouco mais de seis da manhã – ela diz me lembrando do fuso-horário entre as cidades – é que meu irmão me mandou uma mensagem ontem e pensei em você na hora.

— Como assim?

— Ele me pediu uma indicação e eu dei! Eles precisam de um cientista de dados, amiga! Se essa vaga não é sua, não sei o que é! Vão adorar você.

— Espera, como? – pergunto confusa enquanto abro a porta do meu apartamento. Sento no sofá e continuo a ouvir Carol atentamente.

— Algo sobre captura e limpeza de dados. Sei que você não está fazendo

isso agora, mas chegou a trabalhar para aquela empresa com isso, não...? – ela pergunta um pouco incerta.

— Sim... foi meu estágio de verão e cheguei a colaborar com eles. Mas onde seu irmão trabalha?

— Meu irmão está na Future, não sei se conhece...

— É uma fintech, certo? Especializada em Blockchain, medidas de segurança, essas coisas...

— Isso. Ele e os sócios estão expandindo, e como eu estudei em Columbia e com algumas pessoas de tecnologia, ele pediu indicação.

— E você me indicou?!

— É quem eu consegui pensar na hora. Está interessada?

— Carol, se eu conseguir... – respondo animada – te devo uma... não! Te devo várias. Amiga...

— Você vai precisar sobreviver à entrevista, mas conheço você. Vai tirar isso de letra.

Nós conversamos mais alguns minutos e ela desliga, dizendo que precisa se arrumar para o trabalho. Faço o mesmo e às 9h, sento com um copo grande de café para começar meu dia. Fazer home office é um sonho para algumas pessoas, mas pede organização: minha vontade era estar de pijama em 99% das vezes, mas terminaria desvirtuando meu dia de trabalho, assistindo a um filme e comendo chocolate em vez de trabalhar.

Meu celular toca por volta de 11h e converso rapidamente com Caleb Johnson. Ele é o sócio principal da Future e explica como a empresa tem entrado no apoio a negócios financeiros. Conhecia um pouco da história deles, de como Caleb e Zachary Walton eram os acionistas de uma startup com sistema robusto de previsão. Ele me explica que precisa de alguém para a equipe de segurança de dados e que gostaria de me ver naquela tarde ainda. Era assim nesse tipo de negócio, e se eu quisesse participar, teria que dançar conforme a música.

Às 16h, estava no escritório no distrito financeiro. O irmão de Carol também era sócio da Future, mas pouco se ouvia dele. Caleb e Zachary apareciam muito mais, enquanto o irmão ficava nos bastidores. De acordo com minha amiga, ele veio para Nova York e entrou no negócio depois de trabalhar com o pai e o tio no negócio familiar. Algo sobre investimentos, mas nunca soube os detalhes.

De acordo com ela, ele trabalhava 16 horas por dia, mas era muito feliz com seus resultados. Particularmente não comungava da ideia de ter uma

dedicação tão grande a um trabalho enquanto sua vida está à espera, mas isso tinha feito a Future subir rapidamente. Conhecia Brandon Blake de fotos de Carol, mas ele parecia não gostar de ser fotografado. Ela tinha na sua escrivaninha da faculdade uma foto da formatura dela no colegial e o irmão dela parecia com todos os caras de Wall Street: terno sob medida, cabelos com gel e a postura de controle.

— Olá, boa tarde. Estou buscando Caleb Johnson. Sou Allegra Hunt – digo para a recepcionista. Ela me pede para esperar e sento em uma pequena recepção.

Estou usando meu melhor par de calças de alfaiataria, um tênis e uma blusa básica. Sem muitas formalidades, mas com uma aparência séria, de quem se pode confiar. Aprendi isso nos últimos meses ao entrar em diversas empresas como colaboradora. Caleb tanto poderia ser o sócio de calça jeans e camiseta como o aficionado por roupas sociais. Desse jeito, eu estaria de igual para igual com ambos.

— Olá! Espero que não tenha sido um incômodo vir tão rápido. É que precisamos de alguém para ontem... – Caleb diz, se aproximando de mim. Ele é bonito, realmente bonito. Moreno e com um sorriso grande. Com um terno bem cortado e o olhar de quem vai conhecer todos os meus pontos fracos com um aperto de mão.

Ele me leva até uma sala e pergunta sobre meu passado e os locais que trabalhei. Explico um pouco sobre minha vida caótica pós-Columbia e ele diz que vai me dar um teste. Duas horas depois, estou sentada em um computador no meio do salão enquanto a equipe de segurança de dados, Caleb e Zachary – o outro sócio, igualmente bonito de um jeito meio geek – me fazem perguntas. Brandon não está ali e acho estranho, já que ele aparentemente é o chefe daquele setor.

— Bem, isso é mais do que suficiente – Caleb explica – Brandon irá perdoar sua contratação quando vir seu trabalho. Você é ótima e fez isso mais rápido do que estávamos esperando. Podemos começar um período de testes, o que acha?

— Isso me agrada! Tenho alguns trabalhos para terminar e acredito que consigo entregar tudo até a próxima semana. Estarei disponível depois disso.

— Brandon está fora por mais três semanas. Está na Ásia fazendo uma pesquisa. Nós realmente precisávamos resolver sua posição. Quando ele voltar, poderão conversar melhor, mas até então, gostaria que se juntasse a nós – diz Zachary. Ele ajeita os óculos e me sorri e me sinto bem-vinda.

Eu concordo e Caleb caminha comigo, me mostrando as instalações da Future. No processo, me dá um valor de salário que me faz arregalar os olhos. Ele me explica que o departamento pessoal vai entrar em contato para acertar os pormenores e depois disso está fechado. Saio do escritório anestesiada, pensando sobre como não poderia prever o final desse dia no momento em que acordei e quase joguei meu celular longe.

Quando piso em casa, me dou algum tempo para respirar. No instante em que ligar para os meus pais, a família inteira irá saber e passarei a noite inteira contando e recontando sobre a vaga de emprego que surgiu do nada. Abro um vinho e estou disposta a ver um filme velho para relaxar quando o nome de Carol pisca novamente na tela em uma chamada de vídeo.

— E então, marcaram uma entrevista?

— Já fiz a entrevista, acredita?

— E...? – ela pergunta expectante.

— Me contrataram. Começo em uma semana.

— Nós precisamos comemorar – diz Carol, levantando o copo para mim e sorrindo através da vídeo chamada. Ela parecia em uma cozinha, finalizando o jantar – você finalmente está empregada!

— Se não fosse por você...

— É obvio que não, você é incrível, a melhor programadora que eu conheço! Brandon vai ficar enlouquecido quando começar a trabalhar com você. Meu irmão tem muita sorte!

— Me sinto como se tivesse usado alguma influência para eu conseguir trabalhar com seu irmão, amiga – respondo nervosa.

— Mas você provou que é boa, fez a entrevista.

— Ele não estava lá.

— Eu sei, ele está viajando.

— E se ele não gostar do meu trabalho?

— Você é maravilhosa. Se os sócios gostaram, ele também vai gostar. Acredita um pouco, amiga!

— Mas e se...

— E se nada. Vem... faz um brinde com esse vinho que você está tomando – ela diz e espera eu levantar meu copo através da câmera – as coisas estão mudando para você. Vai dar tudo certo, amiga. Tenho um sentimento bom sobre isso.

— Tomara...

Capítulo 6

Allegra



Os primeiros dias de trabalho foram de adaptação, mas rapidamente me sentia em casa na Future. Era fácil de trabalhar e gratificante. Precisava aprender o jeito deles e o que eles usavam, mas tudo era um ajuste. No início, estava um pouco deslocada, mas rapidamente fui abraçada pela equipe, convidada para os almoços e para os happy hours.

Eles trabalhavam como loucos, em miniequipes por projetos multidisciplinares. Atualmente, a Future prestava serviço para pelo menos 30 empresas, além de contratos eventuais que surgiam. Era uma loucura boa, e eu aprendia demais. Estava há uma semana trabalhando lá quando me deram meu primeiro projeto solo e, apesar de desafiador, foi divertido.

Como uma funcionária de startup, faço de tudo um pouco. Tenho lidado com ciência de dados, filtro e projeção, mas também dado apoio para o pessoal de infraestrutura. A empresa era incrível e não tinha visto trabalho mal feito desde que pisei aqui, há quase uma semana. Com o sistema de *low-code*, podia fazer e refazer tão rápido as coisas, que estudava uma maneira de melhorar o que está em minhas mãos. Quando começo algo, mergulho, e graças a Deus, a Future não tinha regras sobre fones de ouvido.

Um problema nesse período era a chefia. Brandon Blake comandava a área, mas estava viajando a negócios. Tinha medo dele não gostar do meu trabalho – afinal, não foi ele que me contratou – e tinha ainda mais receio porque assim que cheguei, começamos a trabalhar juntos à distância. Começou com um e-mail de apresentação e uma lista de coisas. Depois, mais coisas e mais coisas, e mais coisas. Era como se minha caixa de e-mail nunca parasse de apitar por Brandon.

— Ele é sempre assim? – perguntei para Ellen numa tarde em que Brandon

me enviou sete e-mails em sequência.

— Assim como?

— Ele não para de me mandar e-mails pedindo coisas – sussurrei para ela, que me olhou confusa.

— Brandon, Brandon, nosso chefe? – ela perguntou como se tentasse confirmar o que acabei de dizer e balancei a cabeça afirmativamente – é estranho. Ele valoriza a autonomia da gente, faz alguns checkpoints semanais, mas sete e-mails em um único dia? Isso nunca aconteceu.

Comecei a temer pelo meu período de experiência a partir deste dia. Na quinta-feira da semana seguinte, fui capaz de colocar uma voz na pessoa e durante vinte minutos ouvi de forma leve Brandon conversar com a equipe. Éramos oito pessoas dedicadas além de colaborar com alguns outros profissionais que ficavam com Zachary e Caleb, e Brandon fez questão de falar com uma a uma e perguntar das tarefas.

— Allegra, tudo bem? Não nos conhecemos ainda, mas temos trocado alguns e-mails, não é? Como andam as coisas?

Era uma voz grossa, rica. Um tom baixo, um pouco rascante. *Deus... estava delirando por uma voz.* Por algum motivo, me fazia arrepiar e meu coração bateu forte. Não posso estar com um crush na voz do meu chefe, posso? Respondi a cada pergunta dele, atualizando o status de todos os apoios que me pediu. Brandon parecia muito mais simpático do que seus e-mails, mas não podia ter por garantido que ficaria na Future se tinha desagradado um dos sócios como os e-mails faziam parecer.

Os dias passaram rápido depois disso. Já passava das nove quando corri pelo prédio com meu copo de café na quinta-feira seguinte. A empresa não cobrava um horário de entrada e saída, mas no meu processo de rotina, era importante manter um determinado padrão. Chegar às 9h era importante para mim. O elevador se fecha quando me aproximo, e tento alcançá-lo gritando para o vazio enquanto me enrolo com meu café e minha bolsa.

— Segura, por favor...

Posso ter gritado mais alto do que deveria.

Com a música estourada em meus ouvidos e o fone abafando todo o resto, às vezes tenho problema para controlar meu tom de voz. Pelo menos fez efeito e uma mão grande e muito masculina segura a porta tempo o suficiente para eu entrar um pouco esbaforida.

Olho para cima para agradecer ao desconhecido quando vejo o homem mais bonito que vi na vida. Desligo o fone e o encaro como uma idiota, um

pouco impactada pela visão a minha frente. Ele era alto, 1,90 talvez, cabelos e olhos cor de chocolate e uma barba cheia, como um lenhador sexy, com fios bagunçados um pouco longo demais e um sorriso de tirar o fôlego. Ele usava uma camisa preta justa e conseguia ver uma tatuagem escapando de seu bíceps. *Deus... este homem era de tirar o fôlego.*

— Oh, merda... – falo quando sinto o café cair da minha mão e respingar em mim no meio da minha distração.

— Você se queimou? – ele pergunta, me encarando preocupado.

Balanço a mão fazendo uma conferência ao redor. Não o sujei, minha roupa tem poucos respingos e não queimei parte alguma. Só fui idiota na frente do homem mais bonito que já vi na vida. Resisto ao impulso de tentar secar qualquer respingo no moreno misterioso e percebo que pareço meio patética. *Que bela primeira impressão.*

— Droga, sou tão desajeitada... Não... estou bem. Acho que não sujei você.

— Estou bem, você que parece um pouco... mexida – ele responde e me encara – não vi você por aqui. É nova?

— Acabei de começar na Future... merda... Se sujou algo, posso pagar a lavanderia... Só me avisar e...

— Você é Allegra? – ele me pergunta confuso.

— Sim eu...

— Sou Brandon – ele diz, entendendo a mão para mim.

É como se fosse atingida por uma bola de demolição. Merda... este homem maravilhoso é meu chefe. O encaro como uma idiota, piscando algumas vezes e me estico para pegar na sua mão e cumprimentá-lo.

Ele tem um sorriso nos olhos quando aperto minha mão na sua e algo acontece. WOW, não esperava por isso. Esse arrepio que toma meu corpo e o olho como uma idiota, tentando entender o que está acontecendo.

— Está tudo bem...? – ele pergunta olhando para nossas mãos e se separando de mim – te dei um susto. Nós precisamos conversar e bem, essa foi uma boa apresentação.

— Você nunca vai esquecer, certo? Toda essa cena do café... – respondo e coloco minha mão no rosto, tentando esconder minha vergonha.

O andar chega e ele faz um sinal para eu sair primeiro. Brandon avisa para a recepcionista sobre minha sujeira no elevador e pede para chamar uma equipe de limpeza. Ele me segue pelo salão. Algumas pessoas o cumprimentam e posso observá-lo com mais calma agora que ele não tem sua atenção em mim.

Brandon é diferente do que eu esperava. Lembrava-me dele nas fotos de Carol mais formal, magrelo, meio desajeitado. Não este homem que Deus... ajeito meus óculos, tentando distrair meus pensamentos.

— Sei que acabamos de chegar – ele diz caminhando ao meu lado e parando comigo na minha mesa – mas preciso conversar com você. Pode vir comigo até a sala de reunião? Queria conversar sobre nosso próximo projeto. Trouxe algumas coisas da viagem. Aproveitar que sua mente está fresca e não tão tomada como a do pessoal.

— Tudo bem, deixa pegar minhas coisas e vamos.

Ele me espera em pé ao meu lado e pego meu notebook, indo para a sala de reuniões, toda de vidro, em um dos cantos do salão. Nós entramos e ele tira a mochila, onde o computador dele está. Brandon senta na minha frente e me acena para fazer o mesmo. *É agora que ele me demite?*

Ele tem aquela aura e é como se pudesse senti-lo ao meu redor. Sua força, suas palavras. *Que merda, Allegra.* Nunca me senti assim com ninguém antes, como atraída à primeira vista e não quisesse me afastar. Logo com o meu chefe? Quer dizer... teve Bran... É isso.

Sou atraída por pessoas com nomes começados com B. É a única explicação razoável.

— Sei que mandei mais e-mails do que deveria, mas queria que você acompanhasse de perto a negociação com a China e a Coreia. Você vai ser a responsável por elas e precisava estar o mais bem informada possível. Fechei alguns contratos por lá e preciso de apoio na implementação. Fizemos algumas parcerias, migrações de tecnologia e...

Brandon definitivamente me deixa nervosa e enquanto ele explica, decido manter minhas mãos ocupadas. Sei que algumas pessoas acham falta de respeito comer durante uma reunião, mas minha mente está voando e preciso acompanhar o que ele diz. É importante.

— Você se importa? – falo no momento que pego um saco de doces do meu bolso.

— Contanto que preste atenção em mim – ele diz sorrindo, fazendo um aceno com as mãos de que não faz diferença.

— Quer Skittles?

— Deus, amo isso... mas ninguém por aqui gosta muito. Acho que é minha alma gêmea, Allegra – Brandon responde rindo. Entrego o pacote para ele. *Brandon, você não está facilitando para mim...*

— Comia aos montes escondidos dos meus pais. É meu segredo com meus

irmãos.

— Sente falta de estar perto deles?

— Muito... mas Noah e Trevor são tão ocupados agora.

— Espera... seus irmãos são Noah e Trevor Hunt? Seu sobrenome não me soava estranho. Os vi em uma matéria de finanças há alguns meses.

— Eu sei... os playboys milionários e CEOs. Eles têm uma fama – respondo suspirando — Mas você dizia...

— Claro, desculpe pela curiosidade e obrigado pelos Skittles – ele sorri — preciso da sua ajuda com a implementação dos contratos aqui na Future. China e Coreia devem ser da sua responsabilidade e precisa conhecer eles de cima a baixo, entende?

Ele explica tudo que foi negociado e começa a pedir uma série de coisas. Faço uma lista das tarefas e perguntas aos montes. Com meu trabalho freelancer, aprendi a perguntar. As pessoas têm visões diferentes das coisas, e nem sempre o que eu acho que é o correto, é o que o chefe acha que deve ser feito. Depois de quase duas horas de conversa, estou cansada e animada com o projeto novo.

Brandon é inteligente e sabe o que quer fazer. Pego o desafio e volto para o meu lugar no salão, pronta para mais responsabilidade. Como os projetos são prioridade, tenho uma reunião diária com ele, em que discutimos os próximos passos e o que posso fazer.

Os dias foram passando e a impressão do primeiro dia ficou gravada na minha cabeça. Brandon virou meu show particular diário: gostava de vê-lo chegar, sorrir para todos. Amava nossas reuniões e o quão dedicado ele era, quantas chances ele me dava. Quando o dia começava a cair e os ânimos ficavam estressados, ele sempre tinha uma palavra.

Com o tempo, as coisas ficaram ainda mais pessoais. Vê-lo todos os dias, conversar de coisas além do trabalho, como a série que vi no dia anterior ou um restaurante que visitei, sobre tudo e nada enquanto se passava horas demais presa em escritório, estava fazendo coisas engraçadas no meu peito. Conversava com minha família, meus amigos, mas aquele sentimento, aquela coisa estranha que não conseguia dar um nome, aquilo era só com ele. Aquela barba me mantinha mais noites acordada do que jamais pensei que ficaria.

Com duas semanas de trabalho ombro a ombro, sabia que estava um pouco obcecada. Era seu cheiro masculino tão dele, as maçãs do rosto marcadas, seus braços tatuados por cada vez que ele apontava algo no meu computador. Com dois meses e trabalhando cada vez mais perto, sabia que deveria tentar

parar. Estava começando a me apaixonar por meu chefe e isso era perigoso. Criava coisas na minha cabeça enquanto Brandon era apenas ele: alguém amável, apenas isso.

— Um dia ele vai perceber – Ellen sussurra parando ao meu lado, ela também trabalha na área de segurança e foi a primeira a me convidar para almoçar.

— O quê?

— Ah, vamos garota... você está aqui há o que, dois meses? E em todos os dias encara Brandon como se ele fosse o último doce da loja e você não pudesse comprar.

— Não é isso... – digo sem graça e sinto minhas bochechas ficarem vermelhas de vergonha. Ajeito meus óculos, tentando não a encarar e ouço seu sorriso baixo.

— Claro que é... mas Brandon não sai com ninguém por aqui. Ele é amigo de todos, mas nunca passa disso. Percebo seus olhares, talvez ele também perceba, mas garota... quanto antes você se curar, melhor para seu coração.

— Acho que está... está enganada.

— Tudo bem, Alle. Só estou avisando. Mais gente já quebrou o coração antes. Brandon não mistura negócios com prazer, se é que me entende.

Ellen volta a atenção para seu computador novamente e decido que preciso de uma pausa. *Eu tenho me comportado desse jeito? Será que ele sabe?* Brandon era fácil de olhar e algo acontecia quando ele estava perto de mim. Era uma energia invisível que atraía meu olhar, que queria que ele tocasse em mim, fizesse mais do que isso. *Estava ficando louca!*

Precisava de um encontro ou algo assim. Preciso me livrar dessa fixação.

Capítulo 7

Allegra



— A Gisul Group está por Nova York, vamos aproveitar para fechar os parâmetros desse contrato. O Senhor Park vem para uma reunião na segunda-feira – diz Brandon, se aproximando de mim. Ajeito-me na cadeira, tirando os olhos do meu notebook, dando atenção para ele.

— Isso é bom, significa que vamos poder começar a ir além da proposta, não? – respondo – finalmente vamos conseguir terminar essa documentação.

— Sim, mas tem um problema... ele nos quer em um evento hoje.

— Para quê?

— É uma apresentação para interessados. Acho que eles vão abrir para o mercado – ele diz e passa a mão no seu cabelo bagunçado – desculpa avisar tão em cima da hora, mas nós dois precisamos estar lá hoje. Nosso nome está na entrada, é um evento formal. Será um coquetel com banda e discurso. A Gisul Group deve querer deixar pessoas bêbadas e mostrar bons números.

— Tudo bem... é bom saber que ainda tenho alguns dos meus vestidos – respondo, sabendo que não tenho muita escolha neste tópico.

— Vai ser divertido... posso até te tirar para dançar – Brandon fala e pisca para mim – vou passar o endereço e os detalhes por e-mail.

Do mesmo jeito que ele veio, Brandon voltou para uma das mesas onde estava seu computador, me deixando meio aflita. *Uma festa.* Minutos depois, chega o e-mail com os detalhes do evento. Será no distrito financeiro, a poucas ruas da Future. Tinha pensado em ir rapidamente para casa e colocar um vestido simples, mas algo dentro de mim me dizia que precisava voltar aos eventos que costumava ir com meus pais na adolescência, onde sócios e parceiros da Hunt Enterprise ofereciam jantares com sete pratos.

No final da tarde, antes do horário que costumava sair, decidi ir embora

para me arrumar em casa. Procurando entre minhas coisas, achei um vestido verde de cetim que se agarrava a meu corpo. Era bonito, de bom gosto e não pareceria que só escolhi o bom e velho vestido preto. Ajeitei meus cabelos em um coque com cachos caindo livres na parte de trás e fiz uma maquiagem leve. Pela primeira vez, em muito tempo, usei lentes de contato e o efeito fazia meus olhos azuis ficarem muito mais chamativos do que eram atrás dos óculos.

Às 20h estava na porta do evento e depois de uma recepção rápida, olhei ao meu redor, percebendo que fiz a escolha certa. Estava arrumada como os outros convidados e passaria despercebida pela aglomeração de pessoas. Poderia ser impressionante para quem nunca tinha estado em um ambiente como aquele, mas eu ficava apenas entediada. Na época que meus pais e tios às vezes me carregavam para eventos como aquele, me dedicava a comer enquanto esperava que eles fizessem os contatos de negócios.

Procuro por uma bebida e alguns canapés quando Brandon surge a minha frente. Ele tinha domado o cabelo e a barba em uma tentativa de se tornar mais arrumado. O homem tatuado e que detestava roupas sociais estava bem ali e era um espetáculo de smoking.

— Brandon... – sussurro, o vendo caminhar até mim, quase como uma oração para mim mesma.

Espero que não tenha um olhar abobado em meu rosto. Meu coração se acelera e minhas mãos suam. *Isso é apenas um evento de negócios... apenas trabalho.* Repito como um mantra enquanto meu olhar cai sobre aqueles ombros vestidos com traje formal.

— Allegra! Que bom que chegou!

Brandon sorri e lança um olhar de apreciação. Fico feliz de ter me esforçado e com um pouco de vergonha.

— Você já estava aqui?

— Conversando com algumas pessoas do outro lado quando vi você chegar.

— Não vi outras pessoas da Future...

— Não sei ao certo como Caleb fez. Como estamos no projeto, era essencial que nós dois estivéssemos aqui, mas não sei quanto ao resto da equipe. O convite para esse evento foi feito muito em cima.

— Quer dizer que só seremos nós dois hoje? – respondo, fugindo de seus olhos.

— Acho que sim. Caleb não vem, e nós vamos encontrar o senhor Park

para falar sobre a parceria com o banco de dados.

— Em uma festa?

— Acredito que seremos mais vistos do que procurados para conversar. A reunião é na segunda-feira de qualquer forma.

— Então para que vir aqui?

— Porque essas pessoas são assim. Mostra que este evento importa para a gente, que eles importam como cliente. – Brandon responde e sorri apertando minha mão – se acalme. Vamos circular, procurar o senhor Park, tentar alguma conversa. Depois podemos ir embora.

— E a apresentação?

— Não precisamos ficar. Quem precisa ouvir são os investidores e não temos o capital suficiente.

— Apenas isso?

— Eu te prometi uma dança, não? – ele responde piscando – vem, vamos procurá-lo.

Brandon colocou sua mão na base da minha coluna e o toque foi tão pessoal que senti meu corpo vibrar com a sensação. Tinha que parar de sonhar acordada e colocar minha cabeça no jogo. Quando finalmente achamos o senhor Park, ele falou conosco por menos de 15 minutos e garantiu que estava interessado em ouvir mais na reunião seguinte. Neste meio tempo, pegamos bebidas e caminhamos entre as pessoas.

Brandon tinha razão. Em trinta minutos já estávamos prontos para sair daquela festa. Nem mesmo tinha comido a quantidade de canapés que precisava para pular o jantar, mas, ao mesmo tempo, estava louca para tirar a sandália apertada de meus pés. Beleza dói, já dizia Beyoncé.

— Missão cumprida com sucesso – falo para Brandon quando nos afastamos do senhor Park. Ele continua com sua mão na base da minha coluna e é como ferro quente. Não consigo deixar de senti-lo e não quero que aquele toque acabe.

— Ainda falta a dança que te prometi.

— Não precisa, Brandon...

— Claro que precisa. Tem uma pista de dança e uma orquestra. Vamos mostrar alguma habilidade.

— Você pode estar brincando, mas eu tenho alguma habilidade, ok?

— É mesmo?

— Minha mãe era dançarina, minha avó também. Passei parte da minha infância alugando meus irmãos como pares – falo orgulhosa da minha

história.

— Em dança de salão?

— Pior: salsa. Minha avó era cubana. A melhor vedete do Havana e de Las Vegas.

— Merda, Allegra. Você está me deixando cada vez mais motivado para dançar com você.

— Tudo bem... Venha, mas não diga que não avisei – falei estendendo a mão para Brandon enquanto dei um semi-sorriso – Preciso de um parceiro de talento.

Brandon faz uma saudação cômica e se aproxima. Ele entrelaça os dedos nos meus e caminha comigo até a pista de dança onde a orquestra tocava uma balada.

O maldito choque ainda estava lá. *Nunca mais poderia eu encostar em Brandon em paz?* Brandon me puxou para seus braços em um encaixe perfeito, conduzindo a dança com perfeição.

— É suficiente? – ele sussurrou enquanto me levava na dança suave.

— Você me surpreende, Brandon.

— E você é uma ótima companheira da dança.

Ele trouxe nossos dedos ainda entrelaçados para perto do seu peito e me olhou fundo, como se eu fosse a única coisa que ele pudesse ver. Não estava preparada para o impacto daquilo. Virei minha cabeça, apoiando-a no ombro de Brandon.

Nós dois estávamos com a mente longe, calados e em nosso próprio mundo. Seu corpo colado ao meu fazia coisas engraçadas em mim e éramos quase um só, grudados como uma segunda pele. Ele dançava bem e me conduzia entre os acordes suaves da orquestra. Brandon acariciou lentamente meu cabelo e me afundei mais nele, sentindo seu cheiro. Quando a música parou, anunciando uma nova peça, ele me segurou em seus braços até que a orquestra recomeçasse.

Não tinha forças para quebrar aquele momento tão especial.

Sentia minha pele queimar com seu olhar enquanto mantinha meus olhos afastados do rosto do meu chefe. Com os segundos passando e a sensação crescendo cada vez mais, levantei a cabeça na direção de Brandon. Minha valentia me colocou a centímetros daqueles lindos olhos cor de chocolate que me encaravam tão profundamente.

Seus lábios estavam tão próximos que se eu levantasse minha cabeça, estaria consumida por sua boca. Seu olhar tinha desejo, como se a magia nos prendesse naquele instante. Meus lábios se aproximavam como ímãs até sentir a respiração quente de Brandon no meu rosto, tão perto de sua boca. Estávamos tão colados como se fôssemos um, em um abraço íntimo que dizia muito mais do que nós dois queríamos dizer.

O que estava fazendo? O que estava sentindo?

— Eu não... eu... – falei balbuciando e me soltei dos braços dele como uma covarde, quebrando a magia entre nós dois. Dei alguns passos para trás, me afastando. Estava com medo do que viria depois daquilo – ...preciso ir.

Brandon ficou em silêncio por alguns segundos respirando pesadamente. Era como se estivesse tão confuso quanto eu. *Seria possível?* Muitas coisas passavam na minha cabeça agora, eram tantos “e se”. Mas Brandon era meu chefe, isso era um evento de trabalho, e eu poderia estar estragando tudo e me jogando para alguém que talvez não estivesse interessado de mim.

— Eu levo você, estou de carro – ele responde com a voz mais grossa e pesada que o habitual. Ele pisca algumas vezes e me estende a mão.

Não a pego. Tenho medo.

— Tudo bem, posso chamar o...

— Allegra, vamos – ele me interrompe, me fazendo parar de falar, com autoridade, cortando qualquer manifestação de minha parte.

Brandon dá a volta com seus braços em mim. Ele me conduz com seus dedos empurrando contra a base da minha coluna até a garagem do local. Minha cabeça ainda está na pista de dança e me mantenho em silêncio. Quando chegamos perto do carro, ele abre a porta para mim, me acomodando, e caminha para o lado do motorista.

No momento que ele passa na frente do carro, o observo novamente com o smoking. O que aconteceu esta noite? Será que ele não é indiferente? Deus... o que vou fazer com essa coisa que sinto por Brandon?!

— Está bem? – ele me pergunta quando liga o carro.

— Sim, cansada... mas foi uma boa noite.

— Vai poder dormir amanhã. Sábados são bons para descansar.

— Vou correr amanhã, tenho ficado muito preguiçosa com minhas corridas matinais.

— Você corre?

— Durante a semana. Deveria ser uma hora por dia, mas com o trabalho e tudo o mais tenho conseguido, 15 minutos, meia hora... Amanhã, com calma, vou tentar fazer melhor.

— Eu poderia ir? – Brandon pergunta tirando o olhar da rua e se virando para mim.

— O quê? – pergunto confusa.

— Gosto de correr, e assim como o Skittles, ninguém que eu conheça também gosta. Você é um sopro de ar fresco na minha vida, Allegra.

— Você... você quer mesmo? – Pergunto confusa.

— Claro. Que horas amanhã?

— 9h na porta da minha casa estaria bem?

— Ainda não sei onde mora, Allegra.

— Você vai me levar lá agora, é bom para aprender – respondo e falo meu endereço completo.

Brandon e eu vamos todo o caminho conversando sobre assuntos aleatórios até que chegamos rapidamente a minha casa. É suave e tranquilo. Primeiro essa dança, agora ele quer correr comigo? Esse Brandon amigável me confunde.

— Foi bom, não? Você estava lindíssima hoje – ele diz no momento em que estaciona o carro na minha porta.

— Obrigada... – falo com vergonha – você também não está nada mal. É bom se vestir de vez em quando.

— Detestava a época que precisava trabalhar de terno.

— Vi algumas fotos suas quando morava no mesmo dormitório que sua irmã. São duas pessoas completamente diferentes.

— Eu sei... espero que esteja melhor agora.

— Pelo menos parece mais feliz – falo com sinceridade – te vejo amanhã, ok?

— Tchau, Allegra... – ele diz e se estica um pouco, dando um beijo leve na minha bochecha – nos vemos amanhã.

Eu olho para ele um pouco confusa pelo beijo, mas balanço a cabeça tentando ignorar meu coração acelerando. Saio do carro e aceno de longe antes de abrir a porta. Da minha janela, vejo o carro partir pela noite, como se estivesse esperado eu acender as luzes. *Que diabos acabou de acontecer?*

Capítulo 8

Allegra



Acordo e tomo café vendo o dia clarear. Sinto-me energizada e não quero pensar sobre quão animada estou por ver Brandon esta manhã. Demorei a pegar no sono e em algum momento da noite sonhei com Brandon fazendo algumas coisas bem safadas.

Eu era uma virgem com imaginação e precisava parar de ser tão obcecada pelo meu chefe. Mas ele não me ajudava sendo tão lindo de smoking – ou sendo ele mesmo, com aquela barba, aquelas tatuagens e...

E me distraí de novo com minha imaginação sobre Brandon. Tem acontecido mais vezes do que posso contar. Faço minhas tarefas matinais e troco de roupa, brincando com Wentworth pela casa até dar nove da manhã. Talvez ele não venha... O horário avança e minha campainha não toca, então decido ir sozinha e chateada. *Ele esqueceu?*

No momento que piso na rua, ele está lá, se alongando na minha porta. Brandon está de shorts e tênis e parece uma tentação ambulante com roupas de exercício.

— Ei... – Brandon diz, me dando um aceno – você não disse qual é o apartamento, então fiquei aqui embaixo esperando.

— Me desculpe! Achei que não viria...

— Você disse que corria e me convidou, por que não viria?

— Estava esperando lá em cima – respondo envergonhada.

— Me dá seu celular – ele diz, levantando a mão e me esperando colocar o aparelho em sua palma. O entrego e ele digita algumas coisas antes de me devolver o telefone – agora você tem meu número e tenho o seu. Da próxima vez, é só me mandar uma mensagem.

Ainda um pouco confusa, me aqueço e começamos. Brandon não mentiu

quando disse que gostava de correr. Ele acompanhou meu ritmo e por vezes me passou, tentando me puxar para mais. Eu ria dele e ele de mim, tentando nos animar para continuar. Nós seguimos o meu percurso e, uma hora depois, estava de volta à porta da minha casa. Estava cansada e feliz. Brandon era um bom companheiro de corrida.

— Quer subir? – pergunto quando vejo a escada da minha casa e me encosto no corrimão para respirar.

— Deveria ir, meus pais estão em Nova York. Vou almoçar com eles.

— Aceita pelo menos uma água? – pergunto. Parece que estou implorando para ele subir. *Merda.*

— Tudo bem... – ele diz e eu abro a porta, dando passagem.

Nós subimos e assim que entro, cumprimento Wentworth. Ouço a risada leve de Brandon sobre minha ação, mas finjo que não é sobre mim. Caminho até a geladeira e pego uma garrafa, abro meu armário e coloco dois copos na bancada. Ele bebe a água gelada e consigo ver seu pescoço flexionando enquanto o líquido passa por sua garganta. Tenho um fraco por este homem do tamanho do Grand Canyon. É a única explicação por achar isso sexy.

— Seu apartamento é realmente vazio, Alle – ele diz, encarando minha sala da cozinha americana ainda segurando o copo.

— Acabei de me mudar.

— Porque não falou nada? Poderíamos ter ajudado você!

— Foi antes da Future.

— Alle... por favor! Não acabou de se mudar. Há quanto tempo esse apartamento está assim?

— Quatro meses, talvez mais...? – respondo e ele faz uma cara confusa antes de responder.

— Tudo bem que me mudei há mais tempo que você, mas pelo menos eu tenho um sofá – ele fala e me sorri — Me mudei depois que me separei. Meu apartamento em Tribeca em muitos aspectos me deixa mais feliz do que estar no SoHo, a começar pelo meu pequeno jardim.

A informação vem até mim como um acidente de carro. Brandon é casado? Antes que possa me controlar, pergunto em voz alta.

— Você é casado?

— Fui, durante dois anos... as coisas só... elas não funcionaram. Me casei pelos motivos errados e me divorciei.

— Não tinha ideia. Tem filhos?

— Sempre quis, mas Stephanie não achava que era o momento. No final,

foi melhor. – Ele responde como se a cabeça não estivesse ali.

— Você ainda a ama? – Pergunto em um fio de voz sem conseguir me controlar e assim que ouço minha voz me arrependo. Isso é pessoal demais.

— Deus, não! – Ele fala mais alto e depois diminui o tom – às vezes penso que nunca cheguei a amá-la realmente. Como falei, motivos errados.

— Desculpe pelo jogo de 20 perguntas.

— Foi menos do que isso... está tudo bem, você é minha amiga – ele responde e faço uma munheca detestando estar nesse papel – preciso ir. Foi uma ótima corrida. Acho que podemos fazer isso toda semana.

— Você vai vir de Tribeca até o Chealsea só para correr comigo? – pergunto confusa.

— Você é uma ótima parceira de corrida – ele diz piscando – E você pode ir até mim de vez em quando. Te vejo na segunda-feira.

Ele some da minha visão, batendo a porta de entrada e me sento no sofá colocando as mãos no rosto. *Perguntei se ele ainda amava a ex-mulher.* Pelo amor de Deus!



Brandon e eu passamos a cultivar uma amizade estranha depois desse dia. Meu coração se acelerava só de ouvir a voz dele, mas era covarde o suficiente para ir além disso. Depois da corrida, percebi que estava construindo castelos de areia com meus sentimentos e minha imaginação. Brandon queria minha amizade enquanto eu ficava confusa. Sabia que ele não estaria interessado em mim. Erámos diferentes demais, um casal que não combinaria, imperfeito.

Nós ficamos próximos muito rápido, como se estivéssemos pendentes das nossas mensagens e momentos trocados. Era um afeto tão rápido e doce que não sabia explicar. Ele me manda mensagens aleatórias durante o dia, nós comentamos coisas que vemos e ouvimos por aí. Brandon me manda fotos bobas, como seu sofá e recebe coisas idiotas, como um book fotográfico de Wentworth. É maravilhoso tê-lo como chefe, lidando no dia a dia da Future, e é ainda melhor em todo o resto. Sorrio, lembrando da conversa sobre meu gato:

Brandon
Wentworth?

Allegra

Meu gato.

Brandon

É uma epidemia. A esposa de Zachary tem um gato chamado Mr. Bingley.

Allegra

Uma epidemia de bom gosto por Jane Austen, você quer dizer...

É a terceira semana seguida que ele corre comigo aos sábados. Às vezes almoçamos juntos. Ajudei Brandon a escolher um presente para o aniversário da mãe. Em um desses dias, ele me contou sobre a traição da ex-mulher e tanta coisa fez sentido.

Nosso projeto também ia de vento em popa. Depois de idas e vindas o contrato foi assinado e fechamos um cronograma, me sentia cansada e feliz. Nas últimas semanas trabalhávamos ombro a ombro, nos debruçando sobre dados e planilhas, ligações e caixas de pizza quando pulávamos refeições. Era incrível realizar algo, conquistar coisas e conhecer o negócio. Como neste projeto só estávamos nós dois, as coisas só foram ficando cada vez mais loucas na minha cabeça.

Em uma tarde, estava trabalhando quando meu celular tocou e para minha surpresa era Olivia, filha de meu tio Matt. Nós nos falávamos pouco então fiz questão de atender no mesmo momento. Levantei, indo para a área de descanso, ouvindo a voz da minha prima do outro lado da ligação.

— Oi, Alle, tudo bem?

— Liv... que surpresa.

— É para lembrar você do aniversário do meu pai. Sei que está ocupada com o novo trabalho, querida, não quero atrapalhar. Mamãe montou uma festa surpresa para ele daqui duas semanas. Você pode ir?

— Claro! Queria dar um pulo em Los Angeles mesmo. Às vezes sinto muita falta de vocês.

— Você sempre pode se mudar de volta.

— Eu sei, mas amo essa cidade...

— Entendo. Mandy diz o mesmo. Ela e suas pedras têm saudades, mas são mais felizes na Virgínia.

— Está tudo bem de resto?

— Sim... David continua com seus planos de me engravidar o máximo que conseguir.

— De novo? – pergunto com um sorriso no rosto.

— Nosso terceiro... tenho poucos meses e não falei com todo mundo, mas acho que até o aniversário do papai toda a família deve saber.

— Nossa, Liv. Parabéns!

— Eles dão trabalho, mas os amo tanto...

— Liv... – Falo e pigarreio tentando ganhar tempo para escolher bem as palavras – como é?

— Como é o quê?

— Ser amada...

— Querida... vai acontecer. Você é nova e...

— Estou confusa... – a interrompo – tem esse cara e ele é meu amigo e meu chefe e não sei o que fazer sobre ele.

— Já ouvi essa história com meus pais, Alle. Você acha que ele te corresponde?

— Não sei, mas o que sinto por ele é tão forte... A última vez que senti isso foi com Bran, naquela noite da adega.

— Acho que você deveria esquecer essa história do Bran da adega. Todos nós a conhecemos, mas Alle, já faz anos. Ele nunca apareceu, você não teve como falar com ele depois. Talvez tenha sido uma impressão forte porque aconteceu no dia da morte do vovô.

— E com Brandon as coisas são tão...

— Ele também se chama Bran? – ela pergunta rindo.

— Eu sei, é engraçado.

— Já pensou que eles podem ser as mesmas pessoas?

— Não! Brandon não morava em Nova York na época. Por mais que a festa tenha sido da irmã dele.

— E se ele veio para Nova York naquele dia?

— Ele teria me reconhecido.

— Você teria reconhecido ele? – ela pergunta e a linha fica em silêncio alguns segundos – Olha, Alle. Você gosta desse cara. Ele deve ser bom com você e você se sente diferente com ele. Com todo respeito, dane-se Bran da adega e seja corajosa.

— Mas se estiver confundindo as coisas?

— Pare de fazer uma tempestade em um copo de água. Quebre o coração, Alle. Seja corajosa.

— Você diz isso porque David te ama.

— Mas não amou no começo. Um relacionamento é uma coisa de dois, é preciso construir. Vai à luta, minha prima!

— Obrigada, Liv – respondo suspirando – vejo você na festa do seu pai. Vou pensar em tudo o que me disse.

— É melhor mesmo. Te amo, Alle.

— Eu também, prima!

No momento em que desligo, olho para a linha do horizonte na sala de descanso e vejo a paisagem de Nova York através da janela. Fico pensativa quando ouço uma voz conhecida atrás de mim.

—Você estava aí! Viu que o contrato foi assinado? – Brandon fala se aproximando de mim. Recebemos o e-mail de confirmação do financeiro há alguns minutos — Chega por hoje, não?

— Como assim, são duas da tarde!

— E nessa semana saímos daqui meia-noite algumas vezes... vem, vamos...

— Onde?

— A um bar?

— Não estou com tanta vontade de sair assim.

— Você quer trabalhar, é isso? – ele me pergunta rindo.

— Não, mas também não quero beber cerveja a essa hora da tarde.

— Cinema, o que acha?

— O quê!?

— Não piso em um cinema há meses. Quero sentar e relaxar.

— Brandon, você é doido.

— Cinema... vem! – ele diz e me estende a mão. Pego imediatamente e olho ao nosso redor com medo da equipe ver. Tento puxá-la de volta, mas Brandon não me deixa soltá-la.

— Preciso pegar minha bolsa!

— Tudo bem, mas é sério! Precisamos descansar, vamos ver uma comédia com um saco de pipoca enorme e refrigerantes de um litro.

Sorrio de volta e me deixo levar, passando por minha mesa e colocando minhas coisas no ombro. Nós caminhamos algumas quadras da Future até o Alamo Drafthouse de mãos dadas. Em meu coração, finjo que nós somos um casal e este é mais um dia em nossas vidas. Como se a conversa que Liv me estimulou a fazer já tivesse acontecido. Sinto nossos dedos entrelaçarem e a energia que circula através do pequeno contato. Jogamos conversa fora até lá e dez minutos depois, estamos parados em frente do pôster com os horários.

Escolhemos uma comédia deliciosamente ruim. Como prometido, Brandon compra um balde de pipoca enorme e refrigerantes. Nós equilibramos tudo para dentro da sala sem que ele nunca solte minha mão até que nos sentamos

e finalmente quebramos o nosso contato. Nós rimos da tela e comemos nossa pipoca até que pela metade do filme Brandon se estica para meu lado e coloca seu braço em meu ombro.

Nunca tive esse tipo de experiência na adolescência, com minha família me protegendo o tempo todo, mas eu sentia dentro de mim que algo estava acontecendo. Nas últimas semanas, tive certeza de que era só amizade por parte de Brandon, mas agora, com ele me olhando no escuro, agindo desse jeito, comecei a ter dúvidas.

Era como se Brandon e eu estivéssemos fingindo que estava tudo bem, quando na verdade quiséssemos muito mais do que aquilo. Por que relacionamentos eram tão confusos?

Fingi que nada aconteceu e deitei minha cabeça em seu ombro, ignorando as batidas do meu coração. Nós vimos o resto do filme fechados em um abraço. Não lembro como terminou, mas lembro da sensação de estar nos braços dele no escuro. Quando as luzes acenderam e tivemos que nos separar, foi como se algo tivesse se quebrando. Brandon e eu estávamos silenciosos.

Jogamos o saco de pipoca vazio e os copos no lixo e saímos do cinema. O distrito financeiro está encerrando o dia e pessoas correm apressadas por todos os lados. O sol ainda brilhava do lado de fora, em um horário que ainda deveríamos estar no trabalho. Olho para o alto sentindo o calor do verão de Nova York no meu rosto.

— Está tudo bem com você? Está calada.

— Estou cansada, todos esses dias... – respondo sem encará-lo, começando a caminhar.

— Allegra, realmente...? – ele pergunta e coloca a mão em meu antebraço, me fazendo parar de andar. Sinto minha pele arrepiar e Brandon me encara um pouco surpreso, antes de dar um passo para trás.

— Apenas cansada – garanto, tentando encerrar a discussão. Preciso ficar sozinha, pensar na confusão mental entre meus sentimentos e o que acaba de acontecer no cinema.

— Ei, está tudo bem tirar uns minutos, só fiquei preocupado. Nossa tarde no cinema foi especial – ele diz meio sem jeito e sorri – Te considero uma amiga, você sabe.

— Você faz isso com todos?

— Me preocupo com minha equipe, mas você... acho que se tornou minha amiga quando recebi a quinta foto de Wentworth – ele responde rindo.

— Estou com muitas coisas na cabeça. Preciso resolver coisas da minha

casa, visitar meus pais em Los Angeles. Comprar desesperadamente móveis. Chega o final de semana e não consigo me levantar da cama. Sou uma preguiçosa.

— Vou ter que te tirar da cama? Vamos, Allegra, você corre nos finais de semana...

— E fico deitada todo o resto do dia.

— Vamos mudar isso.

— Como assim?

— Sábado de manhã, Allegra. Eu, você e seu sofá vamos fazer compras.

— Como assim?

— Se isso vai fazer sua cabeça voltar para o jogo, estou disposto a ajudar.

Não é a primeira vez que me diz que está cansada.

— Não precisa disso....

— Está combinado. Te pego no sábado.

— Nós corremos aos sábados!

— Pois amanhã teremos um programa diferente!

— Brandon! – respondo gemendo, mas ele não me ouve. Brandon virou de costas sem se despedir e saiu caminhando na direção contrária à minha, me deixando sozinha com meus pensamentos.

Capítulo 9

Brandon



— Allegra é um achado, irmão, você vai adorá-la! – diz Caleb do outro lado da linha. São duas da manhã em Seoul, mas entre a agenda lotada e o fuso-horário, era o único horário que consegui para falar com ele.

— Era uma vaga para minha equipe, gostaria de ter participado disso. Conversei com vocês antes de ir e... – Falo e paro, sentindo que pareço um velho reclamão. No fundo Caleb tem razão. Coloco a mão na cabeça massageando devagar, tentando parar a dor latejante atrás dos meus olhos. Faltava pouco para acabar a maratona asiática.

—O projeto para o banco precisava de apoio, e a gente tem a primeira entrega para eles já na semana que vem. Era crítico. Você sabe disso. Não quero passar por cima de você.

— Sei disso, Caleb. É tudo isso... a viagem tem sido cansativa. Amanhã tenho mais duas reuniões e estou marcando de ver a empresa da cloud. Se conseguirmos tudo que estamos planejando...

— A Future vai ser imbatível! Eu sei, irmão. Você é uma máquina, mas deveria parar um pouco.

— Diz aquele que também trabalha 16 horas por dia.

— Certo é o Zachary que não passa mais do que oito horas longe daquele espetáculo de esposa que ele tem.

— Caleb Johnson, você está com inveja do casamento do seu melhor amigo?

— Não do casamento, mas vamos. Ele tem em casa uma esposa que gosta dele, um bebê, outro filho chegando. Nós temos o quê? 16 horas de trabalho? Não estou ficando nem um minuto mais novo.

— Caleb, você está na crise dos 40, meu amigo?

— Ainda falta um par de anos. Parece que vou ter que me resolver transando com uma desconhecida, sem consequências, talvez duas ao mesmo tempo – ele responde rindo.

— Merda... estou com saudade de casa. Desde que comecei essa viagem parece que não durmo direito.

— Já é madrugada aí, certo?

— Algo assim...

— Vá dormir, Brandon! Você volta em três dias. Vai tirar algumas férias depois?

— Me espere no escritório no minuto que sair do avião, sabe como é.

— Workaholic como sempre. Isso vai te cobrar uma conta em algum momento.

— Só espero que seja bem, mas bem mais tarde – digo com um bocejo – merda, a ideia de dormir é bem atraente. Volto a falar com você amanhã, Caleb!

Me deito pensando sobre o que Caleb acabou de dizer. A primeira coisa que fiz ao chegar no hotel foi tomar um banho longo e quente porque sabia que seria roubado pelo sono assim que parasse. Tem sido assim nos últimos dias. Eu encerro tudo, fecho os olhos e meu alarme toca na manhã seguinte. É como se não tivesse descansado nem um minuto.

Minha rotina em Nova York é pesada, mas desde que concordei com essa viagem, as coisas têm ido de mal a pior: muitas horas de trabalho, um mau humor absurdo, estresse e a certeza de que não vai melhorar muito quando chegar em casa. Tenho 33 anos, bem longe de algum relacionamento. Stephanie me marcou um pouco, e mesmo tendo saído com uma mulher ou outra desde o divórcio, estava ali, sozinho. Meu pai dizia que era a maldição – que ele mesmo não acreditava – mas que poderia explicar o que eu estava sentindo.

A tal única vez foi com Anna, que me deixou meio louco e sumiu. Virei um ermitão, trancado em meu apartamento, trabalhando como louco, sem muitos objetivos além de fazer a Future ir para frente. Não tinha para quem voltar como Zach. Foi isso, inclusive, que me fez vir nessa viagem. Caleb não tinha as competências técnicas e Zachary não queria ficar longe de sua esposa por quase um mês.

Ouvi sobre Allegra há algumas semanas, assim que ela foi contratada. Aquilo me chateou mais do que deveria, porque a pessoa ia ser minha

parceira com os contratos que saíssem dessa viagem. Virei um implicante, um bully, enviando e-mails exigentes, pedidos impossíveis e listas e mais listas de coisas. A cada novidade da viagem, enviava para ela pedindo mais e mais.

Allegra realmente era um achado e resolvia tudo com classe. Me respondia os e-mails com educação, perguntas e o mais importante, respostas. A cada coisa que precisasse, ela estava ali como um copiloto a distância – e eu duvidava que ela soubesse o quão importante estava sendo para as negociações.

Ontem cheguei à última parada, Coreia do Sul. Era pelo bem da Future, mas estava exausto. E quando chegasse, precisava pedir desculpas para Allegra, começar de novo. Eu, que prezava tanto pelo tempo e autonomia da minha equipe, fiz da vida a nova funcionária impossível nas últimas semanas, única e exclusivamente porque não fui eu a escolhê-la.

Suspiro, sentindo meus olhos pesados. Fiz uma lista mental do que resolver com Allegra e a agenda do dia seguinte...

Uma mulher que me esperasse em casa. Uma família. Que me quisesse a seu lado que... Anna.

Às vezes penso nela e no que poderia ter sido. Criei tantas tramas paralelas que deve existir um multiverso em que começa comigo sendo formalmente apresentado para Anna naquela noite. Fecho os olhos e ouço sua voz. Não lembro exatamente como era, os anos passaram a me trair e só conseguia sentir a sensação. Lembro-me do jeito que pronunciava as palavras, de como a senti em meus dedos. Talvez eu fosse um romântico no final das contas. Talvez a lenda – ou a maldição — dos Blake tivesse me pegado como tantas vezes minha mãe e minha avó anunciaram. É a última coisa que penso quando fecho os olhos, ainda com o celular na mão. Nem tudo é glamour em uma viagem de negócios.

As coisas acabaram antes do previsto e adiantei meu voo. O plano original era um voo tranquilo que chegaria pela manhã e me deixaria ir até a Future à tarde para quebrar o jet lag. Em vez disso, meu voo foi cancelado graças a um tufão, passei horas preso no aeroporto e depois de algumas brigas com a companhia aérea, embarquei em um voo cheio de turbulências. Vinte horas depois, estressado e precisando de um banho, cheguei ao JFK e quase quis beijar o chão da cidade.

Eram quase dez da noite, estava perto de casa e fui para meu apartamento, onde deixei todas as malas jogadas, corri para o banho e dormi por exaustão.

Meu alarme tocou às oito da manhã e – apesar de saber que precisava dormir mais – tinha que atualizar o pessoal. Meu plano era sentir o quão cansado estava e sair algumas horas mais cedo. Ainda bocejando e repensando minha ideia de ir trabalhar cedo, entrei no prédio da Future. A voz pedindo para segurar o elevador veio quase em seguida.

Foi como se tivesse sido atingido por um raio. Eu nunca a vi. Teria certeza se já a tivesse visto. Meu corpo reagiu à visão, querendo saber mais, me aproximar dela e declará-la como minha. *A exaustão estava me fazendo louco? Essa coisa... esse tesão só de estar perto dela, de sentir o cheiro, é o jet lag?*

Ela tinha cabelos escuros e uma pele bronzeada que tinha vontade de beijar. Seus cachos caíam pelos ombros e quase sentia inveja por estarem tocando onde eu queria estar. Merda, ela era linda. Meu corpo sabia disso. Registrei suas curvas em poucos segundos e me sentia duro só de ver seus quadris delineados pela calça que ia até sua cintura.

Ela me encara um pouco confusa, meio fascinada e me sinto bem por dois estarem jogando este jogo. Através de seus óculos consigo ver o mais belo par de olhos que já vi na vida, azuis tão claros e profundos que posso me perder dentro deles... é como se estivesse enfeitiçado... Inclínava-me cada vez mais, sentindo que ela também vinha em minha direção. Nenhuma palavra foi dita, só a sensação de...

Merda... Pulo para trás no momento em que vejo o café que ela segurava cair no chão, o copo fazendo um barulho pesado antes de se espalhar. Me preocupo por ela, quero saber se está bem. Nunca a vi naquele prédio, e a perspectiva de estar atraído por alguém que está tão próximo de mim me leva de zero a cem.

Meu cérebro demora a registrar quando ela diz “Future” e é como se um balde de água fria caísse sobre mim. *Minha empresa?* Então ela só pode ser uma pessoa... Allegra.

Não é possível.

Passo minha mão por meu cabelo, o sentindo mais bagunçado do que o normal. Porra... é Allegra.

— Você é Allegra?

— Sim eu...

— Sou Brandon – falo e estendo minha mão.

Ela a pega um pouco abalada e, por um milésimo de segundo, é como se eletricidade passasse por meu corpo. É tão confuso que solto nossas mãos

encarando meus dedos, tentando entender o que acaba de acontecer. Allegra me olha como se tivesse afetada pela mesma coisa e só consigo me mover quando o barulho do elevador me avisa que chegamos ao nosso destino.

As portas se abrem e fujo da explicação, voltando a ver o escritório depois de semanas. Era aberto, espelhado e com um grande salão onde nossos programadores e cientistas de dados trabalhavam. Caleb, Zachary e eu tínhamos salas, mas raramente as usávamos.

— Olha quem decidiu vir trabalhar depois de mais de um mês de férias! — disse Elias de sua mesa.

Caminhei para ele vendo Allegra ir até a sua mesa em minha visão periférica. Sorri para todos, espalhando alguns bons dias pelo salão enquanto vinham em minha direção. Meu olhar caía vez ou outra em Allegra. Sabia que ela era minha funcionária, mas era como se uma corda invisível me levasse até ela e fosse impossível tirar meus olhos dela.

Foi desse jeito que terminei ao seu lado novamente. Não deveria sugerir a reunião logo em seguida, já que deveria falar com Caleb e Zachary antes, mas não consegui evitar. Pois precisava falar com ela, e esse era o único assunto disponível sem que me deixasse parecer um idiota perseguidor, um chefe assediador.

A ideia de ter Allegra sozinha em uma sala comigo é tentadora. *Com certeza é o jet lag*. Penso comigo mesmo. Em 33 anos da minha vida, nunca agi desse jeito com uma mulher, como se estivesse enfeitiçado, enlouquecido.

Era a porra do chefe dela. Caralho. Não poderia fazer movimento algum.

Nós entramos na sala e continuo a encarando como um idiota por alguns segundos. Forço minha concentração ao limite e levo minha cabeça para meu lugar seguro: meu trabalho. Vê-la trabalhar, fazer comentários. Merda... ela era boa. Meus sócios falaram e andei vendo o que ela preparou com a equipe por e-mail. Sentia admiração e algo mais que não conseguia explicar.

Allegra aconteceu nessa manhã de quinta-feira. Eu a coloquei embaixo dos meus braços. Queria ensiná-la, motivá-la. E coisas que não conseguia explicar. Já não podia culpar o jet lag. Dia após dia, a procurava com o olhar e sentia essa elo invisível que me ligava a ela. Era como aquelas horas com Anna na adega, me deixava confuso como o diabo. Allegra chamava minha atenção no minuto que entrava na sala, me despertava em níveis que ainda não conseguia aceitar. Finalmente tinha conseguido ir além?

Tinha virado refém de seus sorrisos, de pequenas coisas, como a forma que ela comia aqueles malditos Skittles, ou colocava seu fone apenas para pensar.

Como ela balançava a cabeça levemente ouvindo música e como olhava para o nada diversas vezes ao longo do dia, distraída com algo em sua mente. Como Allegra sempre me olhava curiosa e disposta e como eu rezava para que o meu excesso de atenção não fosse julgado de forma errada. Já tinha coisa demais na minha cabeça.

Os sonhos começaram quase uma semana depois de conhecê-la. Allegra estava lá de diversas formas, às vezes nua, por vezes falando coisas sacanas, outras, apenas gemendo em meu ouvido. Sempre terminava suado, duro, sedento. Sentia seu perfume doce à distância e meu pau ficava duro só de vê-la. Quando ela escolhia alguma roupa que se agarrava em suas curvas, meu membro latejava de vontade. Agradecia a Deus pelas cuecas boxer e meus jeans mais largos que conseguiam disfarçar minha reação a Allegra.

Duas semanas convivendo com ela diariamente e passava mais tempo em minha sala do que nunca antes na Future. Com ela coordenando toda a nossa operação na Ásia e cuidando dos clientes que eram prioridade, já tinha tempo demais sozinho com Allegra, por vezes sem mais ninguém na empresa. Precisava me afastar para me concentrar, do contrário, passaria mais horas do que queria apenas a encarando.

Allegra naquele vestido verde, dançando comigo...

Nunca quis me aproximar de alguém como queria com ela. Aos poucos ela foi invadindo minha vida e eu a dela: as conversas bobas, as mensagens aleatórias mesmo que de madrugada. As corridas matinais e os programas fora do trabalho. Era como se precisasse de Allegra comigo e afastada da Future: ela não falava comigo, saía comigo ou era simpática porque eu era o chefe, queria saber que era mais do que isso. Queria abrir aquela porta com calma, fazê-la ver que poderíamos ter algo antes de declarar meus sentimentos. Olhava para Allegra e queria gritar que era minha. *Era amor? Era rápido demais.*

— Você sabe que é só convidá-la para sair, não? — diz Zachary, parando ao meu lado e acompanhando meu olhar para o salão indo diretamente para Allegra.

— O quê?! — Perguntei confuso, trazendo meu pensamento de volta.

— Desde o primeiro dia que você viu Allegra anda desse jeito, meio confuso, aéreo... Não é a primeira vez que vejo essa sua cara idiota enquanto a observa de longe. Já tem o que, dois meses?

— Ela é nossa funcionária, Zach.

— Não temos política nenhuma, irmão. Talvez seja complicado porque

você é o chefe direto dela, conheço essa cara idiota.

— Somos apenas amigos. Nós temos essa ligação... as coisas só saíram daqui, mas ainda assim. Não posso esquecer que sou chefe dela.

— Ah Brandon, você se prendeu na própria armadilha. Você a quer por perto, conversar com ela o tempo todo e outras coisas envolvendo a parte de baixo da sua cintura, não? Não vai passar.

— Como assim?

— Caleb pegou muito no meu pé quando conheci Sam, sei como funciona. E antes, bem... tentei não sentir isso, ser racional. Sabe sobre minha ex-noiva?

— Você teve uma ex-noiva? – perguntei confuso, me virando para encará-lo.

— Na época em que morava na Inglaterra, tinha uma noiva. Precisou de um dia com Sam para entender que passei anos sentindo a coisa errada. Você trabalha demais para seu próprio bem há alguns anos.

— Já fui casado, irmão. Estou bem do jeito que estou – falo, tentando colocar um ponto final naquilo.

— Não é o que parece quando olha para ela – ele diz, baixando a voz para não chamar atenção para nossa conversa.

— É nossa funcionária, Zach – sussurrei de volta, olhando para o salão a procura de alguém nos ouvindo – o pesadelo que seria um processo de assédio por aqui...

— Eles te conhecem melhor do que isso, Bran. Vá até lá, pergunte. Talvez ela não queira, talvez sim.

— Merda, tenho 33 anos. Não deveria estar me sentindo desse jeito... Pareço um adolescente quando ela está ao meu lado – suspirei meio irritado – eu já fui casado, merda...

— Bem-vindo ao clube – Zach ri – fale com ela. Apenas isso.

Zachary deu tapas no meu ombro como incentivo, mas não sabia direito o que fazer. Era a primeira vez em tantos anos que sentia algo por uma mulher, que estava confuso sobre toda a situação. O e-mail com o contrato da empresa do Senhor Park chega logo em seguida e o uso como tábua de salvação.

Eu não pedi o encontro, mas a forcei a ir ao cinema comigo e merda... foi bom tê-la em meus braços. Tão bom quanto o dia que dançamos juntos há algumas semanas. Ainda assim, sou incapaz de fazer o primeiro movimento: eu quero beijá-la, perguntar se ela se sente do mesmo jeito. Tenho medo de

rejeição, de me sentir do mesmo modo quando pedi o divórcio para Stephanie. É como se estivesse pisando em gelo fino e pudesse cair a qualquer momento, e com Allegra, sabia que iria doer.

Tento dizer o que quero com meus gestos. Entrelaço nossos dedos, a abraço no cinema e luto com meu coração batendo forte e minhas mãos suando. Se tivesse sorte, Allegra daria o primeiro passo, mas em vez disso, ela parece aérea, meio raivosa no instante em que saímos da sessão.

Entro em pânico por perdê-la, por não ter mais nossas mensagens, nossa amizade, nossa camaradagem. Então falo de móveis. Quando percebo, estou a forçando a comprar móveis comigo. Deveria chamá-la para um encontro e a convenço a ver sofás. Não espero resposta e fujo. Que classe!

Realmente preciso entender como toda a coisa de encontro e relacionamentos funciona. *Pelo amor de Deus, sou um idiota.*

Capítulo 10

Allegra



Na sexta-feira, Brandon me lembrou de que iríamos sair. Estava torcendo para que ele tivesse esquecido. Aquele dia no cinema parecia uma névoa, uma confusão. Quando nos encontramos no dia seguinte, era como se nada tivesse acontecido. Que aquele abraço na sessão escura não aconteceu, que nossa fuga no meio da tarde não existiu.

O sábado chegou e poderia mentir para mim mesma que não estava nervosa sobre a saída de hoje. Quase não dormi direito e estou com cara de cansada – assim como sentindo isso por todo o meu corpo. Tomo um banho, tento me maquiar e escolher a roupa. Na terceira troca de camiseta desisto e vou pelo mais simples: uma calça jeans e uma camiseta preta.

Tenho lutado com a balança desde que vim para Nova York, se já me achava grande em Los Angeles, as comidas congeladas influenciaram minhas coxas e bunda ainda mais. Eu vestia 44 e não tinha e nem queria disfarçar. Só não sabia lidar com isso. Enquanto as meninas magras pareciam estilosas e confortáveis em seus jeans, minhas calças marcavam cada curva que tinha e em busca de conforto, algumas das minhas calças eram um ou dois tamanhos maiores do que o ideal.

Anna sempre reclamava das roupas largas, mas eu tinha dias e dias. Em alguns momentos, queria ser confortável e deixar de sentir o material abraçando minha pele e me apertando. Moletom virou um dos meus trunfos e detestava quando o clima começava a esquentar e me obrigava a guardá-los. Entre minhas corridas, buscava minha própria aceitação.

Brandon não disse a hora, então me sento e espero depois de trocar de roupa. Wentworth pula no meu colo em busca de carinho e não faço meu café. É um erro, mas como declarei diversas vezes, sou uma preguiçosa de

carteirinha.

A campanha toca cerca de meia hora depois. Arrasto-me até a porta gritando por cafeína e ao abrir tomo um choque, como todas as manhãs. Brandon não deveria ser tão bonito assim logo cedo. Era um pecado que às nove horas ele já estivesse me fazendo encará-lo profundamente e desejá-lo. Com uma camisa cinza e uma calça jeans simples, era todo o resto que chamava atenção: sua barba cheia, o cabelo bagunçado, as tatuagens nos dois braços destacando os músculos. Seria a inveja das minhas vizinhas hoje.

— Bom dia! Tome! – Ele diz, sorrindo para mim e me estendendo um copo de café do Starbucks. *Brandon Blake é meu herói.* – Comprei um café preto simples porque é o que você vive bebendo no trabalho.

— A essa hora da manhã é tudo o que eu preciso já que você cortou minha corrida matinal – respondo sorrindo e pego o copo, abraçando contra meu rosto. *Caramba... eu amo café.*

— Precisa de mais alguma coisa ou podemos ir?

— Agora que você me deu café, podemos ir quando você quiser – falo e pego minha bolsa, sentindo o líquido quente em minha garganta. Quero gemer de prazer.

Brandon dá um passo para trás e tranco a porta. Nós caminhamos para a escada, já que moro no segundo andar. Não conversamos, mas é confortável. Sempre me sinto assim a seu lado.

— O apartamento ainda está vazio como no outro dia? – Brandon diz me encarando.

— Sim. Atualmente tenho uma cama e uma mesa que também fica no quarto. O resto são caixas por todo o lado.

— Espera... você não tem nada além de uma cama? Achei que os outros cômodos...

— Sim. Caí naquele golpe de querer escolher tudo com calma e bem... não escolhi. E Wentworth dá trabalho então...

— Qual é a nossa meta de hoje? – ele pergunta, rindo e mudando de assunto.

— Como assim?

— O que precisa comprar?

— Você está me forçando a sair, deveria saber mais do que eu.

— Ah, vamos, Allegra. O que você precisa?

— Um sofá e uma estante. O apartamento tem armário, tenho minha cama e mesa. É o suficiente.

— Nossos pais ficariam loucos com essa informação – Brandon sorri. Nós chegamos à calçada onde seu carro estava estacionado. Ele me aponta e eu embarco em seu veículo.

— Morei a minha vida inteira na mesma casa. Sei que na época que meus pais casaram, eles estavam em um apartamento perto da UCLA, mas quando nasci já morávamos em Beverly Hills...

— ...Você era uma garota de Beverly Hills!?

— Era... tenho um passado secreto – respondo rindo alto – mas é isso. Minha casa sempre foi decorada e tinha tudo. E quando vim morar sozinha era engraçado como precisava de coisas aleatórias que nunca tinha pensado.

— É sempre assim.

— Eu sei! – falo alto gesticulando – Como ia imaginar que precisaria de tantos potes!

— Aonde nós vamos?

— Pensei no IKEA.

— Você é do time dos móveis de papelão?

— Sou uma jovem em início de carreira, Brandon. É o que está no meu orçamento.

— Vou te levar em uns lugares de segunda mão e se você não gostar de nada vamos ao IKEA, ok?

— Tudo bem... – suspiro rindo – alguém já te falou que você é um mandão?

— Minha família me acha muito calmo, tudo bem? Não sei do que você está falando.

— Ah, Brandon... você só esconde muito bem...

Brandon me sorri e vira para mim com um olhar tão feliz que recebo o impacto. Seus olhos brilham, seus dentes brancos, a felicidade através dele enquanto compartilhamos o sorriso e de repente tudo muda. Me perco em seus olhos e fico séria o encarando e Brandon mantém o olhar. Dura poucos segundos, porém me deixa confusa e nervosa.

— Então decidido! – ele diz, pigarreando e virando para o volante, deixando de me olhar. Tudo ficou tão sério de repente que me mantenho em silêncio, fazendo um comentário ou outro sobre tudo e nada.

∞∞∞

— O que acha desse? – Brandon pergunta, se sentando em um sofá cinza.

— Ele é confortável – respondo, me colocando a seu lado – e é bonito e não parece caro. Diria que temos um campeão.

— Depois de ver apenas três sofás?

— Bran, realmente não tenho paciência. Prefiro sair para comer algo e ficar com o melhor sofá disponível agora em vez de pesquisar durante o dia todo.

— Você me chamou de Bran! – eu viro para ele e arregalo os olhos. Será que estou misturando as duas pessoas e...

— Escapou – falo sorrindo – é isso. Vou chamar a vendedora.

— Ei... tudo bem. Todo mundo me chama de Bran. Com calma agora. Você precisa sentir seu sofá. Se aconchegar nele. Se imagina sentada aqui? Deitada confortavelmente? Dividindo seu espaço com outra pessoa?

— Consigo, você não? Achei bem confortável.

— Sim, mas a casa é sua, Allegra.

— Consigo. Acho que vai ficar ótimo na minha sala vazia.

— É um começo. Se cabem duas pessoas de forma confortável como a gente agora...

— Brandon, você está tentando descobrir se tenho um namorado?

— Não! – ele responde rápido demais – Mas sei que não, já teria falado sobre ele. O que mais não sei de você?

— Não tenho muito o que contar. Me mudei de Los Angeles para Nova York com 18 anos, estou aqui desde então. Minha família é enorme. Eu os amo, mas eles sabem como sufocar alguém.

— Quão grande?

— Muitos tios, uns dez primos, avós. Realmente grande e amorosa. Dá até nervoso – respondo rindo – Mas acho que já falei sobre eles com você algumas vezes. Queria começar algo meu, sabe?

— Conheço esse sentimento, eu...

— Posso ajudá-los? – pergunta a vendedora chegando mais perto.

— Queria levar este sofá.

Afasto-me com a vendedora para fechar negócio e vejo Brandon sentado à distância. Um dia conseguiria parar de achar esse homem bonito? Meia hora depois, com tudo marcado, sentamos em um pequeno restaurante no Brooklyn perto da loja que Brandon me levou, e tomamos um café tardio.

— Os brunchs me fazem sentir preguiçoso e permissivo – Brandon fala rindo ao ver os ovos, pães e bacon na mesa.

— Eu sei... é tanta comida, e tão gostosa e já no almoço... Minha mãe

ficaria horrorizada.

— Sua mãe é daquelas que vivem fazendo dieta?

— Ela ficou muito doente quando nova – respondo séria – temos um estilo de vida muito saudável. Ela e meu pai correm maratonas.

— Tenho uma certa inveja, nossas corridas são as únicas coisas que me mantêm ativo atualmente. Meus pais têm uma rotina parecida com a dos seus. Parece que Califórnia e Chicago não estão tão longe assim.

— Nunca estive em Chicago...

— É linda e fria, mas muito diferente da Califórnia. Tem algo de especial na cidade. Minha família é tão unida quanto a sua, mas não somos tantos. Eu e minha irmã, meu tio e tia com seus três filhos. Miles, meu primo mais velho é casado. Se casou logo que saiu da escola.

— E ele se arrepende?

— Não, ele vive por Brooke e ela por ele. É bonito de se ver.

— Acho lindo esse tipo de amor, parece meio incrível, de filme.

— Ah sim... há uma lenda na minha família. Os homens Blake se apaixonam à primeira vista.

— Como isso funciona?

— Eles veem uma mulher e as querem, fim.

— Foi assim com a sua esposa?

— Ex-esposa – ele corrigiu — Falei para você... foi um tempo confuso para a minha vida.

— E nada para as mulheres?

— Não sabemos, mas minha irmã e primas continuam solteiras. Não sei se funciona para elas ou não.

— Então você não conheceu a sua “para sempre”.

Bran me olha profundamente e demora a responder. Sinto sua reação nos meus ossos e começo a achar que ele não é tão indiferente a mim, no final das contas.

— Não... e eu gosto desse nome. Pode ser piegas, mas depois de tudo o que eu vi e vivi, acredito no amor, só o deixei um pouco de lado.

— O trabalho?

— Sim... tudo mudou há um tempo. Há cinco anos você ia me achar uma criança rica. Acho que guardo um segredo como você.

— Que segredo?

— Seu passado em Beverly Hills.

— É mesmo? – respondo rindo sobre o que ele está falando realmente.

— O cabelo, a barba, a tatuagem, a falta de um terno. Isso tudo não fazia parte do meu dia a dia. Veja... – ele fala e mexe no celular rapidamente me mostrando uma foto. Reconheço Carol e seus pais e um Brandon de cabelos milimetricamente penteados – queria causar uma boa impressão, que meu pai tivesse orgulho de mim. Me resignei a trabalhar na empresa da família.

— Isso era um problema?

— Meu pai e meu tio nunca ligaram. Miles, meu primo, voltou e fico mais tranquilo, mas antes, quando ele foi morar em outro estado, só pensava que eu precisava dar continuidade ao trabalho da família.

— Ignorou o que você realmente queria?

— Achei que ia encontrar satisfação lá... e eu tinha, amava trabalhar com a minha família... mas ao mesmo tempo... ficava pensando “e se” quase todos os dias, e então ela apareceu.

— Sua ex-esposa?

— Não... Anna, uma garota que encontrei anos atrás – ele diz e me dá um sorriso meio triste – ela disse que não deveria me limitar, que deveria procurar o que era meu e em um passe de mágica tudo fez sentido. Carol já estava em Nova York na época, eu vinha o tempo todo pelo negócio da minha família. Me dei um ano. E quando o tempo passou, estava aqui e com isso veio o cabelo e a barba... – Brandon responde rindo.

Merda... não é possível...

Eu começo a hiperventilar e Brandon me olha engraçado. Não consigo me controlar. As coisas vão se encaixando. A voz, a energia, minha reação. *Não acredito*. Ele não só é um homem bonito e charmoso que faz meu peito acelerar desde a primeira vez, ele é o meu Bran, que me acalmou e me beijou como nunca mais ninguém foi capaz de fazer. Era como se meu coração soubesse antes da minha mente desde o primeiro dia. Eu tinha certeza de que Brandon, meu chefe, era meu Bran, que deixei naquela noite.

— Posso te perguntar uma coisa? – Aperto meus dedos na mesa até ficarem brancos. Brandon me encara preocupado e tentando controlar minha respiração, digo – essa garota... você se prendeu com ela em uma adega?

Brandon levanta a cabeça, me encarando sem acreditar e fica em silêncio alguns segundos antes de falar.

— Como sabe disso?

— Conheço essa história – murmuro baixo – Sei quem é sua Anna.

Capítulo 11

Brandon



Eu sei que é ela sem nem mesmo abrir os olhos. Seu cheiro doce e feminino me animando por trás, em um abraço íntimo. Podia sentir tudo no escuro de meu quarto, sua pele macia, seus cachos fazendo cócegas em minhas costas, os lábios macios e cheios brincando com o meu ombro. Ela estava lá, nua e quente e me virei para ela, buscando por seu toque.

Passei minha boca por sua pele, lambendo o ponto sensível de seu ombro e a sentindo esticar como um gato gemendo suavemente. Sua mão caiu sobre meu peito, me afastando, enquanto seus lábios começaram uma suave expedição. Seus cabelos corriam soltos por minha pele, me fazendo duro por atencipação, por ela ir cada vez mais para baixo.

Seus dedos tocaram meu pau suavemente, quase me fazendo implorar por mais. Quando sua boca caiu em mim, foi como se magia passasse por entre meus poros, queimando como brasa. Tentei aguentar o máximo que conseguia, mas fui vencido no momento em que ela me leva mais fundo e empurro meu quadril em sua boca, a sentindo engolir cada gota minha. Merda... isso foi...

— Allegra... – suspirei abrindo os olhos.

Ela nunca está aqui. Acordei mais uma vez com o pau inchado e dolorido falando seu nome. Já aconteceu tantas vezes que tinha parado de contar.

Penso nas minhas opções, mas nenhuma é suficiente: arranjar alguém parecia uma traição, me masturbar não era o suficiente e me declarar para Allegra faria elasair correndo. O olhar que ela me deu depois que saímos da sala de cinema... Tinha percebido que, com ela, eu deveria ir aos poucos e era o que vinha tentando fazer. Allegra era minha amiga, mas queria muito mais.

Ela me deixava confuso, sentindo coisas que não estava acostumado a

sentir. Stephanie acabou com minha fé nas pessoas e me sentia reticente sobre confiar em alguém de novo. Mas o ardor, a eletricidade que sentia por Allegra nunca acabou. Eu a desejei desde o primeiro momento e tê-la como amiga era incrível. Ela era uma pessoa boa, paciente e com curvas que me faziam chorar.

Zachary disse sobre um encontro e terminei numa saída para comprar móveis. Estava animado com a situação. Se jogasse minhas cartas direito, talvez conseguisse beijar Allegra até o fim do dia.

Ainda inchado e dolorido do sonho com Allegra, pego meu celular e vejo que já passa das oito. Lembro que nunca marquei um horário com Allegra e me sinto um idiota. *Não fui feito para marcar encontros.* Ainda tentando controlar meu membro duro, vou para o banheiro me arrumar e torço para que ela não me jogue porta a fora.

Chego a sua casa no Chelsea e tenho um café para suborná-la. Todos os dias ela chega ao trabalho com um copo enorme e parece ser o único combustível capaz de fazê-la funcionar. Durante nossas corridas, ela confessou que antes de sair tomava quase um balde de café e só me encontrava quando começava a sentir a cafeína circular em suas veias.

Dirijo para o Brooklyn, em uma loja que comprei alguma das coisas para minha casa. Allegra é realmente dependente de cafeína, e no momento em que ela termina o copo, seu humor está bem diferente do da mulher que abriu a porta para mim mais cedo.

Conversamos e rimos enquanto vemos móveis. É fácil estar com ela – não fácil como era com Stephanie, que era tudo tão silencioso que até me esquecia da presença dela, de estarmos um com outro – eu queria ouvir a voz de Allegra, queria sua companhia. Tinha vontade de pegar em sua mão, caminhar pela cidade. Passear pelo bairro como se ela fosse minha, como tive a coragem de fazer quando fomos ao cinema. *As coisas que minha cabeça está fazendo.*

Terminamos as compras e ela encomenda o sofá. Reluto em deixá-la ir e a convengo a tomar um café. Ela já tem alguns móveis, outros por chegar e não tenho mais desculpa para mantê-la a meu lado. *Seria um idiota se se pedisse para subir até sua casa quando fosse levá-la?* Minha cabeça vai e volta entre aproveitar o momento com Allegra e o que quero fazer nos próximos minutos. É como uma grande discussão filosófica que traria grandes consequências se não fosse respondida.

Nós comemos, tomamos mais café, conversamos e rimos. A conversa

surge de repente e Allegra joga uma bomba em meu colo. Tudo que estava pensando some da minha cabeça para dar lugar a um único pensamento: Anna.

— Ela disse que eu não deveria me limitar que deveria procurar o que era meu e então em um passe de mágica tudo fez sentido. Carol já estava em Nova York na época, eu vinha o tempo todo pelo negócio da minha família, me dei um ano. E quando o tempo passou, estava aqui e com isso veio o cabelo e a barba...

— Posso te perguntar uma coisa? Essa garota... você se prendeu com ela em uma adega?

— Como sabe disso? – pergunto surpreso.

— Conheço essa história. Sei quem é sua Anna.

— Você o quê?

— Eu... Minha prima... se chama Anna. Conheço essa história. Sei os detalhes.

— Com... como entro em contato com ela? – pergunto surpreso pelo giro dos acontecimentos.

— Vou falar com ela e se ela aceitar, passo o contato, tudo bem?

— Você não sabe o que está fazendo... Procuro por Anna há anos. Gostaria de conversar com ela. Nós... aquele dia. Foi muito especial para mim.

Minha cabeça fica confusa com a perspectiva de conhecer Anna, finalmente. Quando tudo aconteceu, há mais de cinco anos, eu tinha um interesse romântico, puro. Agora era tudo confuso... Anna era prima de Allegra. Não quero a mulher do meu passado, quero esta que está a minha frente.

Como diabos tudo mudou de uma hora para outra?

Capítulo 12

Allegra



— Eu sei... — respondo distraída sobre o quão especial foi aquele dia. Quando percebo o que acabei de falar. Pigarreio e me corrijo — ela me contou a respeito. Vamos deixá-la decidir, ok?

— No final das contas, parece que além de te ajudar, você me ajudou. Não sabe o quanto, Allegra!

Como não pude reconhecê-lo? Como não percebi que o que estava sentindo também era muito sobre a lembrança de Bran? Engulo seco contando as mentiras que saem da minha boca como uma corrente. Sou incapaz de dizer que eu sou a Anna, que menti meu nome, que agora o desejo tanto quanto naquele dia. Que o destino parecia estar criando maneiras de nos colocar juntos.

Droga, eu era covarde. Bran parece que sentiu os mesmos efeitos que eu naqueles poucos minutos. Nossa relação atual parecia mudar a cada instante e às vezes achava que ele poderia gostar de mim também.

Vocês são um par imperfeito. Todos os meus medos interiores começam a rugir enquanto minto sobre Anna. Ele parece tão feliz por conhecê-la. Ele me aceitaria? Se Brandon gostasse de mim teria feito algo, não?

Nós pagamos a conta e saímos do café, silenciosos. Brandon tenta puxar alguma conversa, mas respondo tudo automaticamente e ele desiste. Embarcamos em seu carro e minutos depois, ele para na frente do meu prédio.

— Bem... está entregue. Me conte quando o sofá chegar — ele diz, sorrindo.

— Muito obrigada, Bran.

— Precisa de ajuda com as coisas que compramos?

Eu tinha esquecido completamente das pequenas coisas que comprei para o

apartamento. Queria ficar sozinha, pensar. Mas Ainda precisaria da ajuda de Bran para subir as coisas. *Bran...* era tão mais fácil pensar nele desse jeito agora que sabia a verdade.

Tinha duas caixas no porta-malas de Brandon com uma estante, uma luminária, além de uma sacola com enfeites para a casa. Não conseguiria subir tudo em uma única viagem.

— Poderia me ajudar? – pergunto, tentando não parecer abusada.

— Sobe com algumas coisas, vou logo atrás. 204, certo?

— Isso! – digo, saindo do carro e pegando a caixa menor e a sacola.

Como o elevador demora muito, cortei o caminho pela escada, já que era apenas um andar. Assim que coloquei a chave na porta, ouço um barulho. Ótimo, algum dos meus parentes estava em casa.

— Oi! Você estava demorando muito então entrei, não se importa, não é? – diz minha muito ruiva prima Anna parada no meio da minha sala. *Merda... Anna!* – Liv me ligou sobre o aniversário do tio Matt e...

Olho para trás esperando que Brandon apareça a qualquer momento e minha mentira exploda na minha cara. Ela me olha esperando uma resposta e antes que possa pensar no que estava fazendo, a pego pelo braço e largo a caixa no chão. A puxo para meu quarto quando começo a falar palavras sem sentido, balançando as mãos. Ia entrar em pânico.

— Calma, Alle. O que está acontecendo? – ela me pergunta preocupada.

— Algo aconteceu há alguns anos, acabei usando seu nome... prima, me desculpa...

— Como assim?

— Conheci um cara em uma adega, estava escuro, nós estávamos presos. Ele perguntou meu nome e disse que me chamava Anna – respondo atropelando meus pensamentos e o medo de Brandon aparecer a qualquer momento.

— Allegra! – Anna grita e faço um movimento para ela falar mais baixo — O quê!? estamos sozinhas aqui! Pra que diminuir o tom de voz?

— Não, mais... – tento explicar meio confusa sobre toda a situação — Anna... O problema é que esse homem é meu chefe, e ele sabe que eu sei quem é a mulher do dia.

— E por que não contou que era você? Não está interessada nele?

— Estou... merda, você também vai estar quando vê-lo mas...

— Mas o quê? Prima, você inventou um monstro em algo tão simples.

— Nós nos beijamos e foi tão bom... – suspiro ainda me atropelando nas

palavras rápidas – e ele não sabe que aquela mulher sou eu e dei a entender que a conheço, então...

— Allegra, o que você está fazendo?

— Você acha mesmo que ele vai ficar feliz de saber que sou eu? Ele tem sido meu amigo essas semanas, se ele quisesse algo comigo teria feito alguma coisa...

— Você está inventando desculpas, prima! Está sugerindo que eu tenho que passar por você? É isso? – Anna me pergunta confusa e no fundo ouço a porta da frente se abrir. Ouço meu nome abafado e tenho medo dele descobrir Anna aqui.

— Fique aqui...

— Alle, precisamos falar sobre isso. Pare de mentir para si mesma!

— Não estou! Não quero ver a desilusão no rosto dele. Pensei em apresentar vocês dois e ver o que seria... Não sei, estou tão confusa!

— Allegra, pelo amor de Deus, você está tentando ser cupido do homem que você está a fim? Por que usar meu nome? Pelo amor de Deus...

— Isso tem cinco anos, não lembro nem porquê... acho que foi porque começava com A ou coisa assim... e bem... queria um final feliz dessa história toda.

— Uma que não tivesse você? Porque é o que você está fazendo. Saindo da narrativa da sua própria vida porque está com medo de viver.

— Sabia que não iria entender... é tão bonita, ruiva, com dois metros de pernas enquanto eu...

— ...Tem um cabelo e olhos maravilhosos, uma pele bronzeada que morreria por ter. Um quadril que qualquer homem iria babar se não tivesse escondido por roupas de tamanhos três vezes maiores... eu posso ficar aqui o dia todo. Você é preciosa e vive achando que é o patinho feio da família. Nós temos uma genética ótima, você deveria se amar mais em vez de ficar apontando para cada pedacinho que não gosta de si mesma.

— Não estou na terapia, Anna.

— Pois deveria falar com sua psicóloga. Está criando uma mentira e enfiando pessoas que não tem nada a ver com isso no meio. Acha que o seu chefe vai ficar feliz quando souber? É melhor contar a verdade. Você está fugindo.

— Eu não quero fazer isso!

— Por Deus, Allegra... porque é tão teimosa! – Anna fala mais alto gesticulando meio derrotada – se esse homem aparecer, vou contar a verdade.

Ele não merece e nem eu...

— ...por favor... só dispense ele, não sei... mas não...

— ...Allegra, você precisa viver com as consequências dos seus atos, por que você...

— ...Anna.... – Implorei a interrompendo.

A porta do meu quarto se abre com força. Estávamos tão tomadas pelo momento que não percebemos o que iria acontecer até estar na nossa frente: Brandon sussurrou um “Anna” e puxou minha prima para ele, em um beijo.

Não sabia que iria doer tanto.

Capítulo 13

Brandon



— Me desculpe... – digo, me separando de Anna e a olhando atônito. *Por que diabos fiz isso?*

Se alguém me falasse que esse dia seria de altos e baixos e que finalmente conheceria Anna, eu riria. Olho para Allegra, que me olha confusa, quase ferida. Sinto-me culpado pelo o que acabei de fazer mesmo não tendo nada com ela. *Merda... como minha vida virou essa loucura?* É como se tivesse beijado Anna por impulso para tirar isso da minha vida e finalmente poder seguir adiante. A maldição idiota dos Blake.

Finalmente estava com Anna, mas minha preocupação era Allegra. Tinha metido os pés pelas mãos. Se tinha dúvidas que ela ficaria receosa por Anna ser sua prima, agora que a beije na frente dela, poderia dar adeus a qualquer possibilidade de fazer Allegra minha. E merda... ela era minha. Não senti nada parecido com a forma que reagia a ela nestes pequenos instantes com Anna. Era uma lembrança pálida daquele dia, há cinco anos.

— Eu... eu... preciso sair daqui... – Anna diz e passa por mim sem falar nada.

— Ei... espere – falo e caminho atrás dela, indo quase até a porta principal. Ela se vira e me encara como se estivesse irritada. Por alguns segundos, penso que o impacto que Anna teve em minha vida não é nem um pouco parecido com o que eu tive na dela.

— Olha, eu...

— Está tudo bem... – respondo a interrompendo e tiro minha carteira do bolso, pegando meu cartão – entendo que não é o melhor momento. Gostaria de conversar. Meu número está aí. Se pudermos tomar um café. Peço desculpas novamente pelo beijo... eu só... não pensei.

Ela balança a cabeça afirmativamente e sai do apartamento, me deixando para trás. Apesar da porta fechada a minha frente, encaro a saída por onde ela passou pensativo.

— Me desculpe por isso... – diz Allegra atrás de mim. Ela faz um gesto meio engraçado, como se estivesse triste, mas me sorri leve.

— Tudo bem... eu... sua caixa está aqui no canto. Peço desculpas por ter invadido seu quarto daquele jeito.

— Eu entendo.

— Mas continuo errado – falo rápido – sabe... é estranho vê-la depois de todo esse tempo. E eu só... me sinto... – *diferente do que eu achava que iria sentir quando a visse de novo*. Não falo isso em voz alta porque parece uma revelação tão pessoal e me sinto confuso por Allegra.

— Obrigada por me ajudar e desculpa por tudo isso...

— Pare de pedir desculpas, Allegra – respondo – Vou embora. Já tivemos emoções demais por hoje. Apesar de tudo, gostei do nosso passeio.

— Eu também – ela me diz em um pequeno sorriso – obrigada.

— Até logo, Allegra – digo e aceno com a cabeça.

Paro por alguns segundo e como se não conseguisse evitar, me aproximo dela, dando um beijo leve em sua bochecha. *Era assim que deveria ter sido...* O cheiro dela fazia coisas engraçadas em mim e, antes que colocasse mais confusão no dia, viro de costas indo para a porta.

Quando cheguei à calçada e olhei para o alto, ela estava ali me encarando, um pouco triste. Em que diabos me meti?



Pela primeira vez em muito tempo, me nego a trabalhar neste final de semana. Depois de tudo que aconteceu no sábado, passo mais tempo do que deveria olhando para o teto do meu quarto em busca de respostas. Quando me canso da minha cama, vou até a sala, pego uma porção de cereais e devoro quase metade da caixa enquanto assisto uma série antiga.

Passo e repasso os últimos dias mentalmente. Pela primeira vez reconheço a voz de Anna. No momento em que ouvi o nome e a voz abafada, foi como se lembranças me enchessem. Merda... é por isso que não tinha relacionamentos. É tudo confuso demais. Allegra era tudo que eu queria, mas sua prima era a responsável pela minha primeira obsessão. Pelo amor louco da lenda dos Blake.

No meio da minha procrastinação, meu celular toca e vejo o nome do meu pai na tela. Não nos falamos há alguns dias. Assim que atendo a ligação de vídeo, o rosto dele aparece na tela. Somos tão parecidos apesar de eu ter puxado os olhos e os cabelos de mamãe. Eu parecia a versão mais nova do meu pai, como minha mãe sempre gostava de falar. Muito menos loiro e agora sem os fios prateados nas têmporas.

— Oi, Brandon! Como vai, filho?

— Bem... acabaram de voltar da casa da vovó?

— Sim... almoçamos por lá. Está bem? É a primeira vez que não te vejo fazendo coisas do trabalho no final de semana.

— Estou bem... só que... – falo e hesito um pouco – se lembra da garota que conheci há alguns anos na adega? A encontrei, finalmente.

— E como ela está?

— Bem... Ela é linda, ruiva...

— Mas...? – ele pergunta me conhecendo bem.

— Só não me senti do jeito que me senti naquele dia. E se o que eu senti por ela naquele dia foi uma confusão da minha cabeça?

— Qual é o seu medo, Brandon?

— Tem essa garota... e me sinto realmente conectado a ela, como se não pudesse ficar longe. Nós não temos nada, não fiz nenhum movimento. Mas sempre ouvi sobre o amor à primeira vista dos Blake e eu... – suspiro – fiz tudo errado quando me casei com Stephanie, não quero me sentir daquele jeito de novo.

— Você deveria parar de se preocupar com isso – meu pai responde me interrompendo – realmente sempre tive dúvidas sobre a tal sina dos Blake, de se apaixonaram à primeira vista e blá blá blá...

— Como aconteceu com a minha mãe? Porque aquilo me pareceu muito à primeira vista.

— Muita água passou nesse rio, Bran. Eu estava noivo de outra na época.

— Então devo ignorar a mulher que conheci há cinco anos e só tentar algo com Allegra?

— Você faz o que quiser, filho. Essa coisa toda não é uma sentença. Mas ela é uma memória, quase uma fantasia. Não perca o que pode ter com Allegra por um passado distante.

— Elas são primas.

— Bem, isso é um problema. Além disso, você é correspondido?

— Eu sinto algo, mas não fiz nada...

— Hoje em dia os jovens são muito confusos. A primeira coisa que fiz foi colocar um anel na mão da sua mãe.

— Não foi ela que te pediu em casamento? – pergunto com um sorriso no rosto.

— Eu já tinha uma aliança no bolso, filho!

— Se você não falar, nunca vai saber – ouço a voz de minha mãe antes mesmo de vê-la entrar na tela.

— Estava aí o tempo todo?

— Não, mas ouvi o suficiente. Não te criamos para ser covarde. Fale com ela, Brandon.

— Mas algum parente vai entrar na chamada para reclamar comigo? – pergunto, rindo sem humor.

— Você tem sorte que Carol não ouviu. Ela está em casa.

— Merda... vou desligar antes que minha irmã faça um discurso motivacional. Ou reclame comigo... ela é amiga de Allegra.

— Deus, Brandon! A história fica cada vez pior. Você deveria focar em desconhecidas – responde meu pai.

— Diz aquele que casou com a irmã da cunhada – minha mãe sorri pra mim e olha para meu pai quase como dizendo mentalmente “ele tem um ponto” – Vou desligar. Amo vocês!

— Também te amamos, Brandon. Se cuide e faça alguma coisa! – ouço mamãe falar antes de sumirem na tela.

Suspiro olhando para o celular. Um número desconhecido começa a tocar. Evitei o trabalho, mas ele parece estar me seguindo finalmente. Coloco minha melhor voz profissional quando a pessoa que fala do outro lado me desarma totalmente.

— Brandon? É Anna. Eu gostaria de encontrá-lo. Você está em casa hoje?

— Olá... Claro. Onde?

Anna pergunta se posso encontrá-la em um café no Greenwich Village em duas horas. É inesperado e me arrumo rapidamente. A viagem entre meu loft em Tribeca e o bairro de Anna era pequena, mas gostava da ideia de me manter ocupado.

Meu loft era uma pequena ostentação que a Future me deu. Na época em que vim morar em Nova York, pensei em ficar no apartamento da família, mas ele não parecia uma casa para mim. Era como se ainda fosse algo dos meus pais e não meu, e eu já tinha saído da Blake Consultoria por motivos parecidos. Então aluguei um apartamento compacto e caríssimo no SoHo e

começamos a construir a Future. Foi onde comecei minha vida com Stephanie.

Quando me separei, já com alguns milhões da Future, comecei a procurar algo meu. Demorou algum tempo, mas consegui um loft duplex, com dois quartos e uma área externa na cobertura. Era do tamanho que eu precisava e com um terraço exuberante que me garantia xícaras de café com o sol da manhã e o horizonte da cidade.

No horário marcado, cheguei ao pequeno café e pedi um expresso. Anna chegou dez minutos depois e me sorriu levemente. Ela era uma visão. Ela se sentou à minha frente e me cumprimentou com um aceno, deixando claro que não deveria me aproximar. Entendia isso depois da minha reação no dia anterior.

— Oi!

— Oi!... fiquei surpreso pelo convite.

— Acho que depois de ontem, só precisamos conversar. Talvez colocar um ponto final nisso.

— Eu sei... não vou cansar de pedir desculpas pela minha reação de ontem.

— Está tudo bem... só gostaria de conversar. Allegra me contou sobre sua busca.

— Você fez muita diferença nas escolhas que fiz depois que te conheci, sabe? Mas estou curioso sobre você. Nós não conversamos muito naquele dia sobre o que queríamos e bem, já são cinco anos.

— Sou atriz – ela responde sorrindo – em cartaz em Funny Girl.

— Isso é incrível!

— E você trabalha com Allegra.

— Sim... Anna... – paro e olho para ela sério – você também sentiu o que eu senti naquele dia?

— O que você sentiu, Brandon?

— Merda... Aquele beijo... foi como se tudo mudasse e então você sumiu e Allegra...

— O que tem ela? – Anna me pergunta e se inclina para mim interessada. Parece que minhas palavras chamaram sua atenção porque pela primeira vez que sentou naquela mesa, parece interessada no que estou falando.

— Queria te encontrar para saber como me sentia, sabe? – respondo suspirando – quando você foi embora tão rápido naquele dia, só conseguia imaginar o que tinha dado errado. É brega falar... mas era como se tivesse me apaixonado naqueles poucos minutos com você, sabe? O toque, a

eletricidade...

— E nada disso aconteceu ontem, certo? – ela sorri tímida.

— Nem um pouco. Foi como se precisasse de você para mudar minha história, mas nós nunca fomos fadados para ficar juntos.

— Deus... sou a filha de atores e você fala como se fosse um filme. As pessoas vêm e vão da vida um dos outros, Brandon. Mulheres não existem só para mudar a vida de homens.

— Eu sei... – respondo envergonhado – merda, tinha pensado que esse encontro terminaria de qualquer outro jeito, mas não desse. Você é linda, simpática mas...

— ...Você gosta de Allegra – ela responde me completando.

— Acho que até mais do que isso.

— Desconfio que toda essa história do encontro da adega está mais atrapalhando do que ajudando vocês dois – ela diz suspirando meio contrariada – fale com ela.

— Não é estranho? Ela é sua prima e...

— Deus... fale com ela! – Anna me interrompe – você é tão simpático, Brandon. Começamos com o pé errado com toda aquela cena de filme romântico. Fale com Allegra.

— É que quando eu a toco, quando estou com ela... É tudo tão vivo... tão... Mas ela está sempre fugindo de mim, e não sei como ela se sente. Você acha que ela...?

— Eu não acho nada. Esse é um assunto de vocês dois, não tem nada a ver com Anna Evans.

— Mas...

— Allegra guarda muita coisa apenas para ela. Talvez você seja uma dessas coisas – ela me interrompe e me sorri.

— Isso foi muito mais fácil do que achei que seria – respondo – é bom saber de você e o que aconteceu depois daquele encontro.

— Você nem imagina... – ela diz e olha para o lado a procura da garçonete. Era como se estivesse contando uma piada que só ela mesma entendesse.

Nós continuamos conversando um pouco e nos despedimos de forma amigável. Nada iria acontecer, sabia no fundo do meu ser. Anna era linda, simpática e legal, mas Allegra não saía da minha cabeça. Sentia falta de sair com ela, ver móveis antigos, ir ao cinema... Tudo porque estou longe dela há menos de um dia. Beije Anna apenas uma vez, de surpresa, mas não era o mesmo. Será que estava sendo traído por minha memória? No final, ela não

era tudo o que pensei. Minha cabeça estava fodida.

Um capítulo da minha vida estava fechado. Agora precisava começar outro, que desconfiava, teria o nome de Allegra.

Capítulo 14

Allegra



Eu nunca fui dada a lágrimas.

Chorar nunca adiantou alguma coisa. Mantinha-me calada, sofrendo e muito emocional. Às vezes era frustrante. Minha mãe dizia que eu precisava aprender a desabafar, mas valorizava minhas lágrimas. A última vez foi com a morte de vovô. Fazia anos... E então isso aconteceu.

No momento que Brandon saiu do meu apartamento, foi como se uma barragem rompesse dentro do meu peito e eu fosse incapaz de parar. Ele encontrou sua Anna graças a minha mentira. Ele a beijou, quis ir atrás dela e fiquei aqui... ouvindo suas desculpas e o vendo partir. Era como se meu coração tivesse sido apertado até romper em dois. A imagem dos dois juntos em meu quarto não saía da minha cabeça e as lágrimas começaram a cair no instante em que ouvi a porta se fechar.

Corri para meu quarto, abracei meu travesseiro e fiquei parada, nesta posição, esperando as lágrimas terminarem de sair de mim. Não conseguia parar e tremia com as lembranças e o que estava sentindo. *Deus... Brandon e eu não temos nada, por que dói tanto?*

Era uma idiota. Alimentei sentimentos por Brandon. Criei fantasias sobre ele em minha cabeça. Talvez tenha me apaixonado, mas guardei para mim, com medo de fazer algo que pudesse destruir minha amizade com ele. Agora imaginava um par de crianças ruivas de olhos chocolate, eu tendo que fazer um brinde de casamento, lembrando sobre como eles se conheceram graças a mim.

Burra... burra, burra...

— Ei... — diz Anna parada na porta do meu quarto e interrompendo minha imaginação. Ela caminha para mim e deita ao meu lado, me abraçando. Ela

espera enquanto não consigo me acalmar. Todo o processo demora muitos minutos desde que ela me puxou para seu corpo, tentando me dar carinho enquanto as lágrimas não param.

— Você voltou... – sussurro tentando controlar minha respiração.

— Fiquei preocupada com você.

— Anna... por que estou chorando...? Ele e eu nem...

— Você gosta dele, querida. A coisa toda só explodiu na sua cara mais cedo do que você esperava.

— Eu não queria...

— Precisa contar a ele que é você. Vai mesmo esconder isso? Quanto mais você alimentar essa mentira, mais traído ele vai se sentir.

— Não sei o que fazer – digo tentando respirar profundamente – Olhe para você...

— ...Isso de novo não – ela me interrompe e senta na cama, fazendo um carinho leve em meus cabelos – está tudo bem ficar curtindo sua fossa hoje, mas na segunda-feira você vai sentar com esse homem. Essa confusão poderia ser muito maior. Allegra... você o ama?

— Não sei... mas eu me sinto... nossa... – digo e suspiro – nunca o beijei depois da adega, mas ele olha para mim e me transporta para um lugar só nosso, é como se uma energia de repente me iluminasse inteira e fosse capaz de fazer qualquer coisa. Faz sentido?

— Allegra, você está total e completamente apaixonada por este homem. Olha o jeito que você fala...

— E estraguei tudo! – a interrompo.

— Algo me diz que não, Alle. Talvez tenha que suar um pouco para reconquistá-lo, mas duvido que esteja tudo perdido. Vi o jeito que ele te olhou.

— Você tem certeza? – pergunto tão baixo, quase patética, que Anna beija minha testa antes de responder.

— Não dá para ter certeza de nada nessa vida, mas você se enrolou na própria corda. Está apaixonada e precisa dar um salto de fé.

— Você falaria com ele?

— Allegra... você precisa conversar com ele, não eu! – ela explica, reforçando a palavra “você” enquanto aponta para mim.

— Ele precisa desse encerramento. Vou contar, mas não consigo fazer isso hoje, posso te dar os contatos e...

— Ele deixou o telefone comigo, mas não é essa a questão.

— E qual é?

— Que você está de quatro por esse homem e está tentando repassar ele pra mim. Por que eu preciso falar com ele? Vá atrás dele! Ele não parece tão indiferente, no final de tudo. Depois do beijo ele parecia mais preocupado com você do que comigo.

— Você o encontraria, Anna? Vou conversar com ele na segunda... prometo.

— Tudo bem – ela diz suspirando como se estivesse sem paciência – mas lembre-se que quem decidiu que eu deveria falar com ele é você, tudo bem? Você precisa ter mais coragem, Alle. Se ele te faz sentir isso, seja verdadeira.

— Sim... eu sei. Mas é difícil. Penso em tudo o que meus pais passaram e como lutaram para estar juntos. Faço um péssimo trabalho no lugar deles.

— Você tem seu jeito, prima. Precisa se abrir mais para o mundo. Ele não vai ficar para sempre te esperando.

— Eu sei... – respondo, suspirando meio impotente – quer sorvete?

— Ela está mesmo vivendo a fossa – Anna riu.

— Não há nada que possa ser feito agora, só esperar.



Anna ficou comigo durante o resto do sábado. No domingo acordei como se estivesse de ressaca, com a cabeça pesada e sem saber direito o que fazer. Meus pais ligaram por volta da hora do almoço e sorri ao vê-los. Meu coração apertava de saudade em momentos como esse. Às vezes tudo o que queria era o colo da minha mãe que estava do outro lado do país.

Termino por comer algo leve e decido fazer um spa. Faço minhas unhas, hidrato meu cabelo e faço uma máscara facial. Depois de algumas horas, já me sinto um pouco humana novamente, tentando criar coragem para encarar Brandon no trabalho no dia seguinte.

Por volta das 18h minha campainha toca e penso em Anna tentando me checar. Pedi para ela falar com Brandon, mas não perguntei o que ela planejava. Talvez no fundo não quisesse saber para não ficar com ciúmes. Quando ela saiu do meu apartamento, estava preocupada em me deixar sozinha e me fez jurar quinze vezes que ficaria bem. Seria sempre o bebê da família e eles sempre cuidariam de mim desse jeito, não importa o que eu falasse. Deus me livre se James e o resto dos meus primos soubessem o que estava acontecendo, eu ficaria ainda pior.

Tomo um choque quando abro a porta e encontro Brandon um pouco esbaforido, do outro lado. Ele me olha nervoso e passa a mão sobre seus cabelos, os deixando ainda mais bagunçados.

— Brandon... o que faz aqui? – digo ao abrir a porta. Não esperava por ele.

— Precisava fazer uma coisa.

— Precisa de ajuda com algo? – pergunto, dando passagem para ele, que caminha para dentro do meu apartamento. Fecho a porta e me viro. Ele está tão próximo de mim que posso sentir sua respiração.

— Vim fazer isso... – e sem esperar mais, Brandon avança sobre mim, colocando suas mãos sobre meu rosto e me puxando para um beijo.

Brandon começa lento, me esperando corresponder. Era explorador, calmo e descobrindo curvas. Meus lábios se abriram em resposta, dando passagem para sua língua ávida. Lento e profundo como uma carícia, arrebatador. Ele me puxa para mais perto e acelera, ficando febril. Gemi baixo contra a sua boca. Nossos lábios se movimentaram em um encontro frenético que me levava cada vez mais longe. O que era calma ficou selvagem de repente, em um beijo dando e recebendo tudo.

Como começou, tudo terminou. Brandon se separou de mim, me encarando de forma interrogativa. Seus olhos focaram profundos no meu e ouvi a pergunta que não gostaria de responder.

— Por que mentiu para mim?

— O quê? Como... – perguntei em resposta ainda confusa e com a respiração falhando – Como descobriu?

— Você é Anna, não sua prima – ele falou baixo me encarando – consigo sentir. Foi como na primeira vez que nos beijamos na adega. Eu estava confuso com essa história toda e o que estava sentindo por você e Anna... por que mentiu pra mim?

— Brandon... eu...

— A sua prima me encontrou agora há pouco... era uma brincadeira? É isso? Estão me fazendo de idiota? – Brandon pergunta, ferido, dando um passo para trás, como se quisesse colocar distância entre nós.

— Não é nada disso, só...

— ...Confiei em você – ele diz, me interrompendo – nós nos perdemos, mas você poderia ter me contado na primeira vez. Maldição! Você sabia de tudo... você mentiu para mim... tem sido minha amiga e eu senti essas coisas.

— Não é mentira, juro!

— Ontem quando ouvi sua voz. Era você, não ela. Não sei o que pensar...

não confio mais em você... eu... eu... preciso ir embora – ele diz e dá um passo para trás, olhando para os lados, procurando uma saída.

— Brandon! Me ouve!

— Não! Estava lutando comigo mesmo. Vim até aqui porque estava decidido a esquecer dessa merda de lenda. Me apaixonei por uma garota naquele dia, não sabia quem era, mas sabia que a queria. Fugi disso... eu te falei sobre mim, sobre minha ex-mulher... Me sinto traído, Alle. Você era minha amiga. Não consigo confiar...

— Eu sou sua amiga! – suspiro, colocando sua frase no presente – Brandon... você me deixou confusa, tonta. Não tinha percebido que era você até ontem e então só fiquei com medo. Não sabia se você se sentia do mesmo jeito que eu, e cada dia me sentia mais e mais... – minha voz morreu e Brandon me olhou, balançando a cabeça.

— O quê?

— Acho que me apaixonei por você – digo em voz baixa – antes de tudo, só por você e as mensagens, nossas noites no trabalho e...

— Você não vai fazer isso comigo! – ele me diz sério – Você trouxe sua prima para essa história. Queria você todo esse tempo, mas precisava dar um fim nessa parte da minha vida. Não senti nada por ela e corri para te ver, para dizer... dizer que...

Brandon para e me encara, colocando a mão na fechadura, me fazendo me afastar da porta. Queria esticar minhas mãos para ele, abraçá-lo, mas nenhuma palavra saía. Estava presa no meu lugar, o vendo partir.

— Me desculpe...

— Se você não queria nada, não precisava mentir. Era só dizer não – ele fala, simplesmente.

— Você não me ouviu? – pergunto e sinto as lágrimas me sufocando – Acho que me apaixonei por você. Mas não sabia se...

— Não sabia o quê? – ele pergunta, vendo minha indecisão com as palavras.

— Se você gostaria de mim se soubesse quem eu era de verdade.

— Como assim?

— Gorda, de óculos, desajeitada...

— Allegra, você não me conhece nem um pouco – Brandon responde duro, com um tom de voz seco. Suspirando, abre a porta e sai sem se despedir. Encaro a porta por alguns segundos, antes de cair ajoelhada, sentindo o peso do que acabou de acontecer.

Tinha estragado tudo com a minha ideia idiota.

Capítulo 15

Allegra



Vê-lo partir foi doloroso, mas saber que Brandon tinha razão era pior. Deixei minha baixa autoestima decidir por mim, mesmo quando não sabia que ele era o meu Bran.

“Você não me conhece nem um pouco”.

Penso e repenso cada momento que estive com ele nos últimos meses e sei que poderia ter feito um movimento, que essa nossa amizade era tão cheia de outras coisas. Esperava por um sinal de Brandon, mas entre ele e as desconfianças da ex-mulher, sempre o sentia preso. Talvez se tivesse dado o primeiro passo, se tivesse tido coragem...

Eram tantos “se”. Mas estava assustada, com medo de ser rejeitada e aparentemente estraguei algo bonito antes mesmo de começar.

Pego meu celular na mesa e tento ligar para minha prima Anna. Ela não atende. Estava no palco hoje e talvez não visse qualquer uma das chamadas antes de muito tarde. Anna era a única que sabia o que estava acontecendo e não queria ficar sozinha.

— Anna, você pode vir? – falo na mensagem de áudio que deixo para minha prima – ele descobriu tudo. Estou tão... tão... – e começo a chorar, gravando meus soluços.

Toda a força mental que construí durante o domingo se foi na madrugada de um dia para o outro, depois que Brandon foi embora. Quando cansei de virar na cama, decidi que mais um dia de sorvete não seria mal. *Eu tinha estragado tudo.* Anna ligou algumas vezes durante a madrugada, mas não quis atendê-la.

Não tinha forças para falar com ela ou com outra pessoa, para encará-lo no trabalho. Pela primeira vez em minha carreira, iria mentir sobre meu estado

físico. Brandon saberia que era mais uma mentira, mas eu não podia ir. Vê-lo doía e ele estava certo.

Menti, o subestimei, mesmo que tenha sido por poucas horas. Me conhecia, deixaria rolar até que fosse impossível de negar, como Anna bem disse, a coisa só explodiu na minha cara antes do que eu esperava. Setinha uma culpada nessa história, era eu.

O dia amanheceu comigo deitada no chão da sala, vendo televisão. Às sete da manhã quando a campainha tocou, tremi. As últimas experiências que tive com visitas não foram fáceis para mim. Olho pelo olho mágico, James está lá me sorrindo. Meu coração se aperta e sou uma confusão de cara inchada e lágrimas quando vejo meu primo favorito pela primeira vez em meses.

— Anna me chamou porque você não quis atendê-la— ele diz baixinho, me puxando para um abraço — ela ficou presa até muito tarde no teatro, mas ouviu seu áudio no intervalo da sessão.

— Ela te mandou o áudio? — pergunto, preocupada.

— Obviamente... — ele fala, fechando a porta atrás dele — você está no fundo do poço, Alle. E nem mesmo tem um sofá... Há quanto tempo está nesse apartamento?

— Eu sei... — suspiro — ele deve chegar nas próximas semanas. Não tenho um maldito sofá para curtir minha fossa corretamente.

— Anna está preocupada com você. Que idiotice é essa de dizer que ela era a pessoa que o cara que você gosta estava procurando? — ele diz, fazendo um carinho leve em meu rosto, tentando me trazer conforto.

— Não sei... não queria perder a amizade dele, e aí comecei a me enrolar e... — Suspiro, sentindo as lágrimas chegarem e paro de falar, sentindo meu rosto murchar em mais uma crise de choro, com minha respiração errática. James vem até mim e me puxa para seu abraço apertado.

— O que ele fez para você estar assim?

— Disse que não sou confiável — respondo, com a voz abafada engolida no peito de meu primo.

— Vou quebrar a cara desse idiota! — James cospe as palavras entredentes e me encara sério — Quem ele pensa que é? Ele te machucou?

— O quê? Não... ele não encostou um dedo em mim! — falo alto, destacando o absurdo que ele acaba de falar. Suspiro e baixo minha voz resignada, completando — e ele está certo. Eu menti.

— Você é incrível, meiga, inteligente, carinhosa, linda... ele é um idiota. E por uma mentirinha de nada? Quanto isso durou? Um dia? Não é uma

tempestade em copo d'água? Ele quebrou o coração da minha menina, vou ter que fazer algo. Não vou deixar essa merda assim... – Ele diz, se afastando como se estivesse falando sozinho.

— Ah, James! Pelo amor de Deus... – digo, tentando fazê-lo virar para mim enquanto ele mexe no celular.

— É claro que não, ninguém mexe com uma Hunt, baby... – ele responde e volta sua atenção para o celular. De repente, Trevor, Noah e Dylan aparecem em um chat de vídeo com a tela compartilhada. *Que diabos...* – Caras... um idiota quebrou o coração da Alle e precisam vir me ajudar a matá-lo aqui em Nova York.

James olha sério para a tela e NÃO ESTOU ENTENDENDO que merda está acontecendo. *Não, me afastei da família na Califórnia para não ter esses dramas.*

— Para com isso, James! – grito.

— Merda nenhuma... temos que ter um plano...

— É verdade, irmãzinha? – pergunta Trevor preocupado e não consigo olhar para tela. Suspiro, olhando para o alto antes de ver ele e Noah franzindo a testa em preocupação.

— Quão sério é? – Noah pergunta – Alle... fala com a gente!

Dylan continua quieto e sinto um sorriso leve em seus lábios. Ele sempre foi um dos mais quietos, o primo artista. Tinha certeza de que ele estava achando mais engraçado do que necessário planejar vir até Nova York para enterrar Brandon Blake. Quer dizer... Se eles precisassem de uma mão, não duvido que Dylan apareceria com a pá na porta da minha casa... Somos realmente muito comprometidos uns com os outros... *Ah pelo amor de Deus!*

— Ah... me deixem em paz! – grito e viro de costas, indo para meu quarto. Me jogo na cama ainda ouvindo a voz de James e dos meus irmãos e Dylan vindo da sala. Quando ouço a sugestão de que Nolan seria uma mão a mais para o enterro, bato em um travesseiro próximo e penso no que fazer.

Alice.

Minha prima é o único jeito de controlar todos eles. Enquanto James monta planos de vingança na sala, ajeito meus óculos meio embaçados por lágrimas e faço a chamada.

— Alle, algo aconteceu? – ela responde assim que atende à ligação de vídeo – É de manhã cedo!

— James, Trevor, Noah e Dylan estão tentando se meter na minha vida. Estão planejando a morte de um cara que me dispensou nesse exato

momento. Faça eles parar... por favor... – imploro e minha cara murcha. Alice me olha e vê minhas lágrimas e não fala nada.

— Ei... está tudo bem, querida? Se esse homem te machucou, eu mesma organizo o velório, é isso? Você sabe como conhecemos pessoas... ele pode desaparecer facilmente com o apoio da família. Eles têm toda a razão de...

— Não... eu fiz besteira – a interrompo – mereço o que está acontecendo, a culpa é minha. Mas James parece ter outra opinião.

— Tudo vai se resolver, você sabe? Sempre terá sua família aqui. Nós temos as costas um dos outros até mesmo para um assassinato em família.

— Estou apaixonada por ele, Alice. O amo – respondo e dou um meio sorriso com a realização dos meus sentimentos – Quero Brandon vivo.

— Oh... Alle! – ela diz e me sorri.

— Eu sei... Mas é tão difícil. Errei, e preciso consertar. James aqui só me atrapalha. Peça para ele voltar para L.A.

— Considere feito... – ela sorri – no mais, está tudo bem?

— Sim! Quero mais fotos das minhas sobrinhas! – falo enquanto tento desembalar meus óculos pela milésima vez.

— E elas querem muito visitar a tia Allegra em Nova York! – Alice fala e fica séria, me encarando na chamada de vídeo – mas é sério, se este homem fizer algo, eu mesma vou até aí acabar com ele, entende?

Ela desliga e é como um relógio. Cinco minutos depois, James aparece na porta do meu quarto e suspira, se jogando ao meu lado na cama.

— Chamar Alice foi golpe baixo – ele diz, apenas – não gostamos de ver você sofrendo.

— Preciso resolver sozinha... sei que vocês me amam, mas por favor, preciso conversar com ele sem vocês, sem Anna, sem envolver minha família e uma história louca. Por favor...

— Você tem sorte que seu pai não estava com um dos seus irmãos – ele diz e me abraça – Tio Jason já teria mobilizado meio mundo e embarcado em um avião para arrancar as bolas desse cara.

— Como você fez?

— Tenho um fraco por você, Alle. É minha prima favorita. Faria qualquer coisa por você.

— Um dia você vai se apaixonar e vai quebrar a cara tão forte...

— Ou posso ser muito feliz. Não enxerga esse potencial? Estava pronto para matar um homem por você!

— Ah, James...

— Até isso acontecer e eu ter alguém para cuidar e enlouquecer, vou zelar pela vida da minha priminha que parece estar um caos. Quem diria que seria você a trazer ação para essa família.

— Alice e Nolan brigaram muito antes de se acertarem. Ela jogou um livro na cabeça dele em uma reunião, não?

— Acho que foi um porta-caneta.

— Isso é mais leve, não?

— Não! Era um daqueles de metal, pesado. Fez um buraco na parede.

— E tudo terminou bem...

— Não sei o quanto dos dois ouviram da família porque bem... Todos os tios e tias estavam na empresa o tempo todo naquela época.

— Espero que Alice tenha pedido para Trevor e Noah ficarem quietos – respondo suspirando.

— Ela pediu. Recebemos uma chamada de vídeo conosco, ao mesmo tempo, e fez um discurso sobre como você é uma mulher adulta, que precisa resolver as coisas sozinha. Talvez tenha ficado traumatizada conosco nos metendo na vida dela.

— James... você era um bebê quando eles se casaram...

— E você também, Allegra...!

— Vai ficar tudo bem, não é? – perguntei suavemente. James entende minha mudança de assunto e fala comigo mais delicado, como com um animal ferido. Ele me abraça, brincando com os meus cabelos como consolo.

— Talvez não do jeito que você quer, mas vai. As coisas sempre se acertam, querida.

James fica comigo mais algumas horas e volta para Los Angeles. Ele estava trabalhando na Hunt e só Deus sabe como ele explicou o sumiço de um dia inteiro para todo mundo. Anna me checkou no fim do dia, me mandando uma mensagem e perguntando se eu não tinha matado James. Era uma dúvida importante.

Acordei cedo no dia seguinte, disposta a decidir meu destino. Era meu erro e precisava resolvê-lo, esta era a verdade. Era uma bola de ansiedade quando cheguei à Future e rapidamente percebi que Brandon não iria facilitar. Ele passava mais tempo do que deveria na sala dele, longe de todos. Via seu olhar triste e sabia que a culpa era minha. Ele me mandava uma dezena de e-mails e só falava comigo o essencial – apenas coisas de trabalho.

Os dias passavam lentamente e cada vez mais eu dava essa batalha como perdida. Voltei para Los Angeles para o aniversário de tio Matt e me senti

energizada por minha família, precisava tomar as rédeas da minha família. Mas Brandon não facilitava. Sentia falta das nossas conversas, das nossas mensagens. Ele vivia um misto de me ignorar e pior, demonstrar desinteresse. Ia ser duro conseguir uma oportunidade.



— Oi, você sabe onde está Zach? – me pergunta uma mulher linda de cabelos pretos longos e uma pequena barriga de grávida me encara – ele não está na sala e nem responde no celular.

Reconheço-a e observo o salão, vendo que metade das pessoas não está. Hoje teria uma reunião de equipe para apresentação de projeto e talvez esse fosse o destino do marido de Samantha.

— Oi! Você é Samantha, não? A esposa de Zachary.

— Nossa, quantos nomes completos – ela me responde – Qual é o seu?

— Allegra – respondo sorrindo — Ele tem uma foto sua e já ouvi seu nome algumas vezes. Eles estão em reunião com Caleb, acho.

— Tudo bem, temos tempo. Ele vai comigo para o exame e vim buscá-lo. Acho que cheguei cedo demais. Trabalhar em casa tem suas vantagens.

— Você gosta? Eu cansei e foi assim que vim parar aqui.

— Têm seus prós e contras, você deve saber. Minha coisa favorita atual é que, como nenhum sapato entra no meu pé, passo horas descalça.

— Realmente, desse aspecto não consigo discordar. Sinto falta de trabalhar com roupas confortáveis, daquele tipo que parece pijama.

— Allegra, você tem algo para fazer sábado à noite? – Samantha diz, mudando de assunto e a encaro, confusa.

— Não, por quê?

— Vou comemorar meu aniversário com uma amiga. Zachary vai terminar vindo, mas é uma noite das garotas... me dê seu telefone.

— Não sei se... – respondo, pensando na possibilidade de Brandon estar lá e se sentir incomodado com a minha presença. Ao mesmo tempo... *Não queria uma oportunidade?*

— Vamos lá... não deixe uma grávida passar vontade. Esse menino vai nascer com cara de algum drinque exótico e vai ser sua culpa.

— Tudo bem... – respondo sorrindo.

Noite das garotas.

Já não tinha uma dessas há algum tempo. E se Brandon aparecesse? Bem...

precisava aprender algumas coisas sobre sedução.

Capítulo 16

Brandon



— O que ela está fazendo aqui? – pergunto, encarando meus sócios assim que Allegra entra no bar.

Ela estava sem óculos, com seus incríveis olhos azuis a mostra e um vestido preto curto e matador. Um batom vermelho e seus cabelos jogados para o lado, pronto para eu puxá-los para mim. *O que quer fazer comigo, Allegra?*

— Ela quem? – Caleb pergunta, olhando na direção em que tenho meus olhos vidrados.

Sinto ciúmes. É um sentimento quase neandertal, de posse. Não quero Caleb perto dela de nenhuma forma, inclusive com o olhar. *Allegra é minha*, meu peito ruge colocando mais gasolina no fogo dos meus sentimentos. Zachary me arrastou para cá, dizendo que precisava me animar um pouco. Desde o dia na casa de Allegra, quando descobri a verdade, parecia que algo tinha se quebrado em mim. Três semanas inteiras em que morria de saudades dela e não conseguia conciliar meu pensamento sobre o que fazer em seguida.

Ela traiu minha confiança – e merda, ela sabia sobre minha ex-mulher, a traição e a forma como me senti na época. Me abri, me apeguei. Via um futuro e estava pronto para dar o primeiro passo. Nunca estive tão bem comigo mesmo como nos minutos entre encontrar Anna e ir até a casa de Allegra me declarar como um louco apaixonado. Sentia falta das nossas noites no trabalho, das mensagens bobas, dos finais de semana juntos. Perdi uma amiga e a mulher que amava.

Amava?

Era louco por ela e agir com indiferença era difícil. *Porra... estava sendo duro demais?* Precisava colocar minha cabeça no lugar e vê-la só me deixava

mais confuso. Não contei para Zachary e Caleb o que aconteceu. Não contei para ninguém. Não conseguia esquecer que, pela segunda vez na minha vida, tinha sido enganado por uma mulher que confiei. Tudo sobre Allegra era desafiador e sabia que minha queda por ela seria muito maior. Não sobreviveria se Allegra fizesse algo parecido com o que Stephanie fez.

Mantive meus sentimentos comigo e fiquei tentado a ouvi-la mais vezes do que queria contar. Allegra tentou se aproximar algumas vezes, mas a afastei em todas elas. Parecia tão morta como eu e me olhava de um jeito tão tentador a cada vez que nos cruzávamos na Future, que eu estava a um passo de perdoá-la.

— Bem... isso... — Zach diz, colocando a mão na cabeça, como se estivesse procurando um jeito mais suave de falar, encarando Allegra à distância — Sam a convidou. Mas é um problema? Achei que eram amigos.

— Elas se conhecem?

— Não sei exatamente como aconteceu. Sam foi à Future, elas conversaram e a coisa seguinte que soube é que ela estaria aqui. Não sei se ela sabe que você está aqui...

— O que exatamente Sam disse?

— É a noite das garotas, lembra? Estou aqui para que ninguém chegue perto da minha mulher e da minha irmã, mas estou proibido de ficar junto delas.

— Isso é ridículo, Zachary — Caleb responde rindo.

— Quando você casa e tem um filho, começa a fazer esse tipo de concessão — ele diz, levantando sua garrafa de cerveja em uma espécie de brinde — ela queria sair sozinha, mas isso me deixava nervoso pra caralho, principalmente pela gravidez e consegui alguém para ficar com Ryder. E é assim que terminamos nesse bar.

— E se alguém chegar perto delas? — pergunto, ainda sem tirar os olhos de Allegra, suas curvas e aquele maldito vestido curto que ela está usando.

— Vou estar lá. Aparentemente vamos estar lá... — ele diz e ri da minha cara.

É o que acontece no resto da noite. Nós três bebemos e conversamos um pouco sem nunca tirar os olhos de Sam, Avery e Allegra. Elas riam e tomavam drinques — obviamente os de Sam sem álcool — enquanto dançavam em um canto do bar.

As três avançaram para a pista de dança e nós fomos atrás. Patético, eu sei, mas como um acordo não dito entre Zach, Caleb e eu, era a nossa função.

Samantha, Avery e Allegra estão distraídas e três homens vêm conversar com elas, puxando a irmã de Zach e Alle para dançar. Sam aponta para a barriga, se negando a acompanhá-los, e o um dos desconhecidos sorri sem graça.

Assim que Avery estende a mão para o desconhecido, Caleb larga a cerveja em um balcão e vai para a pista tão rápido que só percebi onde meu sócio estava pelo show entre ele e a irmã de Zach. Eles trocam algumas palavras antes de ele colocá-la nas costas, como um bombeiro em um incêndio, enquanto ela se debatia, pedindo para descer. *Caleb e Avery estavam juntos?*

Quando o outro homem tentou se aproximar de Allegra, em um sorriso fácil, apontando para a irmã de Zach, acelerei meu passo e a puxei para mim, rodopiando pela pista até trazê-la para mais perto e a afastando dele.

— Brandon... — ela me olhou confusa, arregalando os olhos — o que faz aqui?

— Vigianto você, amor...

Ela me encara e é como se nada mais estivesse acontecendo ao nosso redor, a não ser nós dois. Nossos olhos não descolavam um do outro e me senti endurecer em minhas calças. *Como essa mulher tem esse efeito em mim? Por que ela?* Começo a dançar com Allegra, deixando o ritmo me levar. Rodando em meus braços, ela fica de costas para mim, colada e se esfregando em meu corpo.

A bebida tinha uma grande parte de culpa na ousadia de Allegra. Ela costumava ficar longe da minha visão na empresa depois que tudo aconteceu e de repente, estava aqui, dançando como se pudesse transformar nossos corpos em um. A batida fazia compasso com meu coração, e a girei novamente, a obrigando a me encarar.

A música agitada desvanecesse e é como se o mundo parasse de girar por alguns minutos. Allegra não se move, me olhando profundamente por alguns segundos e depois baixando os olhos novamente. *Que se dane*, pensei. Colocando minhas duas mãos sob seu rosto, levantando seu queixo em minha direção. Seu par de olhos azuis me encara na escuridão do bar e a puxo para mim, juntando nossas bocas em um beijo.

Tinha sido apenas uma vez... merda, duas... mas era como se voltasse para casa. Aprofundo o beijo, a devorando sem ligar para o nosso redor enquanto a puxo para mais perto. Tinha sede por seus lábios, pronto para mais. Precisava de Allegra.

— Precisamos sair daqui... — falo, a afastando um pouco de mim. Sentia

Allegra se encaixar entre minhas pernas. Estava tão duro que doía para tê-la.
— Minha casa, vamos para minha casa.

Ela se mexe em meus braços, colocando um pouco de distância. A música alta não me deixa ouvir palavra alguma. Allegra me sorri incerta e estendo minha mão, esperando sua decisão. Ela entrelaça nossos dedos, balançando a cabeça afirmativamente. A maldita eletricidade está lá.

Nós saímos do bar e a noite de Nova York nos cumprimenta. Um ar gelado circula pela cidade e Allegra treme, fechando o braço em torno de si, tentando se aquecer enquanto me olha curiosa. A puxo para mim, a abraçando por trás no momento em que peço um carro.

— Você tem certeza? — pergunto perto de seu ouvido — Se te levar para minha casa...

— Quero estar com você, Bran. Não sei explicar tudo o que sinto, mas olho para você e sei que é certo — ela responde tão baixo e timidamente, que beijo seus cabelos e não falo palavra alguma.

Vamos, a viagem inteira, silenciosos, ainda de mãos dadas. Era como se qualquer palavra pudesse quebrar a magia do que estava acontecendo. Minha cabeça ia de zero a cem, pensando que uma noite com Allegra me faria superá-la, acabar com essa obsessão e poder seguir sem ela o tempo todo em minha cabeça.

Mentiroso. Quando sua cabeça cai sobre meu ombro, joguei minhas preocupações pela janela até a entrada da minha casa em Tribeca. Assim que fecho a porta atrás de mim, estamos apenas nós dois no meu apartamento. Allegra parece ansiosa e caminha para longe de mim. Ela se senta no sofá e olha para as mãos enquanto eu espero uma reação dela.

— O que foi?

— Tive essa ideia idiota de te seduzir, mas agora que estamos aqui... só não sei o que fazer — ela diz com um meio sorriso na voz.

— Me seduzir?

— Quero você, Brandon, ela fala. Há tanto tempo... há tantos anos — ela suspira — só não sei como fazer.

— Você está bêbada? — pergunto seriamente. A imaginei aqui tantas e tantas vezes.

— Quê!? Não, tomei dois drinques. Você acha que estou aqui por que bebi? — ela levanta indignada, caminhando até mim. Adorava os momentos em que ela ficava irritada porque Allegra se achava uma pessoa pacífica e negava sempre seu lado teimoso.

— Não é por isso... — respondo, me aproximando dela, quase grudando nossos rostos — É que quando estiver dentro de você, quero que esteja completamente sóbria e sabendo o que está fazendo. Preciso que queira tanto quanto eu.

Allegra arregala os olhos com minhas palavras cruas. Não costumo ser tão aberto, mas estávamos além do ponto de retorno. Ela olha para minha boca como se enfeitiçada e, tomando a decisão por nós dois, corto nossa distância, afundando meus lábios nos dela. No começo era gentil, como se quisesse que ela falasse para parar, mas Allegra abre caminho, me puxando para ela e juntando nossos corpos em um abraço. Ela aprofunda o beijo, se tornando exigente e nossos lábios começaram a se devorar como se existissem apenas nós dois no mundo.

Pego-a no colo, sem nunca deixar de beijá-la e vou para meu quarto. Assim que entro no cômodo, a empurro em direção à cama, caindo sobre ela e me encaixando em suas pernas, sem nunca quebrar nosso contato. Ela puxa minha camisa para fora, descendo seus lábios por meu peito. Eu tremia a cada toque, sabendo que sua boca estava a centímetros do meu pau.

Puxando seu queixo para mim, a encarei por alguns segundos antes de trazer sua boca de volta para a minha. Puxei o maldito vestido por sua cabeça, antes de desabotoar seu sutiã. Tinha sonhos com aqueles peitos desde a primeira vez que a vi. Coloquei a palma de minhas mãos em seus seios, brincando com os bicos até sentir Allegra tremer com o toque. Desci minha mão por seu tronco, arrancando sua calcinha.

Allegra estava nua. Ela me olhava envergonhada e subi sob seu corpo, abraçando sua cintura e chegando perto de sua feminilidade. O cheiro de sua buceta me invadiu e me inclinei para dar um beijo leve em sua entrada. Allegra passou a mão em meus cabelos enquanto fechava os olhos, a sentindo em minha língua. Meu pau estava duro e pronto para gozar em minhas calças. Allegra me acendia como nenhuma outra mulher foi capaz de fazer. Eu venerava com meus lábios seu ponto sensível lentamente. Ela gemia baixinho, arqueando o corpo em minha direção e se apoiando em mim, pedindo silenciosamente por mais.

Dei beijos ternos e calmos em sua boceta até não aguentar mais e lambê-la com vontade. Abri mais suas pernas. Me afogava em sua excitação, brincando com seu clitóris. Cada impulso de minha língua fazia Allegra tremer e me sentia incrível por isso.

Ela se desfez, quase caindo sobre mim, enquanto gemia meu nome e me

perdi. Me levantei, empurrando minha calça e minha cueca para longe e me deitando sobre ela. Pele contra pele. A sentia por todos os lados, meus sentidos invadidos por esta mulher tão diferente de todas as outras que conheci na vida. Sua boca procurou a minha e aceleramos em busca de algo selvagem e primitivo. Precisava estar dentro dela, marcá-la como minha. Allegra colocou suas pernas em minha cintura e meu pau descansou sob sua entrada, pronto para deslizar por todo o caminho. Ela estava molhada e pronta e era fácil escorregar em sua boceta apertada. Allegra empurrava contra mim, mas precisava ter certeza. Queria que ela estivesse tão pronta como eu.

— Tem certeza?

— Sim... – ela disse, gemendo.

— Allegra...

— Preciso de você dentro de mim – ela disse baixinho, quase envergonhada, fugindo do meu olhar.

Estiquei-me sobre a cômoda, abrindo a gaveta e pegando uma camisinha. Allegra me olhava um pouco envergonhada. Eu coloquei a proteção, abrindo o pacote com os dentes e me ajeitei em cima dela, segurando meu pau contra sua entrada. Deslizei em sua abertura e trouxe uma das minhas mãos até seu rosto a fazendo me encarar. Era nosso momento, eu precisava dela tanto quanto ela me queria. Sinto que ela se adapta a mim e escorrego mais um pouco, quando reparo em algo que não estava esperando.

— Você é virgem? – sussurrei a pergunta para ela, com medo de me mexer.

— Bran... eu... – ela fala e foge do meu toque.

— Por que não disse? Seria mais cuidadoso.

— É perfeito, Bran... Você e eu. Sempre foi o que eu queria.

Beije-a com carinho, tentando acalmar meu coração. Minha vontade era me afundar nela com força até gozar, mas precisava ser mais atencioso. Entro e saio aos poucos, indo mais fundo a cada estocada até que sinto a barreira de Allegra. Em mais um impulso, sinto ceder e ela geme de dor embaixo de mim. Espero algum sinal de que posso me mexer e beijo seu rosto, tentando acalmá-la.

— Tudo bem?

— Você é grande... – ela sussurra tímida – só preciso me acostumar.

— Não quero machucar você.

— Fica... – ela diz e me segura em um abraço.

Tenho medo de me mexer e acho que a machuquei, mas Allegra não quer me contar. Alguns segundos passam até que ela parece me puxar para ela, me trazendo mais para perto. Suas pernas se apertam em meu quadril e de repente, Allegra se impulsiona em mim, gemendo baixo. Deixo-a sozinha, deslizando em meu pau e me puxando para ela.

— Estou... estou bem... – ela diz sem jeito.

Entendo o recado e seguro em seu quadril, me afundando em sua buceta. Meu pau está duro como nunca e estou pronto para gozar. Minhas bolas estão se apertando e acelero, martelando dentro e fora de sua entrada. Somos frenéticos e aumento a velocidade, moendo o mais rápido que conseguia enquanto Allegra gritava cada vez mais forte.

— Porra... – digo entredentes.

— Sim... Sim...

Allegra se empurra contra mim e geme alto, me ordenhando. Não tenho forças para tirar meu membro de dentro dela e gozo em sua boceta, a enchendo até vazar. Meu coração ameaça sair pela boca enquanto a sinto ter pequenos choques, como se meu orgasmo a tivesse deixado ainda mais sensível embaixo de mim.

Nunca foi assim.

A abraço, ainda dentro dela, e evito falar. Preciso me levantar e me livrar da camisinha, decidir coisas... A realidade só iria atrapalhar nossa bolha de felicidade. Allegra acaricia meu cabelo ao mesmo tempo em que passo a mão por seu braço lentamente.

— E agora? – ela pergunta timidamente, falando baixo, como se tivesse medo de quebrar o momento.

— Não sei...

— Eu... eu me sinto invencível quando estou com você, mas a cada vez que estamos juntos, é como se te desse mais poder para me quebrar. Depois de hoje...

— Ei... – a interrompo e a encaro, colocando minhas mãos em meu rosto – Preciso pensar, mas quando estou com você, não consigo.

— É melhor nos afastarmos? – ela sugere e me empurra gentilmente, me fazendo sentar na cama. Sinto a nossa separação, mas não falo nada, assistindo cada pequena reação dela.

— Eu não sei, Allegra.

Ela fecha os olhos como se estivesse pensando em algo e então se levanta,

procurando por suas roupas. Allegra se veste em silêncio e me encara, suspirando, como se tentasse ser mais forte do que era naquele momento.

— Não estou desistindo, mas preciso ficar sozinha agora.

— Entendo isso.

— Não quero que pense...

— Deus sabe que quero me afastar de você, Allegra. Só não consigo. Seja mais forte do que eu... – suspiro, passando a mão no meu rosto, pensando na sequência de eventos que nos trouxeram até aqui — Te levo para casa. Vou pedir um carro e deixo você.

— Não precisa.

— Faça questão – Levanto e coloco minha calça de qualquer jeito, pegando uma nova camiseta, observando Allegra se ajeitando enquanto colocava distância de mim.

– Nem mesmo me despedi de Sam e Avery. Sou uma pessoa péssima – ela fala e me dá um sorriso torto.

— Eles vão entender. Sam deve estar louca porque Caleb sumiu com Avery de qualquer forma.

— Eles...? – ela pergunta confusa.

— Não tenho ideia – respondo.

— Você não precisa me levar em casa, Brandon. Posso pedir um carro para mim.

— Me sinto mais confortável com a ideia de você chegar em segurança em casa.

— Obrigada por se preocupar – ela diz baixo.

Nós descemos bem a tempo de ver os faróis do carro que esperamos se aproximar.

— Sempre vou me preocupar com você... é importante para mim apesar de tudo – falo e engulo em seco quando ela me olha com seus olhos grandes. Estou prestes a beijá-la novamente no momento em que o carro para ao nosso lado.

Vamos o resto da viagem em silêncio, afastados no banco de passageiro e com o pensamento longe. Deixo-a em sua casa e só partimos quando ela entra no prédio.

Não conseguia resistir a Allegra. Talvez não quisesse resistir. Mas Allegra precisava descobrir isso sozinha. Ela precisava parar de achar coisas e vir buscar o que ela realmente queria. Se aprendi uma coisa nessa noite, é que não ia conseguir superá-la tão cedo.

Capítulo 17

Allegra



Foi a melhor e a pior noite da minha vida.

Decidi sair para tirar minha cabeça de toda a situação com Brandon e lá estava ele. No fundo poderia desconfiar, já que Sam era esposa de um dos melhores amigos dele, mas estava com tanta vontade de me afastar da loucura da minha cabeça, que não pensei melhor.

Ele surgiu no meio da pista de dança, me abraçando e me beijou, esqueci por alguns segundos de todo o drama e me entreguei. Via aquele desejo cru em seus olhos e quis dizer sim a todas as minhas vontades pela primeira vez em muito tempo. Foi lindo, especial e, apesar de às vezes achar que matei algo bonito ao mentir para Brandon, sabia que ele se importava.

Quando a realidade bateu, corri. Sei que deveria parar de correr. Todo mundo me falou isso, mas ainda assim, ver Brandon tão igual e tão diferente comigo me confundiu. Como um bom cavalheiro, ele me levou até minha casa e me fez chorar mais uma vez, desta vez de esperança.

O final de semana passou e na segunda-feira, cheguei atrasada, com óculos enormes e uma dose dupla de café. Ellen me perguntou se estava bem e grunhi em resposta, cortando todas as perguntas em seus olhos. Brandon não estava em canto algum e tinha medo da reação dele: e se ele voltasse a me ignorar?

Parecia uma planta em busca de sol a cada vez que Brandon entrava na sala, mas não era justo para mim e para ele. *Covarde...* Deveria invadir a sala dele e dizer que quero tentar, que me apaixonei por ele antes, e agora, e que nada fazia sentido sem tê-lo em minha vida.

No meio da manhã, entrei em um beco sem saída que me obrigaria a buscá-lo. Recebi um alerta do sistema e mensagens da equipe de operações.

O banco de dados estava fora do ar e precisávamos tomar decisões urgentes. A gestão das contas chinesas e coreanas estava sendo feitas por mensagens e e-mails e Brandon estava sempre copiando, mas ele não me respondeu nenhum deles.

Tomei uma série de decisões, juntei todas as mensagens e fui para a sala dele. Sabia que Brandon estava na Future por uma conversa de alguns programadores, mas por algum motivo, ele ainda não tinha visto a situação. Hesitei um pouco antes de bater, mas era importante. Ao contrário das salas de reuniões do salão, as paredes dos escritórios particulares não eram de vidro e poderia manter a curiosidade das pessoas longe dessa conversa.

— Brandon... pode falar? – perguntei, batendo na porta delicadamente.

— O que faz aqui? — Brandon responde, ao me ver entrar em sua sala, sentado a sua mesa. Ele foge do meu olhar e abaixa a cabeça para seu computador, continuando a prestar atenção no que está fazendo e me ignora.

— Aconteceu um problema no banco ligado à conta da Gisul Group.

— Por que não fui notificado? – ele pergunta meio irritado, me encarando.

— Você foi... mandei mensagens a manhã toda.

— Estava em reunião de vídeo – ele fala, fazendo uma munheca como se estivesse irritado com ele mesmo e suaviza a voz – Em que posso te ajudar?

— Aqui... – digo, mostrando meu computador – este é o erro e essas foram as ações tomadas. Falei com o pessoal de operações assim que percebemos o problema. Parece que voltamos ao normal, mas queria investigar. Não deveria ter acontecido.

— Sim... vou pedir uma análise completa. Você fez bem. Vou revisar as mensagens e ver o que conseguimos fazer além. Falou com as empresas?

— Todas foram notificadas. Não ficaram felizes, mas ao menos é madrugada por lá. Não houve tanto impacto... – digo e o encaro um pouco demais, esperando a resposta.

— Foi bem, Allegra. Nossa primeira crise e contornou sozinha – ele diz com um sorriso fácil e me encara de volta –... o que foi?

— Sobre sábado...

— Allegra – ele fala e foge de mim.

— Não... – falo, tentando procurar as palavras enquanto tenho a atenção de Brandon – Droga, queria conversar sobre o que aconteceu. Foi apenas uma vez? Foi apenas uma noite? É isso?

— Estou ocupado. Preciso ver estas mensagens e terminar a reunião que

estava fazendo... – ele me interrompe.

Brandon levanta e vai em direção à porta, mas eu não o deixo chegar até ela, o abraçando por trás. Pareço desesperada, mas não aguento ver a dor nos olhos dele todos os dias, onde antes era só amabilidade. Tinha medo de que ele tivesse se arrependido da nossa noite.

— Brandon...

— Allegra, o que está procurando? Não podemos só nos afastar amigavelmente? – ele pergunta com a voz baixa – Aquela noite me deixou louco, você me deixa doido e não quero perder o controle. Você me disse que tinha medo de eu quebrá-la, mas você tem tanto poder sobre mim que me assusta.

—Não gosto do jeito que estamos – falo, impressionada com sua confissão – Sei que pediu para pensar, mas...

— Olhe... – ele diz e se vira para mim, ficando a apenas alguns centímetros e tirando meus braços de seu corpo – você mentiu sobre algo importante. Eu falei... me preocupo, me importo... desejo, mas é diferente. Talvez daqui a algum tempo consiga lidar melhor com isso, mas agora é difícil. Tudo que está dentro do meu peito...

— Merda... me desculpe, eu errei. Sou uma idiota, nunca deveria ter... – O interrompo e encaro os olhos de Brandon, me perdendo em minhas palavras.

Ele está tão perto que fujo dos meus pensamentos, vendo seu olhar. Há desejo e algo mais e minha respiração dispara, fazendo meu olhar cair para sua boca. Brandon está a centímetros de meus lábios e consigo sentir sua respiração quente enquanto nos perdemos um no outro.

Encurtei nossa distância, juntando sua boca na minha. Não houve nada de lento dessa vez. Era quente e febril. Brandon agarrou meu cabelo, dando um suave puxão enquanto me devorava. Abri minha boca, dando ainda mais acesso e senti sua língua brincar com a minha. Sentia seu pau inchado sob o contorno da calça. Era como se cada terminação nervosa de meu corpo estivesse ligada e querendo mais.

A mão de Brandon caiu sobre minha bunda, me puxando para cima e me ajeitei em seu colo, enrolando minhas pernas em sua cintura. Sem nunca deixar minha boca e ficando cada vez mais selvagem, Brandon se sentou no sofá dos cantos comigo ainda em seu colo. Sua mão em meu cabelo me afastou e sua boca caiu sobre meu ombro, em um ponto sensível que me fez gemer de volta.

Eu rebolava em seu colo, tentando alguma fricção enquanto ele abria caminho com os lábios até o meu decote. Ele empurrava contra mim e podia sentir cada contorno de seu pau entre minhas pernas. Sua língua traçava um caminho em minha clavícula.

Brandon se afastou com os olhos acesos e em um puxão, arreventou os botões da minha camisa até deixar meu sutiã a mostra. Sua boca desceu ainda mais e, dando um puxão para baixo em minha lingerie, meus peitos estavam a mostra. Ele trilhou um caminho de beijos até o meu seio esquerdo e começou a lambê-lo e chupá-lo. Queria gritar. Coloquei minha boca em seu ombro e abafei o barulho. Sentia minhas pernas se tornarem gelatina e ficar cada vez mais excitada.

Ele empurrava em mim apesar da barreira de nossas roupas e a fricção da minha calça no meu clitóris estava me enlouquecendo. Brandon se afundou no meu outro seio enquanto apertava minha bunda, me trazendo mais pra perto. Não aguentei e o orgasmo veio de repente e domou todo o meu corpo, fazendo meus dedos formigarem e minha coluna se contorcer. Abafei mais uma vez um grito em seu ombro e percebi Brandon parar de se mexer em meus braços.

Respirava com dificuldade, colocando minha testa na dele. Brandon colocou as mãos no meu antebraço, me empurrando para fora de seu colo. Ele não colocou força, mas fez o suficiente para me afastar e me levantar. O olhei expectante por alguns segundos, mas sabia a resposta, aquilo não significava nada.

— Vou voltar para minha mesa – falo, balbuciando confusa, ajeitando o meu cabelo.

— Apenas vai... – ele disse entre zangado e cansado, fugindo do meu olhar.

— Brandon...

— Por favor... apenas vá – ele disse com o maxilar apertado.

— Tudo bem... – falei ao mesmo tempo em que me levantava e sentia minhas pernas tremer.

— Espere... – ele fala e me viro. Brandon abre uma gaveta e tira um suéter, me estendendo enquanto diz simplesmente —... os botões.

Balancei minha cabeça em concordância, olhando para baixo e vendo que a camisa estava arruinada. Coloquei o casaco, grande demais e com o cheiro de Brandon, e caminhei até a porta. Antes de abri-la, olhei para trás, e ele estava ali, tão sozinho, com as mãos na cabeça e olhando para o nada. Fiz

aquilo, estraguei tudo e não deveria reclamar.

Sai sem dizer mais palavra alguma, pensando se era justo comigo, conosco. Eu precisava me decidir e deveria fazer Brandon parar. Era desgastante, doía. Brandon tem sentimentos por mim, mas ele nunca aceitou completamente meu pedido de desculpas.

Ele parece estar tão envolvido quanto eu. Posso ver isso, sentir. Nós precisávamos conversar como adultos, decidir o que fazer em seguida em vez de apenas não resistir cada vez que estamos perto um do outro.

Capítulo 18

Brandon



Decidi esconder de Caleb e Zachary o que estava acontecendo e o resultado é que estamos de volta, sozinhos, na Future. A noite que a tive pela primeira vez não sai da minha cabeça e depois do encontro no escritório. Era como se tivesse aberto essa porta e não conseguisse mais fechá-la.

Não menti sobre pensar. Queria jogar a racionalidade para o espaço e tirar aquele olhar triste de Allegra, mas não conseguia dar tanto poder para ela. Quando ela foi embora da minha casa e me vi sozinho na minha cama, me arrependi de não dizer que a queria com todas as palavras. Que ela era minha, eu era seu. A amava tanto que não conseguia fazer as pazes com um sentimento que surgiu tão rápido e foi tão avassalador.

A amava... pensei comigo mesmo, realizando aquele sentimento, percebendo que ele estava ali o tempo todo.

Era o melhor beijo que já tive na vida, o sabor, a excitação, tudo acumulado e eu queria mais. Ela me deixava permanentemente quente e confuso.

Eu mesmo falaria com ela. Recomeçar. Allegra parecia tão preocupada em me pedir desculpas que não pedia nada mais. Também precisava pedir perdão. Tinha sido brusco, grosso. Isso não fazia parte de mim. Tinha um nó na minha cabeça, mas percebia que não iria passar. Ela me fazia pensar no futuro e esse estar e não estar me deixava louco.

Só não sabia como falar com ela. O que era fácil, se tornou difícil, tenso. E eu era o mesmo idiota que não conseguiu marcar um encontro e terminou em uma loja de móveis. Onde antes tinha apenas camaradagem e um leve flerte, se tornou algo mais pesado e visceral.

Quando o senhor Park voltou, pedindo mais uma interface para a análise de

banco de dados depois do erro do dia anterior, só voltamos a planejar. Coloquei minha melhor cara de indiferença e comecei a trabalhar. Seríamos eu e Allegra de novo. Antes, ficávamos até meia-noite ou mais pelo horário da Coreia, sozinhos na Future. A perspectiva de fazer isso de novo, era um tormento para mim.

Evitei o escritório como se evita um lugar amaldiçoado, porque para onde olhasse, via Allegra. No sofá, gemendo depois de gozar, no meio da sala, tão frágil com o meu casaco enorme. Perto da minha mesa, pedindo desculpas. Juntei-me a ela no salão e vimos as pessoas saindo do nosso redor conforme o dia avançava. Nós dois trabalhávamos praticamente em silêncio, sem nos aproximar ou tocar. Era uma regra não dita. Meu pau já ficava duro só de tê-la por perto e não sei o que aconteceria a partir de um simples aperto de mão.

Ela era uma parceira de trabalho dos sonhos e nos tornamos uma dupla afiada, entendendo as necessidades um do outro antes mesmo de falar. Conversar era estranho e falávamos mais por e-mail e chat do que de outro jeito. Também havia os silêncios, os momentos em que me perdia em seus olhos azuis e sabia que ela também sentia. Eram olhos acendidos de desejo e sabia que só precisava dizer as palavras.

— Terminei o envio, tem algo mais? – ela disse, me encarando com olhos sonolentos. Eram mais de onze da noite e sentia seu cansaço em mim. Ela balançava o pescoço para os lados tentando diminuir a dor e eu queria massagear aquele pedaço de pele tentador. *Merda, Brandon, você precisa parar.*

— Tudo, ok. Só precisava do material para fechar. Acho que esta semana ainda fazemos a entrega final – falo e ela balança a cabeça, concordando levemente.

Allegra fecha seu notebook e coloca na mochila, tentando se manter afastada. Ela se vira e esbarra na garrafa de água, que cai por todo o carpete. Ela joga a bolsa para um lado evitando molhar o equipamento e dá um pequeno grito de surpresa com o líquido correndo pela bancada.

— Ei, calma! – digo, correndo até lá e colocando um pano para evitar que a água tocasse alguns dos fios que estavam sobre a mesa. Ela está frenética também, tentando secar para evitar o curto circuito.

— Acho que está tudo bem, não é? – ela diz e quando me viro, percebo que estou a centímetros dela.

— Está bem?

— Sim – ela sussurra – preciso ir.

— Amor... – falo com a voz baixa, ainda tão perto dela, sentindo seu cheiro. Ela olha para minha boca e depois para meus olhos enquanto eu me inclinava para ela.

— Não! – Allegra fala e se afasta alguns centímetros – não assim, não de novo. Quero mais do que estar sempre disponível para você me ter em seus braços e me empurrar para longe no momento em que seu humor muda.

— Não é assim!

— Claro que é – ela diz suspirando – Me apaixonei por você, não pise em mim e no que eu sinto!

As palavras de Allegra me desconcertam e quando volto a encará-la, as portas do elevador se fecham sobre ela. Ela fugiu de mim de novo.

Capítulo 19

Allegra



Eu disse que era apaixonada por ele e fugi. Isso é tão eu.

Ouçõ a voz de Anna me dizendo que preciso dar um salto de fé enquanto estou indo para casa.

Quando entro no meu apartamento, me encho de coragem e jogo meu computador em cima do sofá – que finalmente tinha chegado – fechando a porta atrás de mim novamente. Chamo um carro para seu endereço em Tribeca. Se ele não me aceitar agora, é melhor parar de mendigar seu amor. Uma última tentativa era tudo que eu precisava ter. Pedi desculpas e essa coisa entre nós... Deus... O beijo de Brandon, seu corpo...

Torcendo para que minha memória não estivesse falhando e ainda soubesse como chegar até lá, atravesso a curta distância entre nossos bairros. Já é madrugada porque saímos muito tarde da Future. Talvez não conseguisse entrar no prédio, mas precisava tentar. Assim que chego à construção em Tribeca, discuto comigo mesma se vou tocar a campainha. Um morador decide por mim e me dá passagem quando sai do edifício. Vou até seu apartamento, no último andar, hesito antes de bater. Minha respiração acelera e quero fugir. Toco a campainha e espero. *E se ele me viu no olho mágico e não quis abrir...?*

— Allegra...? – ele diz surpreso ao abrir a porta.

—Estou cansada de fugir. – Falo e suspiro, tentando controlar minha voz que insiste em quebrar de emoção. Não iria durar muito e precisava falar isso antes de quebrar – Há cinco anos, me apaixonei por uma voz. Nós passamos meia hora juntos e aquilo me estragou para todos os homens que conheci depois disso. Nunca era o beijo certo, o toque certo, o arrepio. Era como se tivesse encontrado minha alma gêmea e não soubesse sua identidade.

Brandon abriu mais sua porta e me deixou passar, a fechando atrás de mim. Ele não falou nada e se sentou no sofá da sala. Ele ainda usava a mesma roupa do trabalho, como se tivesse acabado de chegar. Tão malditamente tentador. Ele entrelaçou os dedos no colo e fugiu do meu olhar, olhando para baixo, onde sua mão estava. Era como se estivesse fingindo que eu não estava ali, como um zumbido minúsculo e incomodo que iria embora a qualquer momento.

— Quando vim trabalhar na Future e ouvi sua voz, algo se acendeu – continuei falando – meu coração te reconheceu antes mesmo de mim. Naquele dia em que me contou a história da adega, tinha tantas emoções dentro do meu peito que eu me afoguei em dúvidas, medos, e em uma história de vida em que sempre me achei o patinho feio da família, mesmo com todos eles me dizendo que eu era linda e amada. Era um casal imperfeito enquanto você e Anna... Vim pedir desculpas, pedir perdão, só isso.

Brandon levantou a cabeça, reconhecendo minha presença e me olhando tão fundo que sentia seu escrutínio em minha pele. Tinha sua atenção voltada para mim pela primeira vez.

— Entendi que preciso me levantar, assumir meus erros e dizer que não foi meu sentimento de inferioridade que fez isso, fui eu. Tinha tanto medo de me ferir com sua reação que não levei em conta o ser humano maravilhoso que você é. Eu te amo. Tanto que tenho esse senso, esse sentimento, que mesmo saindo daqui hoje, vou sempre pertencer a você, ter uma meia vida, principalmente depois do que aconteceu hoje. Vim pedir perdão e dizer que estraguei tudo. Me desculpe...

Suspirando e tentando controlar minhas lágrimas, apertei a alça da minha bolsa, encaixando-a no ombro enquanto caminhei para a porta.

— É só isso? – Brandon pergunta com uma voz grossa, emocionada, me olhando fundo.

— Sobre nós dois...

— Por que fugiu?

— O quê!?

— Há cinco anos... por que saiu correndo da adega? Fui eu...? Forcei você?

— Meu avô – respondo o interrompendo – ele teve um infarto e não resistiu. Quando tivemos sinal, as mensagens da minha família chegaram. Era como uma faca cortando meu peito e não pensei. Ele era tão importante para mim.

— Merda, Allegra, me desculpe por achar... sinto muito.

— Me arrependo de não ter falado mais, de não ter seu número. De qualquer coisa que me levasse até você. Naquele dia, tudo que eu queria era o consolo do seu abraço e tinha acabado de conhecê-lo.

— Sobre sábado... você se arrepende? – me viro para ele ao ouvir sua pergunta. Suspiro escolhendo bem as palavras. Aquilo poderia mudar tudo.

— Não! – falo alto, um pouco emocionada e respiro fundo, controlando o nervosismo — Escuta... não tenho cara de pau de pedir uma nova oportunidade. No sábado foi tudo o que eu sonhei e mais, mas você está tão magoado, tão... O Brandon que conheci antes da minha confusão não é o mesmo de agora.

— Você já foi mais valente.

— Você quer que eu implore? Posso ficar de joelhos, pedir perdão. É só que estraguei tudo tão fundo, que tenho medo.

— De ser rejeitada?

— Sim... – respondo e olho para baixo, deixando a lágrima escorrer – Se eu, digamos, pedir... você me rejeitaria?

— Nós já tivemos um problema com você achando coisas de mim que não deveria.

— Pare de brincar comigo! – falo mais alto.

— Seja valente, Allegra. Pergunte.

— Você... você... me aceitaria?

— Com mais certeza... – ele diz como se fosse um professor corrigindo um aluno.

— Eu... Brandon... o que quer de mim? – respondo e ele apenas balança a cabeça como se tivesse me pedindo para continuar e pergunto – Seria meu namorado?

— Faça uma oferta melhor, Allegra... vamos.

É quando decido ir para o tudo ou nada e me aproximo do sofá que ele está, me ajoelhando a sua frente e olhando fundo nos olhos.

—Casaria comigo? Me amaria? Seria meu e me deixaria ser sua? – sussurro a sua frente e ele me encara, abrindo um sorriso lento.

— Sim, Allegra – e sem falar mais nada, Brandon me puxou para um beijo profundo, nos unindo em uma mesma respiração ofegante.

— É mesmo? – pergunto, nos separando.

— Fiquei chateado com o que você fez, mas não consigo tirar você do meu coração. Desde que soube que era você naquele dia, tudo faz tanto sentido... tudo se encaixou. E depois de sábado – ele me sorri e acaricia meu rosto —

Queria pensar e a única conclusão que cheguei é que não queria dar o braço a torcer sobre a história da adega. Nós somos uma dupla de covardes.

— Conseguimos chegar aqui mesmo assim.

— Eu sei, um par imperfeito na nossa falta de coragem – ele ri – Allegra, queria te chamar para sair e terminei te levando para comprar um sofá.

— Eu te amo... – falo simplesmente.

— Também te amo – ele responde – agora, vem, vamos para o quarto...

— Nós trabalhamos amanhã – respondo com a perspectiva de transar depois do dia cansativo, a hora avançada e todo o estresse emocional.

— Preciso dormir. Quando você foi embora depois da gente fazer amor aquilo mexeu com a minha cabeça. Estive pensando em tudo e como chegamos até aqui. Não tenho dormido bem. Só preciso deitar com você em meus braços e saber que no momento em que acordar, você estará lá.

— Eu posso prometer isso – respondo com um sorriso leve.

Capítulo 20

Brandon



Ela finalmente veio até mim.

Era um babaca egoísta por ter esperado, mas era importante. Allegra achou coisas, pensou coisas. Estava a poucos passos de bater, eu mesmo, no apartamento do Chelsea, mas ela foi mais rápida. Como ela não poderia perceber meu desejo por ela quando todos ao meu redor percebiam?

As palavras saíram livres, como se não conseguisse mais guardá-las para mim. Eu a amo tanto que meu coração explode cada vez que a vê. *A maldição dos Blake...* rio de para onde vai meu pensamento. No final de tudo, foi amor à primeira vista, por mais que não soubesse como ela era por anos. Quando era Anna, senti a eletricidade, seu toque, quando era Allegra, me enfeitiçou com seu jeito, seus olhos, seu sorriso, suas curvas...

— Oi – Allegra diz, se espreguiçando. Já passa das oito, vamos chegar atrasados, mas eu não me importo – Que horas são?

— Tarde.

— Nós precisamos ir! – ela diz, se levantando e a puxo para meu colo novamente, a imobilizando em meus braços.

Minha boca cai sobre a dela em um beijo devagar, saboreando cada movimento e a ouvindo gemer em minha boca. Tirei meus braços de sua cintura e a puxei para mim, afundando minha língua e indo mais fundo. Nossas bocas se aceleraram em um encontro frenético enquanto ela sedia seu peso, se enroscando em mim. Meu corpo rugia por libertação, mas ela estava certa, precisávamos ir.

Encostei a minha testa na dela, respirando pesadamente e sussurrando sem respiração.

— Vamos chegar muito atrasados, mas valeu a pena.

Nós ficamos parados alguns instantes até que Allegra me obriga a tomar banho e anuncia que vai passar em casa para trocar de roupa. Ofereço-me para levá-la, e só consigo convencê-la quando digo que posso continuar discutindo para sempre e fazê-la ainda mais atrasada.

Entramos no prédio da Future bem depois das dez com Allegra abraçada a seu balde de café. Essa mulher tinha um sério problema com cafeína. Queria andar de mãos dadas, dizer para o mundo que ela era minha, mas ela tinha razão nesse sentido. Precisávamos falar com Caleb e Zachary primeiro. No final da tarde do mesmo dia, os chamei em minha sala. Meus sócios me olharam tensos quando coloquei as mãos na mesa os encarando e disse apenas.

— Allegra e eu estamos namorando.

— Finalmente! Achei que algo tinha dado errado com os clientes – Caleb falou, suspirando e abrindo um sorriso.

— Que bom, irmão! – Zachary responde.

— Nenhum problema por ela ser nossa funcionária?

— Como repetimos algumas vezes nos últimos meses, nenhum problema.

— Combinamos de não chamar atenção no trabalho, mas era importante que soubessem – respondo para Zachary e Caleb.

— Enquanto entregarem tudo em dia e de forma profissional, tenho zero problemas com quem você dorme.

— Merda, Caleb, é mais do que isso – involuntariamente sinto meu pulso se apertar e Caleb me olha sorrindo.

— Ei... estou feliz por você. Que bom que finalmente se rendeu a Allegra.

— Foi complicado.

— Mulheres e seus dramas, certo? – Caleb diz e Zachary dá uma risada.

— Mulheres, homens e um gato chamado Wentworth.

— Outra amante de Jane Austen?

— Não admira que Sam goste tanto dela.

— Qual é o problema com mulheres e Jane Austen.

— Avery também tem um gato?

— Ela me jogou uma versão de Orgulho e Preconceito pesado como um inferno.

— Eu sei, fui eu que dei a ela, edição de colecionador – Zachary responde

rindo.

— Espero que tenha terminado todo esse drama – respondo, olhando para os dois.

— Não acaba – Zach diz rindo – mas o sexo de fazer as pazes é sensacional.



Levamos as coisas com calma depois de contar para Caleb e Zachary. Allegra passou o final de semana comigo. Durante os dias de trabalho, íamos a encontros depois do expediente, cinema e jantares como um casal normal. Allegra ria cada vez que dizia que merecíamos alguma normalidade depois de como tudo aconteceu. Quase sempre dormíamos na casa um do outro porque não conseguia me manter longe. Era nossa pequena bolha sem que ninguém soubesse – apesar da fofoca correr solta na Future, com pessoas desconfiando de sempre estarmos juntos, chegando e indo embora.

Uma tarde, depois de uma reunião perto da bolsa de valores, entrei na Tiffany & Co. Queria comprar algo para Allegra, mas quando vejo um solitário com um topázio tão claro quanto os olhos dela, percebo o quão importante era aquele momento.

— Brandon, está tudo bem? – diz meu pai do outro lado da ligação. Não é comum que eu ligue no meio da tarde e sei que posso tê-lo preocupado.

— Está... é que estou tomando uma das decisões mais importantes da minha vida e gostaria de uma opinião – falo e envio uma foto dos anéis enfileirados no mostrador da loja.

— O que está fazendo em uma loja de joias, Bran? – ele pergunta e posso ouvir o humor na voz. Eu aposto que ele está tentando entrar em contato com a minha mãe de qualquer outro jeito neste mesmo momento.

— Vamos lá, velho... Dois mais dois, é simples.

— A sua vida amorosa é muito confusa, meu filho. Desisti de tentar. É Allegra? A prima misteriosa? Uma terceira concorrente que surgiu do nada? Por favor... não me diga que está voltando com sua ex-esposa.

— É Allegra... – falo e sinto o sorriso suave ao falar seu nome – Nós nos entendemos finalmente.

— E o passo seguinte é o casamento? – ele pergunta com ironia.

— Tenho uma vantagem sobre você que pulou direto para a cerimônia – respondi rindo sobre o casamento dos meus pais – você vai me dizer que é

diferente, mas não é!

Se eles achavam que eu estava fazendo no impulso, quem dirá eles que apenas dirigiram para o gabinete do condado com uma licença de casamento conseguida na internet logo depois do pedido.

— Sua mãe vai ficar uma fera se souber desse pedido depois de ele acontecer.

— Você vai contar para ela antes, sei disso.

— Você tem certeza? – ele me pergunta sério, com nenhum humor na voz.

— Mas certeza do que já tive alguma vez na vida... é diferente, especial... como um choque e uma energia...

— Era tudo o que queria que tivesse sentido naquele dia, Bran – ele me diz.

— Entendo agora. Vou terminar as coisas aqui. Conversamos depois, pai.

— Boa sorte, filho.

Desliguei e pedi para vendedora guardar o anel. No dia seguinte, enquanto Allegra estava no banheiro, peguei uma de suas joias e levei para a loja para acertarem o tamanho. Alguns dias depois, tinha uma caixinha azul no meu bolso, que queimava apenas por sua existência.

As coisas vão se encaixando e um mês depois do problema do banco de dados da Gisul Group, conseguimos encaixar nossos horários. Zachary tinha razão, com Allegra a meu lado, não conseguia trabalhar como louco, levando coisas para casa e trabalhando longas horas na empresa.

Nós ainda corremos aos sábados, estando no meu apartamento ou no dela. Em mais um desses dias, o alarme toca e ela se estica como um gato a meu lado e observo suas curvas generosas. Em poucas semanas, meu apartamento estava cheio de coisas dela e eu tinha um espaço meu na casa de Allegra. Algumas pessoas poderiam achar louco, mas trocamos chaves na primeira semana.

Quando você tem certeza, tem certeza. Meu instinto gritava que Allegra era “a” mulher para mim.

Ela dormindo apenas de calcinha me fazia quente. Allegra tinha perdido as inibições e era uma mulher mais confiante e ousada. Ela sabia o efeito que tinha em mim usando essas lingerie pequenas e adorava como eu agia como um ogro cheio de hormônios. Encaro cada contorno de seu corpo e observo a tatuagem nas suas costas, um conjunto de flores intrincadas subindo até suas costas.

Era tão suave e feminina como Allegra.

— O que está fazendo? – ela me pergunta com voz sonolenta.

— Olhando você... é linda, meu amor – respondo e me inclino para dar um beijo leve em seus lábios.

— Não pode falar essas coisas assim... Sem café ou roupas – ela responde com a voz rouca de sono.

— Sempre vou dizer verdades para você, amor – falo sorrindo – sabe, sempre quis saber se você tinha tatuagens. Parecia tão fascinada sobre as minhas.

Allegra levanta, se sentando na cama. Pisco para ela e me aproximo, encarando seus seios fartos e completamente à mostra só para mim.

— Eu tinha... tenho um fascínio por suas tatuagens porque elas são suas – Allegra diz, passando os dedos delicadamente por meu peito nu – não tenho tatuagens em lugares visíveis.

— Com essa das costas são três... – falo e passo a mão com segundas intenções em suas costas, tocando o desenho floral, na lateral na altura da costela onde se podia ler “latina” e um pequeno símbolo de infinito perto de seu pulso —... seus pais não implicaram com isso?

— Meu pai talvez tenha mais tatuagens que você – ela responde rindo – braços, peito, panturrilha... o símbolo de infinito é algo que meus pais e irmãos temos em grupo.

— Vou levá-la para conhecer o estúdio onde faço minhas tatuagens...

— Você quer uma tatuagem de casal, Brandon Blake!? – ela me pergunta sorrindo.

— Talvez uma aliança... – respondo e pego suas mãos, fazendo carinho no dedo anelar. Fico em silêncio e ela me encara parecendo surpreendida.

— Brandon...

— Você me pediu em casamento, mas não fez nada a respeito, Allegra Hunt e eu sou um homem de respeito – falo e me estico para o móvel ao lado da cama, abrindo a gaveta – Então, amor... se casaria comigo?

Allegra encara confusa a caixa com o anel. Ela me olha com algumas lágrimas nos olhos e sorri, murmurando um “sim” quebrado. Tiro o anel da caixa, e coloco em seu dedo. Ela me puxa para um abraço e me beija profundamente, nos trazendo para a cama.

— Você é louco por me pedir em casamento tão rápido! – ela diz sorrindo e admirando o anel.

— Você me pediu em casamento e não conseguiu um anel... tive que resolver – falo a abraçando – e não é tão rápido. Demorei cinco anos para

isso...

— Eu te amo, sabia? – ela diz com olhar amoroso.

— Sim... e quero que você também saiba. Não quero passar mais um minuto em dúvida sobre meus sentimentos. Eu te amo, Allegra. Quero envelhecer a seu lado, ter filhos com você. Nunca fui feliz como sou nos últimos dias.

— Eu também... – Allegra responde simplesmente – Você está pronto para isso? Contar para todo mundo, colocar nossas famílias no meio?

— Nossas famílias são grande parte do que nós somos, amor... e além do mais, eles não vão poder atrapalhar estando a alguns estados de distância, não é?

Capítulo 21

Brandon



— Quero visitar meus pais no final de semana que vem, você poderia? – Allegra me pergunta alguns dias depois de pedi-la em casamento.

Jogamos a precaução janela a fora depois de colocar uma aliança em seu dedo. Chegávamos de mãos dadas, às vezes roubava um beijo e brincava com seus cabelos enquanto ela trabalhava. Caleb viu a cena pela primeira vez e murmurou um “finalmente” tão alto que metade do salão riu da minha cara. Como nada destruía meu humor, só fugia das brincadeiras.

Allegra ainda não conheceu meus pais, mas eles viriam para Nova York no final do mês. Não tinha dito nada para Alle para não adicionar pressão a este primeiro encontro, mas eles e Carol mandaram milhões de mensagens para conhecer minha noiva – o que me fazia desconfiar que minha irmã não entendeu que Allegra é a mesma que ela indicou para a vaga na Future.

Estava um pouco tenso para conhecer a família dela. Quase todos estavam em Los Angeles – com exceção de um primo ou outro, como Anna, que riu gostosamente quando nos pegou no flagra ao entrar no apartamento sem avisar e pulou sobre Allegra na hora em que viu o anel em sua mão, jurando silêncio e tentando um daqueles momentos só de garotas que não entendia muito bem.

— Claro... ainda preciso falar com seu pai sobre nosso casamento – respondo.

— Isso é machista, Bran. A única pessoa que precisa concordar com esse casamento sou eu.

— Mas é uma gentileza falar com seu pai...

— Por que meu pai? – ela me interrompe colocando as mãos na cintura – se você ainda falasse sobre meus pais, mas você está perpetuando a ideia de

que eu sou uma coisa que vai passar da mão de um homem para outro e...

— Ei... – falo, a puxando para mim – vou casar com você mesmo assim. Ele concordando ou não. Perguntei para você primeiro... na verdade, você me perguntou. É algo nosso e já seria o suficiente.

— Mas...

— Mas você tem pessoas demais na sua família e aposto que um ou outro não deva ir com a minha cara.

— Houve algumas ameaças – ela responde – vai ficar tudo bem...

— Quantas pessoas da sua família são maiores do que eu? – pergunto como brincadeira, mas com aquele fundinho de verdade.

— Você está falando sério? – ela ri e depois para, como se estivesse fazendo contas mentalmente – Bem... acho que Dylan tem o seu corpo... Magro, mas com músculos, alto... me entende?

— E o resto, amor?

— Tudo bem... – ela suspira – Noah e Trevor tem o dobro do meu tamanho, meu pai também... Tio Matt e Logan também...

— Minha saúde estará em risco conhecendo sua família?

— Vai ficar tudo bem, Bran. Mato eles no processo... ou chamo minha mãe e minhas tias.

— Me sinto bem melhor por ser defendido por senhoras da idade da minha mãe.

— Todos eles comem nas mãos delas.

— Conheço o sentimento... – respondo piscando para ela – Que seja. Vamos para Los Angeles.

∞∞∞

No sábado de manhã, voamos para L.A. Nós saímos do aeroporto e alugamos um carro. Allegra não quis contar que estávamos indo, mas foi bom para fazermos as coisas no nosso tempo. Los Angeles estava tão ensolarada quanto eu lembrava. Os pais dela moravam em Beverly Hill, em uma rua mais alta, com casas enormes que destacavam a vista do mar no horizonte. *Era tão diferente da praia gelada e cheia de pedrinhas de Chicago...*

Nós paramos ao lado da entrada quando Allegra colocou o código de segurança e o portão abriu, nos deixando passar. Dentro dos muros, a casa parecia ainda maior, mas não opressiva como uma mansão. Detestava esse tipo de lugar e amava que meus pais e tios nunca gostaram de lugares

enormes que pareciam museus de 20 quartos.

Sáímos do carro e Allegra me segurou pelos ombros, evitando que eu caminhasse até a porta principal. Ela pegou seu telefone e discou, esperando por muito tempo até alguém a atender.

— Estou aqui do lado de fora, mas Deus me livre de encontrar vocês nus... Podem abrir quando estiverem descentes? – ela diz e desliga, fazendo um gesto de dar de ombros para mim.

Posso me relacionar com esse sentimento e meus pais. Eles só vão parar quanto tiverem um problema no quadril. Não julgo. Olhando para Allegra agora, sei que faria o mesmo com ela.

— Alle! Que surpresa...! – Uma mulher muito parecida com Allegra abre a porta e se joga nos braços de minha noiva, a apertando com força. Ela está com um roupão como se estivesse fazendo exatamente o que Allegra tinha insinuado e ri da constatação.

— Oi, mãe! – Ela diz, se apertando nos braços da mulher. Com exceção dos óculos, era como se visse como Allegra iria envelhecer.

— E quem é você? – ela me pergunta curiosa ainda sem se separar da filha, nos puxando para dentro da casa.

— Me chamo Brandon... – digo, estendendo minha mão para ela.

— Meu noivo... – Allegra fala quase ao mesmo tempo, mostrando a mão para a mãe. Ela coloca a mão no rosto, nos olhando surpresa, abre um sorriso de orelha a orelha e diz apenas:

— O seu pai vai surtar com essa informação.

— Foi muito rápido... sabe como é? – Allegra fala um pouco envergonhada e sorrio da interação mãe e filha.

— Eu vou o quê? – diz uma voz grossa.

Observo um homem de cabelos escuros com um toque de cinza aqui e ali descendo a escada apenas usando uma calça de pijama e fico chocado. *Este é o pai de Allegra?* Não é possível que homens de quase 60 anos tenham abdômen definido, certo? Alle tinha razão, com as tatuagens e o tamanho, ele parecia assustador. Os homens da minha família envelheceram bem, mas não como Jason Hunt.

— Oi, pai! – diz Allegra, correndo para um abraço. Ela é a menininha do papai, posso sentir.

— Que surpresa, querida... você não disse que vinha e... – Ele responde e me olha, ficando sério – quem é você?

— Pai... esse é Brandon Blake.

— E quem é você, Brandon Blake? – ele me pergunta, levantando uma das sobrancelhas com curiosidade.

— O noivo de Allegra.

Um silêncio cai na sala e ela olha expectante para os pais. Apesar de toda a conversa sobre não pedir a mão dela para a família, sabia que tinha importância para ela.

— Como isso aconteceu, Alle? – Ele pergunta sério para ela e tenho vontade de rir. A situação é ridícula e ao mesmo tempo tensa e quero puxar minha noiva em meus braços e dizer que vai ficar tudo bem.

— Nós nos conhecemos, e as coisas foram acontecendo... Foi tudo tão rápido... — Ela diz tão rápido que me sinto um expectador de uma corrida de cavalos -Começamos a trabalhar juntos, passei a sentir algo... e então quebrei meu coração e Brandon me perdoou e de repente, eu o tinha pedido em casamento e...

— Você quebrou o coração da minha garotinha? – Ele interrompe Allegra, me encarando enquanto um nervo de seu pescoço parece pulsar – e ela teve que te pedir em casamento? Que tipo de homem você é?

— Pai... não é isso...

— Allegra, não se meta nisso.

— Ele é meu noivo, nós vamos nos casar... você pode parar?

— Claro... só preciso de um minuto – ele responde e some escada acima, nos deixando sozinhos com a mãe de Allegra.

Não descolo meus olhos da escada porque parece que algo está prestes a acontecer. Elisabete nos diz que vai ficar tudo bem e que Jason está tendo uma crise de ciúmes. Ela nos oferece algo para comer e cerca de dez minutos depois, a campainha toca. Allegra olha para a mãe com irritação e pergunta:

— Ele fez, não é?

— Conhecendo seu pai, sim, ele fez.

— O quê? – pergunto confuso.

— Acho que vai conhecer o resto da minha família mais rápido do que previmos.

Capítulo 22

Brandon



Vinte minutos depois de a campainha tocar pela primeira vez, estou cercado de todos os homens da família. Até mesmo o primo que Allegra jurava ser pacífico, está lá. O pai, os tios, primos e os irmãos – uma dupla enorme e assustadora de terno ajustado, como dois lutadores de MMA em noite de premiação. Estava no sofá com Allegra ao meu lado enquanto todos pareciam discutir ao nosso redor.

James, o primo mais novo, parecia narrar o quão mal encontrou Allegra há algumas semanas e me sinto mal pelo jeito que a deixei naquele dia. Minha noiva aperta minha mão, tentando me dar forças até que perde a paciência.

— Vocês todos podem parar! – ela diz alto e todos param para olhá-la – Vou me casar com Brandon. Já tomei essa decisão. Ele queria vir aqui e pedir minha mão para meu pai porque ele fazia questão... mas com toda essa palhaçada... eu só... Bran, podemos ir?

Allegra se levanta e pego sua mão, ficando em pé ao seu lado. Olho para todos os homens intimidadores daquela sala, incluindo Jason, o pai de Allegra e dono original do par de olhos azul-claros que gosto tanto.

— Amo a sua filha, Hunt. Quero casar com ela, ter filhos. É um amor tão grande que explode no meu peito e faz coisas engraçadas... Quero que ela seja feliz, que tenha tudo o que sempre quis. E eu sei que vir aqui pedir a mão dela era essencial porque vocês todos são importantes para ela.

— Olha só... – James fala, mas Jason faz um movimento para que ele se calasse.

— Queria que nossa história não fosse tão conturbada, mas foi do jeito que deveria ser. Respeito a opinião de vocês e até mesmo aceitaria o primeiro soco e, meu amor, – digo, virando para Allegra – depois do primeiro,

realmente teria que bater na sua família de volta.

— É justo – ela responde simplesmente, segurando um riso leve.

— A questão é: sei que todos vocês a amam e fariam de tudo por ela. Sei que querem protegê-la de mim e já gosto de vocês por isso. Mas a quero a meu lado, e vou passar por cima de qualquer coisa, qualquer pessoa por isso. Queremos vocês ao nosso lado para isso. É importante para a Alle, mas ao mesmo tempo, para meu mundo estar completo, só preciso dela e, no momento, a estão irritando tanto que ela quer ir embora. A pergunta é: vocês querem que ela vá?

— Tudo bem... – Jason diz, simplesmente – Não sou nenhum exemplo de relacionamento e acho que todo mundo aqui dentro dessa sala também não é. Ela é nosso bebê, a nossa filha mais nova... Você me prometa que vai cuidar dela como se fosse a coisa mais preciosa que já passou por você e saiba: qualquer merda que você fizer, estamos prontos para te pegar. E somos muito maiores. Você não teria chance.

Ele faz questão de baixar a voz de forma ameaçadora na última frase e engulo em seco.

— Tudo bem... chega dessa competição de quem tem o pau maior – diz Elisabete, nos encarando – Allegra vai casar, rapazes! Fim de história... todos para suas casas. Amanhã almoçamos todos juntos sem esse excesso de testosterona na minha casa.

— Mas mãe... – Trevor reclama.

— Vocês todos têm casa... E quanto a vocês, Logan e Matt – ela diz, apontando – Emma e Sarah vão saber sobre isso. E você também, Nolan. Alice vai saber disso.

— Jason estava ali com Alice, Lizzie... – Logan responde sorrindo tímido e se vira para o genro – sem ressentimentos, Nolan.

— E com Liv e Mandy. Nosso irmão precisava de um apoio.

Elisabete ri e coloca um a um para fora, dando um abraço apertado nos filhos e se virando para nós com um sorriso nos lábios.

— Ninguém morreu... isso é bom – Allegra me encara e cai na gargalhada. É contagiante e faço o mesmo. Nós três rimos de chorar enquanto Jason ainda nos encara meio ressentido.

∞∞∞

Jason nos coloca em quartos separados e rolo na cama sentindo falta de

Allegra. A casa está silenciosa e decido me aventurar pelos corredores em busca de minha noiva. Quando chego ao quarto infantil, fico com receio de bater e empurro a porta de madeira dando graças a Deus por ela abrir.

Allegra levanta a cabeça em minha direção, ainda deitada na cama, e sorri e sinto que valeu a pena me esgueirar até aqui, mesmo correndo o risco de começar uma briga com o pai dela.

— Você demorou.

— Estava me esperando, amor?

— Posso sonhar – ela diz sorrindo – Não consegui dormir.

— Nem eu. Me acostumei a ter você comigo, acho que vai ter que se mudar para meu apartamento.

— Ou você se mudar para o meu.

— Não me importo contanto que isso signifique que não vou mais passar um dia sem você comigo – respondo e caminho até a cama, dando um beijo profundo enquanto me deito sobre ela. Ela usa uma camisola suave ao toque e tudo o que mais quero é tirá-la de seu corpo.

Desço meus lábios por seu pescoço, criando uma trilha de sua clavícula até perto de seus seios. Allegra puxa sua camisola para fora, me fazendo encarar seu corpo sob a luz da lua que entrava pela janela e se encaixa em meu quadril, se esfregando desavergonhadamente em meu pau. Junto nossos lábios novamente em um beijo febril. As unhas de Allegra raspavam sobre minhas costas.

— Nós precisamos ficar quietos, amor – sussurro em seu ouvido. Ela geme mais alto e sinto meu membro crescer nas minhas calças de pijama, tentando abafar os sons que saem de sua boca.

— É muito...

— Posso fazer isso ficar muito bom se você ficar quietinha...

— Merda, Bran – ela sussurrou de volta com a respiração errática. Allegra nunca xingava a menos que estivesse perto. *Porra, eu também estava.*

Giro-a sobre o colchão, a colocando de quatro. Allegra empina sua bunda para mim e me ajeito, tirando meu pau para fora e brincando com sua entrada. A tensão sexual no quarto era crescente. Ela fundava sua cabeça no travesseiro, tentando afogar os gemidos a cada vez que minha ereção tocava seu clitóris sensível.

Sinto meu membro começar a vaziar e sei que não consigo segurar muito mais. Me afundo em Allegra, abafando um gemido baixo em seu ombro. Ouço seu sorriso leve e sei que ela ama quando me leva à loucura. Sinto seus músculos internos me apertarem e aumento o movimento dos quadris, bombeando com força contra sua buceta. A cada estocada, ficamos mais frenéticos e sinto que Allegra está prestes a gozar.

Brinco com seu pescoço enquanto ela continua a deixar marcas de arranhão em minhas costas. Empurrava dentro e fora, martelando, até ouvir um pequeno gemido e Allegra cair para frente, quase sem forças. Sinto o formigamento em minha coluna e com um impulso a mais, gozo com força, caindo sobre ela.

Ajeito-me na cama e percebo Allegra sonolenta. A puxo para mim, entrelaçando nossos corpos. Nunca me cansava dela.

Acordo novamente com o dia clareando e corro para meu quarto, praguejando sobre ser pego por Jason Hunt com sua filha nua. Tenho 33 anos e estou me esgueirando por corredores para ficar com a mulher que amo. Estou quase lá quando vejo uma sombra e paro, um pouco assustado.

— Está tudo bem, sou apenas eu – diz a mãe de Allegra, sorrindo para mim com cara de sono.

— Eu estava... – Tento pensar em qualquer mentira, mas sou incapaz. Não deveria estar me sentindo como um adolescente pego em flagrante, mas Allegra me tem nesse ponto desde que a conheci.

— Sei onde estava – ela ri – Jason não seria tão tranquilo quanto a isso.

— Percebi depois de ontem.

— Escute, está tudo bem... se dependesse de mim nem em quartos separados estariam, mas Jason não está aceitando muito bem que Allegra tem alguém. Parece esquecer que nós estávamos juntos muito antes disso.

— Não consegui evitar.

— Conheço o sentimento – ela sorri – vai descansar um pouco. O resto da família vai chegar para o almoço e não darão um minuto de paz para vocês dois.

— Obrigada por não fazer disso uma grande coisa. É que sua filha e eu...

— Ah sim... eu tenho uma condição para não fazer disso uma grande coisa – Elisabete diz. Ela é tão calma e sorridente que percebo quão intimidadora pode ser a mãe de Allegra. Ela poderia fazer um santo confessar todos os pecados.

— Que condição? – pergunto incerto.

— Netos.

— Posso fazer isso – respondo, abrindo um sorriso – quando e se sua filha quiser, obviamente.

— Menino esperto! – ela diz e pisca, se virando para o corredor – vá descansar. Bem-vindo à família, Brandon!

Dormi um pouco mais e, depois de acordar pela segunda vez, entrei na cozinha para encontrar Allegra abraçada com sua xicara de café. O resto da família chegou na hora do almoço e tivemos uma refeição agradável. Descobri que homens Hunt são muito mais cavalheiros perto de suas mulheres. Allegra me apresenta suas tias e as primas e fico impressionado com o tamanho da família. Todas elas querem ouvir sobre como nos conhecemos e olhar o anel de noivado mais de perto.

Estamos esgotados depois de algumas horas. Allegra me abraça feliz e sei que é o mais importante. Minha noiva se oferece para darmos um passeio depois da refeição para ter um momento só de nós dois. Ela me leva para conhecer o píer e tomamos sorvete enquanto andamos de mãos dadas. Era idílico.

Quando estamos quase chegando em casa novamente, vejo uma figura que nunca mais esperava ver. Minha ex-mulher estava parada a algumas casas a frente, escrevendo algo em seu telefone. O tempo foi generoso com ela.

Stephanie parecia melhor, menos dura do que era na época de nosso casamento.

— Stephanie!? – pergunto mais alto do que deveria.

— Brandon... o que faz em Los Angeles?

Ela me encara por alguns segundos até seus olhos caírem sobre minhas mãos entrelaçadas nas de Allegra. Ela olha curiosa para minha noiva e dá um sorriso leve, como se isso a agradasse.

— Visitando algumas pessoas – respondo sem muitas explicações – Você está bem?

Stephanie para alguns segundos e Allegra nos encara, procurando por alguma resposta. Quando ela percebe que está tudo bem, dá um suave apertão na minha mão e solta nossos dedos, me sorrindo levemente.

— Vou na frente, tudo bem? – Ela espera por alguma confirmação minha. Aceno e ela caminha a nossa frente, cumprimentando levemente Stephanie no processo. Acompanho Allegra com olhar e só volto minha atenção para minha ex-mulher depois de ela abrir a porta e sumir da nossa visão.

— Ela é bonita... namorada?

— Noiva.

— Tão cedo?

— Quando a gente sabe, sabe... – digo, dando de ombros – você parece melhor.

— A Califórnia foi mais gentil comigo. Tinha tantas coisas que precisava pensar e trabalhar depois que sai de Nova York. Nós casamos pelos motivos errados, posso ver agora – ela diz e suspira – Brandon... você é feliz?

— Sim – respondo prontamente e ela me abre um sorriso.

— Lembra como era difícil responder essa pergunta? Você respondeu tão

rápido.

— Porque eu sou feliz, como nunca fui antes – respondo e o sorriso dela parece se apagar. Não foi uma crítica – sem indiretas.

— Eu sei...

— E você, está feliz?

— Estou trabalhando nisso. Foi bom ver você, Brandon. Quando nos separamos, as coisas ficaram um pouco loucas. Nós não deveríamos ter acontecido, mas, ao mesmo tempo, nunca fui uma pessoa horrível.

— Sim... é. – respondo e olho para a casa dos pais de Allegra. Temo que essa converse vire uma sessão de terapia e procuro uma saída — Preciso ir.

— Pode ficar tranquilo, não vai me ver tanto por aqui. Vim visitar um cliente.

— Está tudo bem, Stephanie. Sou um defensor de que precisaria passar pelo que passamos para chegar aqui.

— Eu sei... Estou feliz de ver você – ela diz e estende a mão para mim. Aperto com certo afeto e solto, olhando para trás. Cumprimentamo-nos uma vez mais e volto a caminhar em direção à casa.

Coloco o código como Allegra instruiu e assim que abro a porta, a encontro sentada do lado de fora. Allegra me encara meio preocupada.

— Ei... está tudo bem?

— Sim... apesar de saber que essa porta foi fechada há alguns anos, é bom saber que não existe ressentimento, sabe? Ela está bem, eu estou feliz por ela e por mim.

— Eu só...

— O que foi, meu amor?

— Confio em você, mas estava com medo. Ela te traiu, te fez sofrer, você não a via...

— Se você está sugerindo que eu iria querer minha ex-esposa de volta, estamos por um caminho louco, amor.

— Não é isso... – ela diz e se abraça, virando as costas para mim – foi difícil fazer você me ouvir, me dar uma chance. Muito pelo que eu fiz e pelo jeito que ficou quando seu casamento terminou. Por alguns segundos, fiquei com medo de voltarmos para o mesmo ponto...

— Não vai se livrar de mim tão fácil, amor.

— Mesmo? – ela pergunta e se vira para mim, caminhando para meus braços.

— Você é meu presente, meu futuro. De alguma forma, também é meu passado. É bom passar pela vida evitando alguns ressentimentos. Ver que está tudo bem com Stephanie, que conseguimos ser civilizados um com o outro, é bom.

— Fico feliz – ela diz e me beija levemente.

— Agora chega de falar do meu divórcio. Estou mais interessado em determinado quarto infantil com uma cama de colcha rosa que não vi direito ontem à noite. Preciso vê-la nua antes que seus pais percebam que voltamos e me deixem com bolas azuis pelo resto do dia.

Allegra me sorriu e pulou em meu colo, colocando suas pernas em minha cintura. Correndo como duas crianças, ela me levou para o ambiente todo rosa e florido, onde passou a infância e a adolescência.

Capítulo 23

Allegra



— Não tivemos nenhuma grande crise, não é? – pergunto enquanto desembarcamos no JFK. Apesar da briga de egos da ala masculina da minha família, o final de semana foi bom. Estava com saudades de mamãe e papai e ver todos juntos com Brandon me fez feliz.

— Agora você precisa conhecer a minha família. Eles vêm para Nova York na semana que vem.

— Já!? – pergunto surpresa. Não é como se tivesse medo da reação deles, mas ao mesmo tempo... É um grande passo. *Tão grande como um noivado*, Allegra. Penso.

— Ninguém vai te acusar de quebrar o coração do garotinho deles, se é o que você tem medo.

— Desculpe se meu pai é superprotetor – falo envergonhada – mas sobrevivemos.

— Vai ser muito mais tranquilo... Você conhece Carol, meus pais estão eufóricos por você...

Droga, droga, droga.

Que tipo de amiga eu sou? Quando tudo isso começou, só ignorei Carol propositalmente porque nem eu entendia meus sentimentos por Brandon, quem dirá explicar para a irmã dele toda a minha confusão amorosa. Mas depois... Sou uma péssima amiga e uma péssima cunhada.

— Caramba, Carol! Fiquei sem graça de dizer que estava apaixonada pelo irmão dela. Depois que nos acertamos só não tive tempo... ela vai me matar!

— Vamos, amor. Pare de sofrer por antecipação. Ela vai entender.

Eu tinha uma semana para fazer meu melhor com os pais de Brandon e arranjar uma desculpa para Carol. Brandon marcou um almoço no

apartamento de Nova York, o mesmo da festa de aniversário de cinco anos atrás.

Minha cabeça foi longe quando voltamos ao trabalho, e nossa rotina ficou agitada. Algumas contas novas chegaram à Future e as pessoas começaram a se acostumar comigo e Brandon. Ele deixou cada vez mais responsabilidades comigo e só era acionado em crises como a do banco de dados – uma tentativa de me fazer entrar cada vez mais nos negócios e evitar boatos de que estávamos fazendo outras coisas na sala dele em vez de trabalhar.

Acordamos tarde no sábado, e pulando nossa corrida mais uma vez – e felizmente Brandon me obrigava a me exercitar durante a semana – tomamos um café tardio na varanda de Bran, com vista para o rio Hudson. Nós estávamos em dúvida sobre o que fazer: eu tinha um bom apartamento no Chealsea, Bran tinha o duplex em Tribeca. Estava quase dando meu braço a torcer por essa vista.

Chegamos à casa do Upper East Side por volta de meio-dia. Não tinha voltado aqui desde o dia da festa de Carol. Olhei ao redor, rodeada de lembranças sobre o apartamento lotado, a música alta e a porta da adega.

— Nós trocamos a porta – ele diz, acompanhando meu olhar – não queremos mais ninguém preso aí embaixo.

— Isso é uma pena.

— Se você se comportar bem, posso te levar para um passeio aí embaixo mais tarde – ele fala, piscando e o puxo para mim, para um beijo leve.

— Oi! – diz uma voz atrás de nós e nos separamos como duas crianças pegas em flagrante.

— Finalmente, Brandon! – responde em seguida a voz feminina.

Os pais de Brandon estavam parados atrás de nós com olhar engraçado. Definitivamente eles estavam rindo de nós e de nossa reação. Brandon era uma mistura de seu pai e sua mãe. Os olhos e cabelos chocolates eram idênticos aos de Hannah, mas era possível ver por Daniel como ele iria envelhecer. Talvez com mais barba, com cabelo rebelde e tatuagens, mas eram praticamente iguais em altura e jeito.

Hannah caminhou até mim suavemente e me abraçou sorrindo. Brandon me contou sobre o problema na perna da mãe e como ele já foi muito pior. Esperei ela vir até mim porque uma coisa que entendi é que ela era uma força da natureza que nem mesmo a perna ruim iria parar.

— Você é a famosa, Allegra! – Hannah disse sorrindo e me dando um beijo na bochecha – nós ouvimos muito sobre você.

— Mãe! – Brandon disse alto ao meu lado. O observo e vejo suas bochechas vermelhas e acho bonitinho que ele esteja com vergonha mesmo sendo um homem adulto de 33 anos.

— É mesmo? Não sabia que falava tanto de mim para sua família.

— Eles sabem de tudo... como nos conhecemos, como você me enganou...

— Ei... já superamos isso, não?

— Vou fazer você sofrer eternamente por achar coisas que não eram verdade – Brandon responde e me abraça pela cintura, me aproximando dele, que sussurra ao meu ouvido – cada doce castigo, até ficar satisfeito. Talvez alguns tapas nessa bunda...

Merda, esse homem me acendia de um jeito.

— Vocês são tão nojentos! – ouço uma voz feminina e me viro, me soltando dos braços de Bran e correndo para minha amiga.

— Carol!

— Não acredito que está namorando meu irmão, Allegra! De todos os homens... – por que não me contou?

— Aí amiga...

— Noiva – Brandon fala, me interrompendo.

— O quê?! – Carol pergunta, nos encarando confusa.

— Noiva... Allegra me pediu em casamento – ele fala, mostrando minha mão para minha amiga.

— Eu sei que somos lindos e com uma genética ótima, mas pelo amor de Deus! Ele é meu irmão.

— Essas coisas não têm como evitar – digo um pouco envergonhada.

— E lá vamos nós de novo com a lenda dos Blake – diz Daniel, sorrindo e nos encarando.

— Você pode ser um descrente, amor... mas esses dois, eles nem sequer se viram. Acho que você deveria acreditar mais – responde a mãe de Brandon.
Que lenda?

— Acho que deveríamos dar direito de escolha para nossos filhos, não?

— O número um escolheu, estamos à espera da número dois.

— Me tira fora disso, sou ainda muito nova – Carol responde rindo.

— Você faz o que quiser, meu amor – responde Daniel para Carol – a classificação agora é tão abrangente que se você quiser casar com uma planta nós te apoiamos.

— Por favor, não case com bonecos hiper-realistas, é estranho e confuso e não vou conseguir explicar para os meus amigos – fala Brandon, implicando

com a irmã.

— Mas com plantas você acha que é ok?

— Se eu postar uma foto sua segurando uma samambaia não vou ter que explicar muito. Agora com um boneco de dois metros... nossa!

— O que é a lenda dos Blake? – pergunto, vendo a troca de farpas entre irmãos.

— Já te falei sobre isso, amor... – Brandon diz e de repente ele fica muito vermelho, quase envergonhado — Os homens Blake se apaixonam à primeira vista. Eles as veem e eles as querem.

— Há um erro nessa lógica...

— Como mamãe disse... vocês nem sequer se viram – repete Carol.

— Então você se apaixonou à primeira vista? – pergunto, tentando brincar com ele, mas os olhos de Brandon suavizam ao me olhar.

— Até quando eu estava bem puto com você, sabia que te amava.

— Brandon... essa boca, pelo amor de Deus! – diz Hannah.

— Como se a senhora não fosse pior!

Nós continuamos a conversa, animados. Assim como minha família, os Blake se amavam e se protegiam. Sentia-me tão acolhida como se estivesse entre os meus. Nós partimos no início da tarde, depois de um almoço delicioso, prometendo tomar um brunch com Hannah e Daniel antes de eles voltarem para Chicago.

— Você sente falta de Chicago? – pergunto no momento que chegamos em casa.

— De algumas coisas... a comida, alguns lugares da infância, passear na praia...

— É estranho ter uma praia com o vento frio de Illinois.

— Nessa época do ano, só conseguimos caminhar pela praia de Oak Street. Entrar é pedir para congelar. Talvez alguns surfistas se aventurem. Mas é isso. Mas é mais pela sensação, entende?

— O que preciso conhecer de Chicago?

— Quando você for lá, vou te levar em alguns lugares, mas o que quero mesmo é comer pizza. Nem aqui em Nova York acho igual.

— A famosa pizza de Chicago – respondo rindo.

— Sim... Quero te levar lá. Passear, conhecer o resto da família. Agora com Austin e Isabella, os filhos gêmeos de Miles e Brooke, todos ficamos loucos pelos bebês e não conversamos muito.

— Mais um menino Blake. Com sorte, a loucura vai ter passado até lá.

— Pouco provável. Já levamos isso tão longe – ele responde me sorrindo.

— Você acha que está comigo pela lenda? – ela pergunta sorrindo.

— Não entende, né, Alle? – Brandon fala, se aproximando de mim e me enlaçando em seus braços – o destino sempre dá um jeito. Quem diria que você voltaria para mim depois daquele dia?

— Você é um romântico, Brandon Blake.

— O seu amor me inspira – ele responde, sorrindo e pisca para mim, ficando mais sério – eu te amo e não vejo a hora de colocar um anel em seu dedo, de mudar seu nome.

— Ah, Brandon... você criou um monstro. Nunca vou cansar de ser corajosa por você. De dizer que te amo e que quero tudo isso e muito mais.

— E que tal se fizermos sua mudança?

— Hoje pela manhã, percebi que morro de amores pela sua varanda.

— Isso significa que temos uma casa?

— Sim. Vamos organizar minha mudança.

— Seu pai vai ficar uma fera por se mudar antes do casamento.

— Ele vai ter que aprender a conviver com isso. Dessa mudança só me importo com uma coisa.

— O quê?!

— O sofá. Você lutou muito para que eu tivesse um – respondo rindo e Brandon me sorri, me dando um beijo leve.

Lenda ou destino, eu amava esse homem demais para deixar ao acaso. Ele tinha razão: éramos dois covardes no amor que se encontraram e foram fortes juntos. Confiantes, valentes. Um par perfeito.

FIM

Epílogo

Brandon



— Estamos prontos, mesmo? – pergunto pela milésima vez para Allegra. Ela me sorri, me acalmando como sempre.

Com a gravidez avançada, minha esposa está serena, como se estivesse sempre tentando me relaxar. Não sei como ela consegue. Daqui algumas semanas, um pequeno ser humano vai sair de sua vagina com bons pulmões. Abraço-a tentando trazer essa calma para mim enquanto observo de longe a sala lotada. Tenho sido uma bola de tensão como da última vez.

Sim. Era a nossa segunda.

A primeira aconteceu como uma surpresa e perto do casamento, Allegra estava grávida meses depois do nosso noivado. Não planejamos, mas também não tomamos cuidado. Desconfiamos que ela tenha sido feita naquela madrugada em Los Angeles – que terminou com minha sogra pedindo um neto. Quando contei para Allegra sobre isso, ela riu da mãe e brincou se deveríamos ou não contar para seu pai. *Deus me livre da ira de Jason Hunt.*

Reapaixonei-me pela mulher dos meus sonhos e ela me convenceu a trabalhar menos, comer melhor, correr pelas manhãs de Nova York até mesmo no frio. Nós dois éramos felizes no trabalho e na vida. Podia dizer rápido e fácil que era feliz pra caralho. Eu amava Allegra com loucura, e, desde o primeiro dia que coloquei os olhos em Ava, tinha meu coração dividido entre elas duas.

Depois do pedido de casamento e a nossa viagem para Los Angeles, começamos a planejar a cerimônia. Allegra não queria nada grande, mas com espaço suficiente para nossas famílias, amigos e funcionários da Future. Com alguns contatos – de Anna e seus amigos do teatro, principalmente – conseguimos agendar um espaço no McKittrick Hotel em poucos meses. Era

perfeito: no Chealsea, com um jardim e vista para o Empire State e o rio Hudson, além de antes que sua barriga começasse a crescer. Meu coração se encheu de certeza quando ela caminhou para mim, em direção ao altar. Meus olhos se encheram de lágrimas e sabia que era o primeiro passo de muito mais. Tinha chegado em casa.

Ava Elisabeth Blake era uma cópia da mãe, do cabelo cacheado aos óculos grandes demais para sua estatura – assim como Allegra, ela era míope, com pequenos aros redondos que ocupavam parte de seu rosto e escondiam olhos tão azuis como os da minha esposa. Aos seis anos, além de meu cabelo castanho chocolate, Allegra dizia que ela tinha minha personalidade. Teimosa e voluntariosa. Achava um exagero.

— Vai ficar tudo bem, Bran. A casa é enorme, nossas famílias estão aqui. Vai ser um bom jantar de ação de graças – Allegra me responde, descansando sua cabeça sobre meu ombro.

— Estou um pouco tenso, amor. Tem quarenta Hunts aqui. Os Blake ficaram um pouco desfalcados.

— Não seja exagerado! Todo mundo está se divertindo. A mesa está posta, estou me sentindo bem...

— Não queria que se esforçasse tanto.

— Estou feliz, Bran, e Lewis não vai sair daqui pelas próximas semanas – ela me responde, dando um tapinha na barriga.

— Você acordou com dores como a do dia que Ava nasceu.

— Esse bebê está acabando com a minha coluna! – ela fala e sorri tentando me tranquilizar de novo. *Allegra...* — Falei com minha médica, Bran. Qualquer sinal de dor, nós vamos correndo para o hospital. Estamos todos juntos aqui por isso, não? Vai ficar tudo bem.

A gravidez de Allegra tinha sido mais pesada dessa vez. Ela sentiu mais cansaço e enjoos e quando percebemos que ação de graças e natal seriam perto das últimas semanas, anunciamos para meus pais que não iríamos viajar para Chicago. Tinha sido assim todos os anos: natal com uma família e ação de graças com a outra. Com a chegada de Lewis, iríamos passar o primeiro ano só nós três em Nova York.

Ainda morávamos no duplex de Tribeca. Com três quartos, precisávamos não ter mais filhos, mas amava Allegra grávida e me excitava com a ideia de colocar mais bebês em seu ventre. Às vezes me assustava com os pensamentos de homens das cavernas que surgiam na minha cabeça. Ava amava o jardim do terraço e aos seis anos, era dona de uma horta com vista

para o rio Hudson que ia de temperos a pequenos legumes.

Minha mãe sugeriu que os Blake fossem para Nova York e transferimos o jantar de Ação de Graças para o apartamento do Upper East Side. Quando os pais de Allegra souberam, os Hunt decidiram que seria um feriado na cidade que não dorme. Com Sam, Zachary, Caleb e Avery, tínhamos uma casa lotada de gente que amávamos. Com Lewis nascendo perto do natal, todos entenderam que seria um transtorno receber pessoas no feriado seguinte e decidiram estar com a gente nessa refeição comemorativa.

— Papai, papai...! Tia Carol me disse que Lewis está enfeitiçado e não quero meu irmão com uma maldição – Ava diz correndo em minha direção, com sua voz chorosa e se joga no meu colo. *Vou matar Carol.*

— Ela não estava falando sério, querida... há esta brincadeira na família que os meninos nascem enfeitiçados, mas é uma lenda. Nada de mau vai acontecer com seu irmão.

— Ele está na barriga da mamãe ainda, como você pode saber? – ela responde, levantando o queixo e me encarando meio desafiadora.

Meu coração se acelerava cada vez que ela fazia isso porque sabia que a adolescência seria uma fase complicada. *Aprendi a não julgar Jason Hunt quando ela começou com isso.* Allegra riu, vendo nossa interação e apostava que ela iria jogar na minha cara que isso era porque Ava tinha puxado minha personalidade. Até hoje Allegra não aceitava que ela também era teimosa e irritante quando queria.

— Porque sei das coisas, meu amor. O papai também nasceu com isso – respondo rindo – nada vai acontecer.

— Mas e se...

— Seu pai está certo, querida – Allegra fala com um sorriso no rosto, me salvando de uma discussão com nossa filha de seis anos — Vai ficar tudo bem. Você sabia que eu enfeitei seu pai?

— Você é uma bruxa? – ela pergunta com aquele ar infantil inocente e caímos na gargalhada.

— Allegra, Bran... me desculpem! – Carol entra na sala, se desculpando enquanto olha Ava no meu colo – Só não pensei...

— O que está acontecendo? Quem fez minha menininha chorar... Blake, o que fez dessa vez? – Diz Jason em nossa direção e puxando Ava para seu colo. Ele é ridiculamente delicado com Ava, enquanto a nina em silêncio. Meu sogro nasceu para ser avô. Um avô brutamontes, mas um avô.

— Qual é o seu maldito problema com os Blake, Hunt? – meu pai grita da

outra ponta da sala, caminhando até nós dois, e apontando para Jason.

A sala começa a entrar na discussão e no meio de risadas, gritos e algumas manifestações masculinas entre os Hunts e Blakes. Allegra olha para mim e tudo fica quieto ao nosso redor, a confusão esquecida em um canto. Seu olhar doce e meio tímido apesar de todos esses anos juntos. Abaixo minha cabeça em sua direção, juntando nossos lábios. Ainda sinto a mesma eletricidade.

Amo essa mulher com tudo no meu coração. Tudo que Allegra me deu na nossa vida juntos. Encosto minha testa e suspiro, sentindo o cheiro tão dela e que me deixa sempre acendido.

— Acha que devemos separar? – pergunto baixo para apenas ela ouvir.

— Deixa eles. No nosso casamento foi algo parecido e tudo terminou bem.

— Mas é ação de graças...

— E agradeço pela nossa família, mas agradeço muito mais por essa distração – ela diz e sussurra no meu ouvido com uma voz sensual – ninguém vai reparar que sumimos se sairmos agora.

Essa é outra vantagem de Allegra grávida. Ela está sempre pronta e com vontade de fazer amor, como se não pudesse esperar.

— Eu e você em um quarto, senhora Blake?

— Eu e você para sempre – ela responde e pega na minha mão, entrelaçando nossos dedos – agora vem, antes que eles percebam!

Escapamos pela lateral do cômodo sem sermos vistos. Subimos as escadas enquanto ouvimos mais risadas que gritos. Isso é bom... ninguém vai se matar, mas também significa que temos pouco tempo.

Quero aproveitar todos eles.

FIM

Comentário da autora:

Tenho um carinho especial pelos Hunt e pelos Blake, pois foram as séries que me mostraram que poderia ter uma carreira escrevendo. Esse livro foi fruto de uma loucura em forma de agradecimento: juntar meus personagens queridos para vocês. E como eles precisavam de um lugar neutro, já que cada um morava em uma ponta dos Estados Unidos, trouxe “Par Imperfeito” para Nova York.

Foi aí que o universo de personagens aumentou ainda mais e surgiram alguns rostos conhecidos de “O meu Conto de Fadas” – e se você quiser saber como Sam conheceu Zachary, [o livro está disponível na Amazon.](#)

Obrigada por acompanharem e gostarem dos meus livros, vocês não sabem a diferença que isso faz!

Deixe seu comentário na página da Amazon, é muito importante e me ajuda a publicar cada vez mais!

Se inscreva na [minha lista de e-mails](#), tenha acesso a mimos exclusivos saiba as novidades em primeira mão – [Saiba mais aqui](#).

Me envie um e-mail em thekathyork@gmail.com ou mensagem através do Instagram <https://www.instagram.com/katherineyorkautora> e Facebook <https://www.facebook.com/thekatherineyork>

Acompanhe minhas novidades em meu site
<https://www.katherineyork.com.br/> ou no Wattpad
<https://www.wattpad.com/user/KathYork>

**Algumas palavras foram modificadas por escolha estilística da autora.*

Proibida a cópia total. Cópia parcial apenas para resenhas. Todos os direitos reservados. License: All rights reserved Imagem de cleanpng.

Outros livros da autora

Série Os Irmãos Hunt

[À Primeira Vista](#)
[Amor Inevitável](#)
[Sempre Foi Você](#)
[Marcas do Passado](#)
[Meu Destino](#)

Série Dos Meus Sonhos

[O Homem dos Meus Sonhos](#)
[Lista de Desejos](#)

[Feita pra Mim](#)

Série Primeiros Amores

[O Coração do Cowboy](#)

[O Coração do Cafajeste](#)

Outros Livros

[Como Ganhar Seu Coração](#)

[Contrato de Amor](#)

[A Bailarina](#)

[O Meu Conto de Fadas](#)

[Ardente Tentação](#)

[Contrato com o Destino](#)